

“A lei, por si só, não pode acabar com a violência doméstica”

Há 14 anos, a Lei Maria da Penha age em favor das mulheres. Em entrevista exclusiva, a própria Maria da Penha Maia Fernandes fala sobre segurança feminina e violência no lar. [Página 4](#)



Foto: Cid Moreira/divulgação

Foto: Marcus Antonius



A tranquilidade de Cruz do Espírito Santo

Situado próximo a João Pessoa, município é conhecido pelas usinas de cana-de-açúcar e pelo clima agradável, que se assemelha às cidades do Brejo. [Página 8](#)

Paraíba

‘Se Liga no Enem’ se reinventa com a ajuda da internet

Professores mergulham no mundo digital para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia do novo coronavírus. [Página 5](#)

Foto: Divulgação

Cultura



No ritmo de Firmino Percussionista paraibano que tocou com Alceu e Elba fala sobre sua carreira. [Página 9](#)

Diversidade

Nova onda negacionista rejeita a racionalidade

Movimentos que se baseiam em “teorias da conspiração” ganham espaço no mundo todo e ameaçam a segurança e a saúde da população. [Página 15](#)

Foto: Ester Vasconcelos/Treze



Esportes

Neste domingo Treze tem a chance de alcançar sua primeira vitória na Série C no Amigão. [Página 12](#)

Almanaque

O be-a-bá inovador da professora Adélia de França

Mãe da cantora e compositora Cátia de França, docente fez história com métodos avançados para a João Pessoa do início do século 20. [Página 17](#)



Ilustração: Tônio

Pensar

Globalização
Processo social que transformou o mundo numa “aldeia global” tem raízes na origem do capitalismo, amplia fronteiras, mas também intensifica desigualdades.



Esclerose Múltipla: 30 de agosto é dia de prestar atenção na doença neurológica

Ainda pouco conhecida, doença afeta pelo menos 364 paraibanos, dos quais 24 descobriram, este ano, que possuem a enfermidade inflamatória e autoimune. [Página 3](#)

Doar é Salvar

doe sangue
doe plasma



Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465
De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

Editorial

Reação

A sociedade paraibana finalmente decidiu reagir à poluição sonora provocada pelas motocicletas cujos sistemas de escape estão danificados ou foram adulterados para produzir ruídos semelhantes às velhas metralhadoras dos tempos da Segunda Guerra Mundial. Grupos foram constituídos, por exemplo, nas redes sociais, para reforçar o enfrentamento do problema.

A Polícia Militar da Paraíba também intensificou a fiscalização e, por meio de operações como Barulho Zero, estabeleceu uma nova frente de batalha para combater a circulação de motocicletas com escapamentos irregulares. A cidadania incomodada aplaude o trabalho da polícia e espera que as operações se tornem regulares, para coibir, de uma vez por todas, o abuso.

Este jornal já publicou alertas, inclusive neste espaço editorial, reivindicando ações de maior envergadura, destinadas a refrear a moda das motocicletas com escapes modificados com o objetivo de fazer zoada. O problema, ao que parece, intensificou-se, nos últimos meses, em virtude do aumento dos serviços de entrega em domicílio e diminuição de automóveis circulando nas ruas.

Já se falou aqui que sindicatos e empresas de algum modo relacionados aos serviços de entrega de produtos por meio de motocicletas podem dar uma efetiva contribuição para dar um fim a essa modalidade de poluição sonora. Os restaurantes e farmácias, por exemplo, só admitiriam pilotos cujas motocicletas estivessem com os escapes regulares ou com silenciadores adaptados.

Há quem pense que se faz tempestade em copo d'água. Que barulho de motocicleta é problema de segunda ou terceira importância. Está redondamente enganado. Cidades mais silenciosas têm a ver com civilidade, portanto, com educação, respeito à lei, ao outro, enfim, a desenvolvimento. Pilotar motocicletas com o escape corrompido remete à barbárie. Não pode.

A meta da sociedade deve ser o bem-comum. Poluição sonora é um problema de saúde pública, por conseguinte, também de polícia. Ninguém tem o direito de sair pelas ruas fazendo o que bem entende. A convivência social é regulada pela norma escrita, que é a lei. Afrontá-la é sujeitar-se à reação da regra, que, nos casos graves de transgressão, pode resultar em multa e/ou prisão.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Que venha setembro!

Estou em dúvida comigo mesmo. Devo amanhecer esta terça-feira ouvindo a canção de Ronaldo Bastos e Beto Guedes ou cantando os versos de Paulinho Soledade? Em outras palavras: ouço "Quando entrar setembro/ E a boa nova andar nos campos/ Quero ver brotar o perdão/ Onde a gente plantou/ Juntos outra vez..."? Ou canto: "Vê, estão voltando as flores/ Vê, nessa manhã tão linda/ Vê, como é bonita a vida/ Vê, há esperança ainda./ Vê, as nuvens vão passando/ / Vê, um novo céu se abrindo/ Vê, o sol iluminando/ Por onde nós vamos indo"? Pensem numa incerteza! Não digo perturbadora, até pela leveza poética das composições, mas é que são duas formas de saudação de difícil escolha para quem acredita na força do amor e da natureza. Especialmente quando tanto se deseja estar juntos outra vez e se quer ver nuvens passando para um novo céu se abrir. Em meio à hesitação, talvez decida não ouvir uma coisa nem cantar

a outra, mas, sim, apanhar logo hoje o DVD de uma comédia romântica que tem tudo a ver com a passagem de agosto para o novo mês. Claro que me refiro a "Quando setembro vier" (1961), de Robert Mulligan. Não seria uma boa?

Bem, falar em comédia romântica, eis um gênero de filmes que teve alguns dos seus melhores momentos entre os anos 1950 e 60. Atribui-se a origem do estilo a "Aconteceu naquela noite" (1934), de Frank Capra, com Clark Gable e Claudette Colbert. Capra assinaria pelo menos mais um clássico nesta linha: "O Galante Mr. Deeds" (1936), com Gary Cooper e Jean Arthur. O meu gosto pela comédia romântica brotou, na realidade, de "A fonte dos desejos" (1954), de Jean Negulesco. Além do elenco de primeira (Jean Peters, Dorothy McGuire,

Clifton Webb), o filme trazia a voz de Frank Sinatra cantando "Three Coins in the Fountain", vencedora do Oscar de melhor canção naquele ano. Puro encantamento. A fita estreou aqui no Cine Plaza em cuja sala de exibições causaram furor entre os adolescentes dois outros exemplares da categoria: "Confidências à meia-noite" (1958), de Michael Gordon, com Rock Hudson e Doris Day, e... "Quando setembro vier" (1961), com o mesmo Rock Hudson, Gina Lollobrigida e Sandra Dee. Este filme reabriu o Plaza, que passara por reforma radical em suas instalações. No escurinho do cinema, chupando drops de anis, muitos casais se enamoraram também sob as cintilações de "Candelabro Italiano" (1962), de Delmer Daves, com Troy Donahue e Suzanne Pleshette, celebrado pela sequência em que Emilio Pericoli canta a arrasa corações "Al di là", de Carlo Donida. Outro título que arrancou suspiros da plateia jovem foi "Bonequinha

de Luxo" (1961), de Blake Edwards, com Audrey Hepburn e George Peppard tecendo um romance urdido pela voz de Andy Williams na imortal "Moon River", da dupla Johnny Mercer e Henry Mancini.

Todas essas produções eram em cores, mas a memória colorida que elas trazem não apaga a lembrança de dois filmes em preto e branco que serão para sempre referências da comédia romântica no cinema: "A princesa e o plebeu" (1953), de William Wyler, e "Sabrina" (1954), de Billy Wilder, ambos exibidos no Rex e protagonizados pela inesquecível Audrey Hepburn, a plebeia que tinha porte de princesa cujo magnetismo pessoal ainda hoje mata de saudades escravos do romantismo leve e solto na tela (ou no vídeo). De ouvido nas canções ou de olho nas imagens, bom setembro para todos!

Formas de saudação de difícil escolha para quem acredita na força do amor e da natureza.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

No país dos Caras Pálidas

Esse negro que a polícia dos brancos matou nos EUA não será o último, assim como não foi o primeiro. Ainda nem se tirou o luto pela morte do penúltimo mártir da guerra racial e vem um filho da égua e mata um trabalhador e pai de família com sete disparos de ponto quarenta nas costas. O irmão que recebeu tamanha descarga é duro de morrer: a arma curta que a polícia dos EUA está usando é a Glock 10 mm, sem dúvida a melhor pistola da atualidade.

A Glock é uma pistola austríaca que recebe um magazine (ou pente, ou carregador) capaz de acondicionar até 15 cartuchos de 10 mm. // A Glock é uma pistola austríaca que recebe um magazine (ou pente, ou carregador) capaz de acondicionar até 15 cartuchos de 10 mm. //

proibida por convenção internacional (terá sido a de Genebra?). Por isso, os ingleses fabricavam a dum dum em Dumdum, para mutilar os indianos.

Sem dúvida, a Glock é uma pistola que está gerações à frente das outras. Ela não enferruja (é feita de polímero). Isso tem seu preço. Ela não enferruja nem dispara acidentalmente: tem um engenhoso e simples (colômbico) sistema de trava. Você pode encontrar a Glock, nos calibres de uso civil nas boas casas do ramo, legalizada. Pois é entendimento do Governo brasileiro que o cidadão pode andar armado para se defender do marginal - esse muito armado, com submetralhadoras, metralhadoras, fuzis metralhadores e metralhadoras antiaéreas e até revólveres, pistolas e granadas.

Que se adotem medidas preventivas rigorosas para a licença de aquisição de armas e o porte delas. Pois o efetivo da marginália é muito superior ao efetivo das forças de segurança brasileiras. Na época em que se ia votar o Estatuto do Desarmamento, o presidente da associação dos sindicatos dos delegados brasileiros declarou à imprensa que o governo do Brasil não tinha como garantir a vida e a propriedade dos cidadãos.

Agora veio essa ameaça oficial: os negros e pobres não podem portar armas, só a polícia dos brancos, com licença para matar.

Domingos Sávio
savio_tel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Esclerose múltipla: é preciso saber mais sobre a doença

Dia Nacional de Conscientização chama atenção para a doença neurológica, inflamatória e autoimune, ainda pouco conhecida

Sara Gomes
sara.gomes.silva@gmail.com

“Eu nunca tinha ouvido falar sobre esclerose múltipla. Mas, desde os 15 anos, sentia dormência nas pernas e perda de força muscular. O quadro se agravou após o parto dos meus três filhos. O surto da doença se apresentou através de uma neurite óptica (baixa da visão), mas o oftalmologista achou que era estresse, então, acabei perdendo a visão de um olho. Por isso, a campanha Agosto Laranja é tão importante para informar a população”, afirmou Suzana Gonçalves, diagnosticada aos 51 anos. O 30 de agosto é o Dia Nacional de Conscientização sobre a Esclerose Múltipla.

Suzana é uma das 364 portadoras de esclerose múltipla na Paraíba. Deste total, 24 novos casos foram diagnosticados apenas em 2020. Para prevenir diagnósticos tardios como o de Suzana, o Ministério da Saúde criou o Agosto Laranja – mês dedicado à divulgação da doença, cujo Dia Nacional da Conscientização da Esclerose Múltipla é comemorado neste 30 de agosto.

A esclerose múltipla é uma doença neurológica, inflamatória e autoimune, no qual o próprio sistema de defesa lesa a bainha de mielina - camada protetora que envolve os nervos. Esta doença acomete o sistema nervoso central (SNC) ou seja, o cérebro e a medula.

“Utilizo meu Instagram @maturidademultipla para produzir conteúdo a respeito. A falta de informação faz você perder tempo indo a vários médicos, pois não é uma doença de fácil diagnóstico. Eu não tinha força muscular e vivia caindo, mas não sabia o porquê. Se você já conhece os sintomas,

fica bem mais fácil ter a orientação adequada. Recentemente, observei alguns sintomas em uma jovem do Pilates, sugeri que consultasse um neurologista, um mês depois, foi diagnosticada com EM”, revelou Suzana.

De acordo com a neurologista e coordenadora do Centro de Referência de Esclerose Múltipla da Paraíba (Crem), Bianca Oliveira, a doença não tem cura, mas possui tratamento. Ela acomete, em sua maioria, mulheres jovens, entre 20 e 40 anos de idade, sendo 10% abaixo de 20 anos, e 20% delas, acima de 50 anos. “Ela é considerada multifatorial, por isso, não tem uma causa específica. Além disso, o diagnóstico é feito por descarte de todas as doenças autoimunes”, afirmou.

Já Karen Lopes, 33 anos, descobriu a doença há quatro anos. Após ter sofrido uma queda, procurou um ortopedista. Ao relatar os sintomas, foi encaminhada a um neurologista. Um mês depois, foi diagnosticada com esclerose múltipla. “Eu não sabia que essa doença podia surgir em pessoas jovens. No começo, fiquei bem assustada, mas não deixei de fazer nada na minha vida. Eu tinha dois empregos, era professora e gerente de um comércio, porém, um ano depois, comecei a ter falta de equilíbrio e fiquei sem força nas mãos; eu estava piorando sem ter surtos. Após nova consulta, os exames clínicos concluíram que a EM era do tipo secundária progressiva e, atualmente, estou afastada pelo INSS. Apesar das limitações que a doença me trouxe, aprendi a lidar melhor com ela. Fazer ioga e meditar todos os dias tem me ajudado a manter o equilíbrio”, concluiu.



Suzana Gonçalves e Karen Lopes foram diagnosticadas com esclerose múltipla, aprenderam a conviver com a doença e ressaltam a importância de se informar sobre o problema

/// A esclerose múltipla é uma doença neurológica, inflamatória e autoimune, na qual o próprio sistema de defesa lesa a camada protetora que envolve os nervos. ///

Diagnóstico precoce da doença é fundamental

O neurologista Christian Diniz conta que um dos principais problemas é a procura tardia pelo médico e destaca que o acesso à informação sobre os sintomas é um fator determinante para a identificação precoce da doença. Por isso, a importância do Agosto Laranja, mês de conscientização sobre a esclerose múltipla.

“É uma iniciativa para alertar as pessoas sobre a importância de saber mais sobre esta doença, seu diagnóstico e tratamento precoce para que os pacientes possam ter maior qualidade de vida. Além disso, é importante reforçar a população que muitas vezes sente manifestações simples como

dormências, dificuldade de mobilização dos membros, mas ignora os sinais”, comenta Christian.

A esclerose múltipla é crônica e rara e é uma das causas mais frequentes para déficits neurológicos em pessoas jovens. O caráter autoimune faz com que ela atinja o sistema nervoso central por meio da destruição da mielina que recobre os nervos. Com isso, ocorrem perturbações da comunicação entre o cérebro e o corpo.

De acordo com o neurologista, alguns pacientes não manifestam sintomas, enquanto outros possuem surtos sintomáticos. “Em geral, durante esses episódios, eles apresentam

dormência acompanhada de formigamento, fraqueza, perda de visão, além de problemas motores como comprometimento da marcha, falta de coordenação, desequilíbrio e disfunção da bexiga”, aponta.

O médico conta que caso não sejam averiguadas e tratadas, as ocorrências podem se agravar com o tempo e evoluir para uma forma crônica e grave. “É importante entender que a esclerose múltipla não é curável, mas sim controlável. O tratamento é baseado na administração de medicamentos imunossuppressores e complementado com intensa fisioterapia para reabilitação das atividades neuromotoras”, ressalta.

Crem é referência no atendimento na Paraíba

Fundado em novembro de 2012, o Centro de Referência de Esclerose Múltipla da Paraíba (Crem), localizado na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), é referência no tratamento da EM no Estado. Na instituição, existe o Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais (Cedmex), em que a Secretaria de Saúde do Estado (SES) disponibiliza a medicação por ser de alto custo.

O Crem funciona de segunda a sexta-feira, nos turnos manhã e tarde,

porém, durante a pandemia, a entrega dos medicamentos está sendo realizada em forma de rodízios e escalas. A equipe multidisciplinar é formada por enfermeiros, farmacêuticos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e neurologistas.

“Eventualmente, quando há alguma necessidade de internação do paciente, o Crem encaminha para o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, referência no atendimento neurológico. Em Campina Grande, o Hospital Universitário está apto a realizar internação, mas evitamos isso ao máximo,

principalmente, durante a pandemia”, afirmou a coordenadora do Crem.

Fatores de risco e sintomas
Tabagismo, sedentarismo, baixa incidência de vitamina D, e má alimentação (enlatados, ausência de frutas e verduras na dieta alimentar) são fatores de risco. Já os sintomas da EM são: Fadiga, problemas de visão (diplopia, neurite óptica, vista embaçada); problemas motores (perda de força ou função e equilíbrio); alterações sensoriais (formigamentos, sensação de queimação).

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

FAZ ANOS QUE O 'TRAUMINHA' SOFRE DE UM MAL CRÔNICO: DESCASO DA PREFEITURA DE JP



Foto: Divulgação

Inúmeras vezes, a coluna registrou o descaso da Prefeitura de João Pessoa, na atual gestão, para com o Hospital de Trauma de Mangabeira, o Trauminha. Acho que na terceira vez em que me reportei à falta de estrutura predial, ao mofo nas enfermarias e até nos blocos cirúrgicos, à presença de baratas dentro da unidade, à falta de medicamentos e à superlotação, senti a necessidade de afirmar ao eventual leitor de que não se tratava de notícia requentada. Eram as mesmas deficiências que haviam sido constatadas, “pela enésima vez”, pelo Conselho Regional de Medicina da Paraíba (CRM-PB). Note um detalhe: a entidade, neste período, mudou até de diretoria – o anterior, João Medeiros, enfrentou essa mesma demanda no que tange à interdição da unidade, como aconteceu novamente, agora –, mas os problemas do Trauminha permanecem. E ficam até piores, sem que a gestão municipal tome medidas saneadoras, conforme diz o atual presidente do CRM-PB, Roberto Magliano (foto): “Em quatro anos, fizemos 10 fiscalizações. As irregularidades não foram sanadas, ele continua em péssimas condições, diria até que piorou muito. Essas irregularidades têm um potencial de risco alto para os médicos e para quem procura o serviço”. Houve tempo demais – vai completar oito anos! – para que a Prefeitura de João Pessoa tomasse as medidas cabíveis. Chega de desculpas!

QUER AO MENOS UM SINAL

“Se ele não puder vir [a João Pessoa], vai dar algum sinal”. Do pré-candidato a prefeito de João Pessoa, Wallber Virgulino (Patriotas), ainda sonhando com o apoio de Jair Bolsonaro à sua postulação – espera nem que seja mensagem de vídeo. Bolsonaro já avisou em suas redes sociais que não apoiará ninguém, diretamente, no primeiro turno.

“SOU O MAIOR ALIADO”

Não ficou claro se o recado foi destinado a Wallber Virgulino, mas o também pré-candidato a prefeito de João Pessoa, Julian Lemos (PSL), disse que sabia, há meses, que Bolsonaro não iria participar das eleições no primeiro turno: “Alguns não conhecem o presidente como eu. Sou o maior aliado de Bolsonaro na Paraíba”.

BOLSONARO PEDE ‘CABEÇAS’

Contudo, a reaproximação de Bolsonaro do seu antigo partido, o PSL, com o qual rompeu há nove meses, poderá trazer problemas para Julian Lemos. Veja registra que uma das exigências do presidente para voltar à legenda é a expulsão de Lemos, Joice Hasselmann e Júnior Bozella. Luciano Bivar, presidente, porém, resiste em atender a essa exigência.

CIDADANIA: SEMANA DE DECISÕES

Conforme a coluna registrou, nesta semana que se avizinha, o Cidadania anunciou duas decisões importantes no contexto das eleições municipais, em João Pessoa e Campina Grande, assegurou o governador João Azevêdo (Cidadania): respectivamente, o nome do vice que comporá a chapa de Cicero Lucena (PP), e o nome da base aliada a ser apoiado pelo partido.

PODERÁ SER UMA MULHER

O pré-candidato a vice-prefeito na chapa do MDB em João Pessoa será anunciado em breve, em live no Instagram, afirma Nilvan Ferreira. Ele disse, numa emissora de TV, que poderá haver surpresas, insinuando a possibilidade de ser indicada uma mulher. A convenção para oficializar a chapa está marcada para 15 de setembro.

DEPUTADO TUCANO ANTECIPOU APOIO DO SOLIDARIEDADE A RUY

Poucos perceberam, mas o primeiro a dizer que o Solidariedade estava com Ruy Carneiro em João Pessoa foi o presidente do PSDB, Pedro Cunha Lima. Ao rebater insinuações de que seu partido estaria isolado, elencou duas siglas com as quais os tucanos se irmanariam: PSC e Solidariedade. Isso quatro dias antes do afastamento de João Almeida da presidência da legenda.

Maria da Penha Maia Fernandes,
Ativista dos Direitos Humanos

“Elas precisam saber que não estão sozinhas”

Vítima de violência doméstica, ela virou exemplo e emprestou o nome à lei que protege as mulheres contra este tipo de crime

Alexsandra Tavares
kajp@hotmail.com

Ela sofreu violência doméstica e foi vítima de tentativa de feminicídio por três vezes. Seu agressor, o próprio homem com quem teve três filhas e compartilhava o lar, foi o autor dos crimes, mas nunca chegou a ir para a prisão. As sequelas da violência não ficaram marcadas apenas no corpo, mas também na mente e na alma da farmacêutica bioquímica Maria da Penha Maia Fernandes. Ao contrário, porém, do que muitas fariam, ela não se omitiu, nem se penalizou, mas lutou e transformou sua experiência em instrumento de defesa e segurança para milhões de outras “maria” brasileiras.

O exemplo de resistência mobilizou organismos internacionais, que responsabilizaram o Brasil por negligenciar práticas de violência contra a mulher. A legislação contra os criminosos foi endurecida e a partir de Maria da Penha foi criada a Lei Nº 11.340, que leva o nome da protagonista desta história. Sancionada em 7 de agosto de 2006, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei Maria da Penha completa 14 anos de existência este mês. Para falar sobre a legislação brasileira relacionada à segurança feminina e a violência doméstica e familiar, nada mais apropriado do que conversar com a própria Maria da Penha, que concedeu entrevista exclusiva ao Jornal A União. Confira.

A entrevista

Este é o mês em que se comemora os 14 anos de existência da Lei Maria da Penha. Ao longo dos anos, essa Lei vem sendo cumprida como deveria?

■ Nos locais onde a Lei é verdadeiramente implementada, sim. Porém, a correta implementação da Lei Maria da Penha ainda não é realidade em todo Brasil, e isso passa por vontade política. É extremamente necessário que os gestores públicos se conscientizem e se sensibilizem com a causa do enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. Por exemplo, em cada município, por menor que seja, deve existir pelo menos um Centro de Referência da Mulher dentro de uma unidade de saúde, para que a mulher, em segurança, possa se informar sobre os seus direitos, sobre o que é a violência doméstica, como fazer para denunciar, etc. Precisamos continuar unidos e unidas, toda a sociedade, cobrando da gestão pública a implantação dos equipamentos que atendem a Lei Maria da Penha.

Quais as principais mudanças que a Lei Maria da Penha trouxe à segurança feminina no Brasil?

■ A Lei Maria da Penha possibilitou uma série de proteções à mulher que não era possível antes do advento da Lei. Viajo por todo o Brasil, proferindo palestras e contando minha história de vida e escuto depoimentos emocionados de mulheres que se autointitulam “salvas pela Lei”. A Lei Maria da Penha foi um marco histórico não somente no combate, mas no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. Mas é importante compreendermos que a Lei, por si só, não pode acabar com a violência doméstica. Ela precisa ser corretamente implementada e aplicada. O meu maior legado foi batizar uma Lei que veio para resgatar a dignidade da mulher brasileira.

O que deve ser aperfeiçoado no país, quando o assunto é a segurança da mulher e a forma como ela é tratada nas delegacias ou especial

que deveriam ser de acolhimento após sofrerem violência?

■ Mais uma vez reitero a necessidade da criação das políticas públicas que atendem a Lei Maria da Penha como a Delegacia da Mulher, Centro de Referência da Mulher, Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Casa Abrigo, Núcleo de Gênero da Defensoria Pública, Núcleo de Gênero do Ministério Público, etc. É extremamente importante também o que consta no inciso VII, do mesmo artigo 8º da Lei Maria da Penha, que fala da capacitação permanente dos agentes e operadores do Direito que atuam diretamente com a Lei Maria da Penha, para que assim, as mulheres não sejam revitimizadas, pela violência institucional, quando decidirem denunciar.

No seu caso, após o primeiro julgamento contra seu agressor, a senhora já deu depoimento dizendo que se sentiu órfã do Estado, porque ele não foi punido (preso). Por que ocorrem fatos como esses, em que agressores saem impunes, mesmo cometendo atos tão graves? Faz parte da cultura machista?

■ Quando o meu agressor foi julgado e condenado por duas vezes e saiu do fórum em liberdade por conta de recursos impetrados pelos advogados de defesa, eu realmente me senti órfã do Estado. Não entendia como um condenado continuava em liberdade, porém o meu caso aconteceu há 37 anos. Hoje, a realidade é bem diferente. Mas sabemos que a justiça ainda é muito morosa, que os Juizados de Violência Doméstica estão com sobrecarga de processos, que o investimento em capital financeiro e humano é escasso, tudo isso concorre para que as mulheres sejam penalizadas com longas esperas pelos seus processos. Essa falta de investimento também se dá pela cultura machista e patriarcal, e a mudança cultural precisa de tempo para acontecer, e precisa passar, impreterivelmente, pela educação. A Lei Maria da Penha traz em seu artigo 8º a necessidade de ser adotada nos currículos escolares uma discipli-

na que trate dos direitos das mulheres e do problema da violência doméstica e familiar. Mas precisamos da vontade e do compromisso dos gestores públicos para transformar essa recomendação em uma política de Estado. Precisamos investir na educação, se quisermos desconstruir a cultura machista e patriarcal e construirmos uma sociedade de paz.

Como a senhora vê a postura da Justiça brasileira quando tratada da segurança feminina hoje em dia? Ainda há o que melhorar com relação à correta punição aplicada ao agressor e à segurança da mulher?

■ Acredito que a violência doméstica e familiar contra a mulher deve ser enfrentada e não apenas combatida. Para isso temos que ter o envolvimento de vários setores da sociedade para conseguirmos que uma mulher rompa com o ciclo da violência. Não podemos achar que a violência doméstica é um problema “apenas” da justiça, que vai ser resolvido com a punição do agressor. A violência doméstica é um problema de saúde pública, muito complexo, e que requer o envolvimento de todo o circuito social.

Quebrar o ciclo de violência é difícil. No seu caso, foram anos de agressões sofridas (de 1976 a 1983). O que lhe deu forças para denunciar? Qual a mensagem que a senhora deixa para as mulheres que ainda não denunciaram?

■ Muitas pessoas me fazem esta pergunta, mas gostaria de esclarecer que não cheguei a denunciar meu agressor. Eu fui vítima de violência doméstica no ano de 1983, quando levei um tiro nas costas enquanto dormia, disparado pelo meu então marido, pai de minhas filhas, que me deixou paraplégica. Nesse período não existia nem Delegacia da Mulher no Brasil. A primeira foi criada em 1985, em São Paulo, e no meu Estado, Ceará, a primeira Delegacia da Mulher foi criada em 1986. Dessa forma, era extremamente difícil o acesso à justiça. Quando fui vítima de violência doméstica, o meu agressor contou para a polícia que nossa casa tinha sido vítima de assalto e ele teria lutado com os assaltantes na cozinha e eu, que estava dormindo no quarto, tinha sido atingida com um tiro nas costas. Depois que ele concedeu o segundo depoimento, entrou em contradição e foi indiciado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará como autor da tentativa de assassinato contra mim.

Comente como foi essa trajetória de luta?

■ Lutei por 19 anos e seis meses para ver o meu agressor punido e meu caso foi parar nas esferas internacionais e o Estado Brasileiro foi responsabilizado pela comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA). O Brasil então foi “Obrigado” a mudar suas leis, pois estava sendo conivente com a violência doméstica e familiar contra a mulher. Então, a Lei 11340/06 foi sancionada e como uma homenagem simbólica, foi batizada com meu nome. Hoje, as mulheres não precisam mais

Maria da Penha foi vítima de uma tentativa de homicídio praticada pelo próprio marido, com quem teve três filhas, após anos de violência doméstica



“Não podemos achar que a violência doméstica é um problema “apenas” da justiça, que vai ser resolvido com a punição do agressor. A violência doméstica é um problema de saúde pública, muito complexo.”

aguentar uma situação de violência por longos anos. Hoje elas têm uma legislação para ampará-las e acolhê-las. A minha luta começou muito solitária, com muita dor e sofrimento, mas ao final a conquista não foi só minha. Não foi uma conquista pessoal. A minha luta foi coroada com a sanção de uma Lei para todas as mulheres do meu país. Por isso, é extremamente importante procurar os equipamentos que atendem a Lei Maria da Penha e denunciar a violência doméstica.

Hoje em dia, são inúmeros os casos de violência contra a mulher em todo o país. Casos de brutalidade se repetem várias vezes até que a vítima denuncie. Por que as mulheres, mesmo com os instrumentos disponíveis, não buscam a Justiça nas primeiras investidas?

■ Romper o ciclo da violência não é fácil. Vários são os fatores que fazem com que as mulheres não denunciem logo a situação de violência doméstica

“Eu sei como é difícil romper com a violência doméstica. O medo, muitas vezes, paralisa, mas elas precisam saber que não estão sozinhas. Hoje elas podem contar com uma Lei para acolhê-las e ampará-las.”

que estão vivenciando, como o medo de retaliação do agressor, medo de não conseguir criar os filhos sozinhas, sentimento de culpa, vergonha, falta de independência financeira, etc. A informação salva vidas e é capaz de tirar uma pessoa da escuridão. Quanto mais a mulher souber sobre violência doméstica, relacionamento abusivo, tipos de violência, Lei Maria da Penha, como fazer para denunciar, mas cedo ela pode ser capaz de tomar a atitude que pode salvar a sua vida.

Desde 2009, foi fundado o Instituto Maria da Penha (www.institutomariadapenha.org.br), com sede em Fortaleza e representação no Recife. A senhora pode resumir a finalidade do instituto e como ele ajuda as mulheres que sofrem violência?

■ O Instituto Maria da Penha é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada por mim, que atua na prevenção da violência doméstica e familiar contra as mulheres

por meio de projetos pedagógicos. Atuamos com cursos e formações nas universidades, escolas, empresas e também junto às comunidades situadas em áreas de vulnerabilidade social. Nós temos vários formatos de cursos, palestras, workshops, abordando o tema da violência doméstica de diversas formas e profundidade para cada um desses públicos. O IMP também atua na geração de dados estatísticos com uma pesquisa sobre violência doméstica e condições socioeconômicas (PCSVDF-Mulher), que desenvolvemos em parceria com a Universidade Federal do Ceará, desde 2016. Os relatórios de dados dessa pesquisa estão disponíveis no site do IMP. Fazemos ainda o acompanhamento dos assassinatos de mulheres no Estado do Ceará, com Boletins Trimestrais. Mais informações sobre os nossos projetos estão no site do Instituto Maria da Penha e nas nossas páginas no Facebook e no Instagram.

Sabemos que as mulheres sofrem violência física e também psicológica. Quando elas devem, logo no início, atentar para o fato de que estão vivendo uma relação abusiva? Há sinais sutis que mostram que algo está errado e ela deve denunciar?

■ Sim, é extremamente importante a mulher reconhecer o relacionamento abusivo logo no início para que não se acentue o ciclo da violência e não seja mais difícil para ela romper com esse ciclo. É importante prestar atenção aos sinais: ciúme exacerbado, afastamento da mulher dos ciclos de amizade e familiar, perseguição, controle da vida pessoal e das redes sociais, xingamentos, humilhações constantes, constrangimentos, controle do salário da mulher, etc. Todos esses são indícios de que a mulher pode estar em um relacionamento abusivo. Existem muitos outros, por isso é importante ficar atenta e conhecer os tipos de violência que constam na Lei Maria da Penha.

A senhora é autora do livro “Sobrevivi... posso contar” (1994). Qual a principal mensagem do livro?

■ Conte toda a minha história e coloquei neste livro todo o processo do meu agressor, inclusive mostrando as contradições do réu e pensei: se a justiça não foi capaz de condená-lo, quem ler este livro será”. Considero o meu livro, “Sobrevivi... Posso Contar”, a carta de alforria da mulher brasileira, pois foi através dele que o meu caso chegou às esferas internacionais e que hoje o Brasil conta com uma Lei para proteger as mulheres deste mal que é a violência doméstica, que mata as nossas mulheres e deixa órfãs as nossas crianças.

A senhora dá palestras e participa de seminários contando sua história e alertando contra a violência doméstica. Que recado a senhora tenta passar nestas atividades?

■ Eu sei como é difícil romper com a violência doméstica. O medo, muitas vezes, paralisa, mas elas precisam saber que não estão sozinhas. Hoje elas podem contar com uma Lei para acolhê-las e ampará-las. Não podemos esquecer que “Quando a violência acaba, a vida recomeça”.



Foto: Marcus Antonius

'Se Liga no Enem' também se reinventa com a internet

Com pandemia, professores passaram a utilizar meios digitais e dinamizam processo de ensino e aprendizagem

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Com o período de pandemia a educação foi uma das áreas mais afetadas. Professores e alunos precisaram se reinventar para conseguir continuar ensinando e aprendendo, ainda que de forma virtual. Com o programa Se Liga no Enem não foi diferente. Há cerca de dois anos em funcionamento na Rede Estadual de Ensino, o programa que tem como objetivo preparar os estudantes para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2020 precisou aderir às aulas

remotas para continuar cumprindo o seu papel, se transformando no Se Liga no Enem Revisão Online.

De acordo com a gerente de Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, Leila Gonçalves, permanecer com o programa, mesmo diante do período de pandemia, é uma forma de apoiar o sonho dos alunos da Rede Estadual de Ensino. "Ano passado estávamos na estrada trocando energia com nossos jovens nos Festivais do Se liga no Enem, e mesmo diante da pandemia da covid-19 não

poderíamos deixar de apoiar e estar do lado dos nossos estudantes nessa trajetória rumo a Universidade e seus projetos de Vida, mesmo que virtualmente", disse.

A professora de português, especialista em metodologia de ensino de Língua Portuguesa e mestre em letras, Tatiana Soares dos Santos Fronterotta, é uma das educadoras do programa e comentou sobre a importância do ensino, ainda que remoto, para a motivação dos alunos. "A educação na Paraíba se recriou, optou por refazer-se e não esperar, nossos jovens não esperam. Assim, o ensino remoto foi imprescindível na escola e, professor, aluno e sociedade precisaram buscar o necessário para que a educação sistemática acontecesse".

Ela ressaltou que por trás de cada aluno há um sonho de, no futuro, se tornarem médicos, arquitetos, advogados e que insistir na educação desses estudantes é também contribuir para que esses

sonhos se tornem realidade. "Tenho a honra de participar do projeto e com muita alegria fazer mais que aula, fazer mais que educação: fazer parte do Projeto de Vida de estudantes do litoral ao sertão da Paraíba. Quando falo em projeto de vida, lembro que a cada encontro a pergunta inicial aos sonhadores é: Quem é Tiago (Maciel, Maria, Bia) depois do Enem? E peço que em 30 segundos respondam para si mesmos a tal questionamento. São muitos médicos, fotógrafos, professores, engenheiros... pela Paraíba afora depois do Enem, viu. E o melhor: todos felizes, pois transformaram um dia o sonho em objetivo. E Esse dia é hoje".

O Se Liga no Enem utiliza a plataforma Google Sala de Aula, onde vídeoaulas são inseridas, além de formulários, testes e materiais de apoio. A professora ressaltou que, além disso, cada profissional trabalha de forma específica para se aproximar cada vez mais do aluno. "O grupo de professores se desdobra para fazer o melhor no quesito interação. Eu, por exemplo, utilizo as mais



Fotos: Arquivo Pessoal

A professora de Português Tatiana Soares afirma que a educação na Paraíba se reinventou para incentivar e motivar seus estudantes

diversas formas de estar 'junto' com os alunos, através da tecnologia. Particularmente tenho grupo no Whatsapp e utilizo Instagram, com dicas diárias e tira dúvidas. Tenho ainda reu-

niões que se tornam conversas e aulas através de ferramentas do Google e a interação com os alunos é direta, em nossa comunicação síncrona".



+ Modelo exige preparo pedagógico

Foram abertas mais de três mil vagas para estudantes e egressos da Rede Estadual de Ensino de toda a Paraíba. Na opinião do professor de matemática do programa, Gledson Lima Guimarães, os estudantes da Rede Pública precisam, muitas vezes, de uma preparação ainda maior que os demais candidatos e o apoio do programa os ajuda nesse processo. "Eles estão colocando em prática os seus estudos, alguns estão conseguindo acessar o material com muita dificuldade mas estão fazendo direitinho, e o programa é extremamente importante para esse pessoal que está bem mais afastado também dessas aulas online. Muitos precisam se preparar além da conta para conseguir entrar numa universidade".

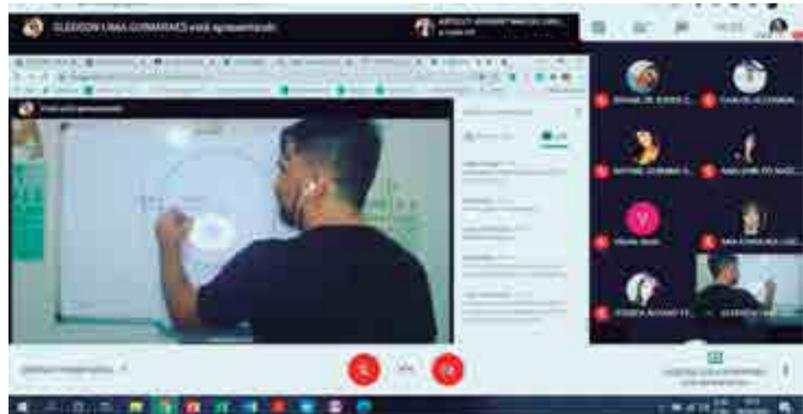
Ele explicou que o trabalho começa antes das aulas, com reuniões semanais, preparação de pautas das aulas dos festivais e planos didáticos. "Decidimos quais conteúdos vamos abordar e além do material online que a gente tem estamos trabalhando com outras modalidades

que é o podcast, gravando aulas e fazendo as vídeo aulas. Todos os dias eu separo uma atividade diferente, tem o acompanhamento dos alunos através dos grupos de whatsapp. Eu tenho um instagram profissional também onde os alunos me procuram e estudam".

Retorno positivo

Todo os esforço tem o feedback positivo dos alunos, participa e agradecem a atenção nas aulas. "Cada semana tem a área de conhecimento específica. E nós ficamos com os alunos atendendo, tirando dúvidas através do google classroom. Estamos tendo uma interação muito boa. Muito engajamento por parte dos alunos, eles estão entrando bastante nas lives nos sábados. Eles entram, perguntam, tiram dúvidas. Contam seus momentos de angústia nesse período isolados. Eu posso dizer que, na minha área, de matemática, estou tendo um aproveitamento muito bom com eles. Estamos conseguindo fazer pelo menos 90% do que planejamos".

Foto: Arquivo Pessoal



Gledson Lima, professor de Matemática, em ação para mais um dia de aula na rede pública de ensino

Referência para o Ensino Médio

O Se Liga No Enem PB começou em 2018 como um movimento com o objetivo de proporcionar espaço para revisões, práticas laboratoriais, oficinas, atividades culturais e trocas de experiências para que os alunos se preparem para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Aconteceram 17 edições, em sete Gerências Regionais envolvendo cinco mil alunos.

Ampliação

Em 2019, se tornou um Programa com 28 edições festivas aos sábados em todas as 14 Gerências

Regionais, com 17.600 alunos envolvidos. No ano de 2020 devido a pandemia da covid-19 o Se liga no Enem ganhou um novo formato, o Se Liga no Enem Online. As aulas do curso Se Liga No Enem PB Revisão On-Line, para alunos concluintes e egressos da Rede Estadual, ocorrem em ambiente virtual, através da plataforma Google Classroom, de segunda-feira a sexta-feira, em horário alternativo às aulas regulares, utilizando-se de sequências didáticas e atividades síncronas e assíncronas, com orientações disponíveis na

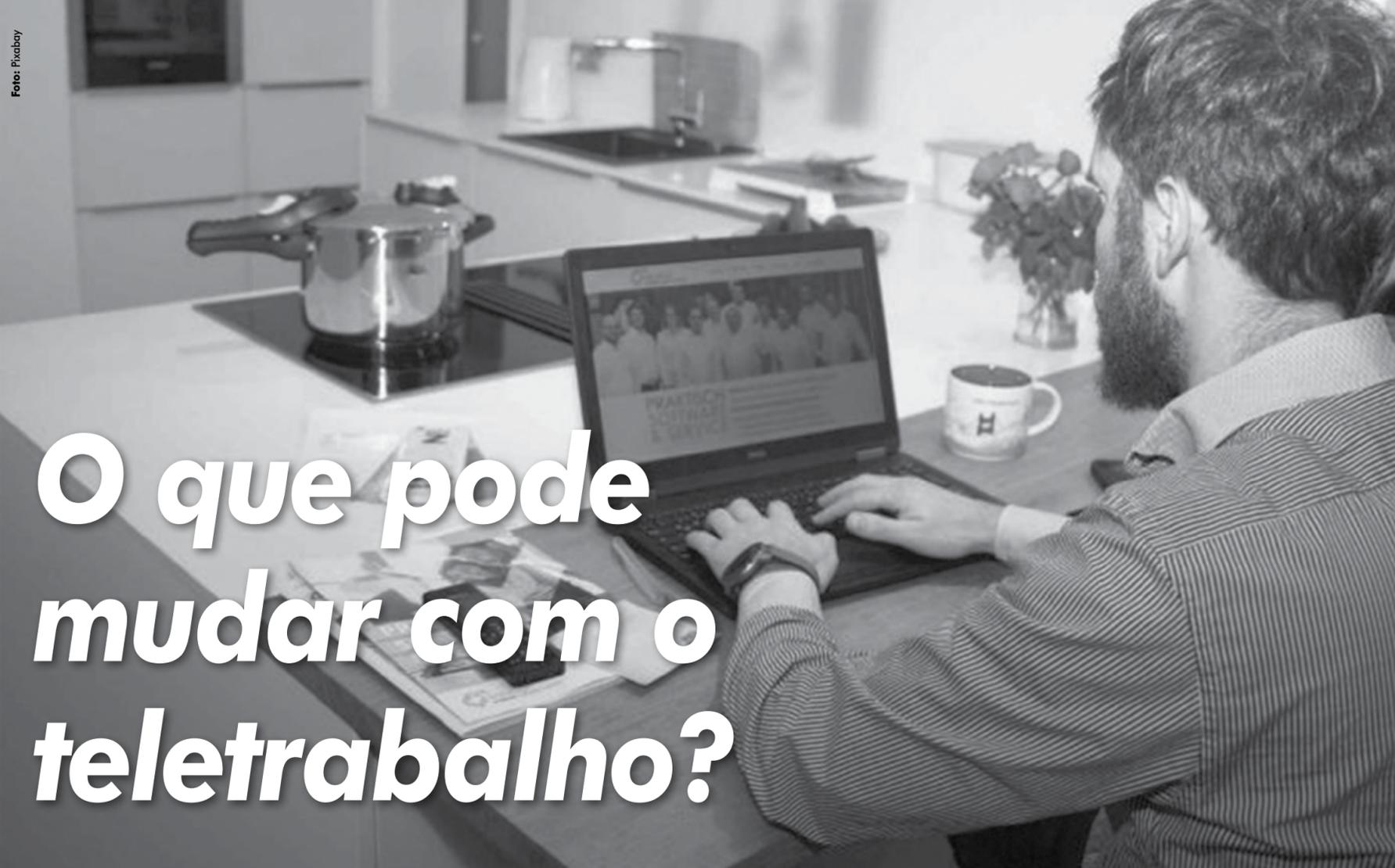
plataforma Paraíba Educa. Além do trabalho de mentoria realizado diariamente pelos professores, todos sábados tem aulas transmitidas ao vivo pelo Canal Se liga no Enem no YouTube.

Surgido em 2018, programa segue com novas dinâmicas e atendendo às várias demandas através das plataformas digitais



Foto: Divulgação

Novo formato online entra mais em sintonia com os alunos, que já usam certas tecnologias



O que pode mudar com o teletrabalho?

Com o isolamento social, empregados e empregadores se viram diante de uma nova forma de direitos laborais

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Para ser considerado uma forma viável de trabalho futuramente, pós-pandemia, é essencial saber quais as condições necessárias para a manutenção do trabalho remoto, além de saber o que está implicado junto com ele. É o que afirma Danyella Ferreira de Albuquerque, advogada trabalhista, acrescentando que o trabalho remoto – ou teletrabalho – foi regulamentado desde a Reforma Trabalhista sob a Lei 13.467/2017.

“Em regra, não há qualquer distinção entre este e o trabalho exercido em regime presencial, mantendo-se inalterados os benefícios trabalhistas e as obrigações inerentes ao trabalhador, salvo

algumas exceções”, disse.

Dentre as exceções, a primeira a ser destacada é com relação ao benefício do vale-transporte. O valor corresponde às despesas do empregado para se deslocar de casa para o trabalho. “No entanto, quando o empregador adota o trabalho em home office e o empregado passa a não ter mais que deslocar-se de casa para o trabalho e do trabalho para casa, o pagamento do benefício do vale-transporte deixa de ser obrigatório”, explicou Danyella.

“Em regra, não há qualquer distinção entre este e o trabalho exercido em regime presencial, mantendo-se inalterados os benefícios trabalhistas e obrigações do trabalhador”

A advogada ainda destacou que, durante o trabalho remoto, o desconto de 6% do salário-base do trabalhador, correspondente ao vale-transporte, não deve incidir sobre a folha de pagamento.

O vale-refeição e/ou vale alimentação são benefícios que são acordados em negociação coletiva com os sindicatos das categorias em convenção ou em acordo coletivo; ou em acordo individual diretamente com o trabalhador. Em qualquer um dos dois casos, a empresa não pode retirá-lo

ou diminuí-lo, “salvo se houver previsão em sentido contrário no respectivo instrumento”, pontuou Danyella.

Ainda com relação ao benefício de alimentação, se o valor for concedido pelo empregador de maneira liberal, “entende-se que, de igual modo, a empresa não poderá deixar de fornecê-lo durante o home office, sob pena de caracterizar alteração no contrato de trabalho prejudicial ao empregado, de acordo com o artigo 468, da CLT”.

Outro destaque da

adaptação ao teletrabalho é que, ao adotar essa modalidade, o empregado passa a não estar sujeito ao controle de horário de trabalho, devido a impossibilidade de

haver controle a distância por parte do empregador. Sendo assim, não há direito ao recebimento de horas extras durante o período em home office.

Com relação às faltas, o sexto artigo da CLT dita que não existe distinção entre o trabalho presencial ou teletrabalho. “Dessa forma, o procedimento para dar falta

é o mesmo adotado quando o trabalho é desenvolvido presencialmente na empresa”, afirmou Danyella.

Para a permanência em home office mesmo, o trabalhador e o empregador devem entrar em comum acordo. E, segundo a advogada trabalhista, “entendo que os melhores argumentos para convencer o empregador a fazer do teletrabalho o “novo normal” do seu negócio é, sem dúvida, o aumento da produtividade e é claro a redução de custos”, ressaltou.

Durante o teletrabalho, é de responsabilidade da empresa: adquirir, manter e fornecer os equipamentos tecnológicos necessários para a execução do trabalho, bem como a infraestrutura adequada para a prestação do serviço.

“Dessa forma, o procedimento para dar falta ao empregado é o mesmo adotado quando o trabalho é desenvolvido presencialmente na empresa”

Profissionais falam sobre experiência com trabalho remoto

O trabalho presencial em diversos setores sofreu mudanças com a pandemia do novo coronavírus. A partir disso, o chamado home office foi a alternativa encontrada pelas empresas para que continuassem a funcionar mesmo diante das medidas de isolamento social. Um novo cenário trabalhista se desenhou desde então e é importante saber quais são as implicações desse novo formato de trabalho e quais os direitos e deveres estão mantidos ou devem ser adaptados.

Enquanto para alguns o teletrabalho trouxe benefícios

e maior comodidade, para algumas áreas profissionais essa transição foi árdua. Para Ana Paula Oliveira, a experiência com o trabalho remoto não tem sido muito positiva. Professora auxiliar da Educação Infantil, o trabalho antes da pandemia envolvia cuidados e atividades pedagógicas.

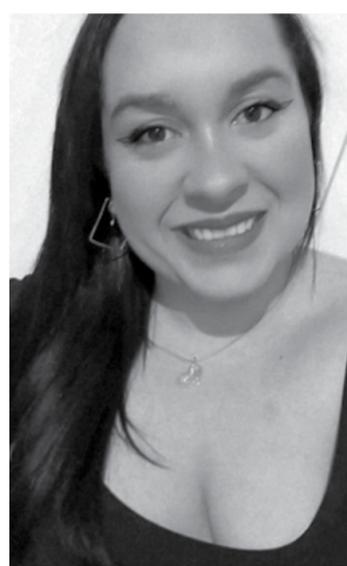
Com a mudança para o home office, sem adaptação prévia, absolutamente tudo mudou. “O ensino remoto pareceu não funcionar e, nas questões da Educação Infantil, de fato não funcionou”, opinou. Na idade deles, segundo a professora, é necessário o presencial,

a repetição e prática do que lhes é proposto, com o ensino remoto ficou menos viável.

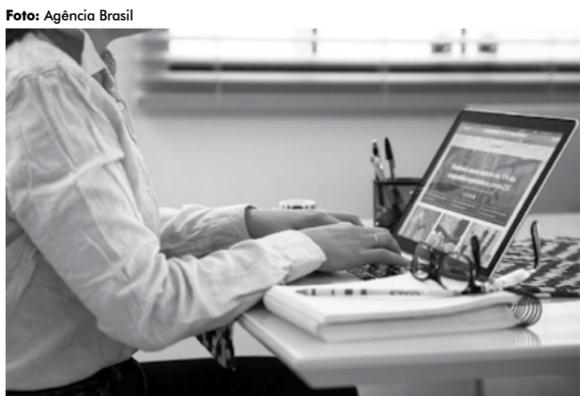
“Cáimos nessa jornada e fizemos o que era possível de acordo com o planejamento anual. Sem dúvidas, a maior dificuldade é o contato e conquistar a confiança e a atenção dos alunos pequenos. Me adaptei mudando alguns exercícios, utilizando objetos que os responsáveis tivessem em casa para que, ao menos a relação escola-família, oferecesse o suporte aos alunos”, afirmou Ana.

O trabalho com atendimento aos clientes em um e-commerce de maquiagem também foi complicado. Apesar de já ser um trabalho virtual, a transição para trabalhar em casa aumentou a demanda de atendimentos e a execução do serviço ficou mais lenta. Larissa Casemiro de Queiroz é atendente e destacou que precisa de uma comunicação rápida diante do trabalho com o SAC da empresa.

“Com o home office, apesar de termos conseguido manter essa comunicação através de um grupo online, obviamente não era tão eficaz como a comunicação presencial, mas com o



Larissa Casemiro disse que conseguiu se adaptar; já para Ana Paula, que lida com crianças, a situação é mais difícil



Para alguns, o home office pode continuar; outros preferem modo presencial

mental. Após a pandemia, acredito válido manter o home office em alguns departamentos”, enfatizou.

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADO
O Instituto de Polícia Científica do Estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa-PB, um corpo de pessoa não reclamada identificada como sendo do nacional Walter Gaudêncio Cavalcante, registrado sob o número: 03010104202002422, NIC 2018-5113, sexo, masculino, com idade aproximada de 68 anos, cor pardo clara, cabelos lisos e grisalhos, estatura 165cm, constituição física boa, sem sinais particulares; Falecido em via pública no bairro dos Bancários, nesta Capital. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio S/N, bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa-PB.
João Pessoa, 24 de agosto de 2020

Bikes ganham as ruas de JP na pandemia

Em meios às restrições, a locomoção via bicicleta é uma opção e grupos organizam pedaladas com protocolos

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

A bicicleta é considerada um meio de transporte benéfico para a saúde e sustentável para o meio ambiente. Agora, durante a pandemia da covid-19, teve seu uso estimulado. Inclusive, a Organização Mundial da Saúde (OMS) defende o ciclismo como forma de lazer, transporte e locomoção, especialmente para aqueles que precisam ir ao trabalho em meio às restrições para limitar contato físico e reduzir o uso do transporte público.

Na capital paraibana, as ciclovias estão liberadas (incluindo na orla e nos parques), desde que com o uso de máscaras e distanciamento.

“Acho que a bicicleta foi um refúgio para muita gente na pandemia e também para não ficar com depressão. Se você estiver com um problema, pode pegar sua bike, ir à praia e volta renovado. Se estiver cansado, estressado, também é muito bom”, elogia Damiano Toscano, ciclista há quase 25 anos e proprietário de uma loja de bicicletas, no bairro de Mangabeira em João Pessoa.

“O pessoal está procurando mais qualidade de vida. Tem gente que nunca pedalou e está pedalando até depois dos 50 anos”, acrescentou Damiano Toscano. Ele explica que geralmente para ir ao trabalho (dependendo do trecho) ou pedalar longas distâncias é preciso uma bike resistente, cuja média de preço é entre R\$1.600 a R\$2.000 (bicicletas intermediárias). Mas, para iniciar a curtas distâncias pode-se adotar modelos mais simples, entre R\$400 e R\$1.000.

Para participar

Para entrar nas equipes, é preciso ter capacete, sinalização dianteira e traseira, roupa adequada para ciclista, ter uma garrafa térmica (para água), além de possuir espírito de equipe. O Pedal Jampa começou com Pirulito há cerca de 15 anos e, desde então, defende melhores condições para os ciclistas e faz campanhas para doação de acessórios e até bicicletas.

“Como tinha gente de vários bairros de João Pessoa, com seis meses, o pessoal começou a criar equipes como o Pedal Zona Sul nos Bancários, na Avenida

Beira Rio, Pedal em Manaíra e surgiram pedais pela Paraíba, no Sertão e no Brejo. Também começou a acontecer os eco pedais de 40 a 50 km de trilha”, completou o representante do Pedal Jampa.

Ao todo são três níveis: iniciante (velocidade até 18km/h); Pedal de transição (15km/h a 27kmh) em um percurso de 40Km (após quatro semanas evoluindo no iniciante) e, os veteranos que fazem cicloturismo, com longas distâncias, velocidade maior e constante (na média até 27km/h). Neste último, os atletas devem ter um condicionamento físico maior e por isso, é o menor grupo. “É mais desgastante. Já chegamos a Pedras de Fogo e mais perto de Pernambuco. Já fizemos passeios turísticos também”, conta André Nascimento.

“Faço trilhas em Jacarapé, Conde, Lucena, Forte Velho. Para viajar não precisa ir tão longe: em João Pessoa e cidades próximas tem uns locais bonitos. Eu sou o guia do pedal e levo o pessoal para Areia, Bananeiras, Pirpirituba e cachoeira do Roncador” ressalta Damiano Toscano.



Damiano Toscano (D), ciclista e proprietário de uma loja, afirma que a bicicleta ajuda a manter a qualidade de vida

+ Pedalando dentro das normas de segurança para evitar a covid-19

Foto: Arquivo Pedal Jampa



Pirulito está à frente do grupo Pedal Jampa e explica que todos os roteiros estão seguindo os protocolos dados pelos órgãos de saúde

Os grupos são organizados pelas redes sociais e os iniciantes são a maioria (cerca de 90 bicicletas). Há dois meses, apenas 50 integrantes participam, todos com máscaras, álcool gel e passando por verificação de temperatura antes de começar.

“Ensino desde os primeiros passos na bicicleta. Como eu sou o guia, tenho que estar observando. Se quebrar a bicicleta, vai ajeitar. Tem mecânicos também no pedal. O pedal da gente é de 40km, mas se a bicicleta quebrou com 30km rodados a gente volta. O ler. do pedal é um por todos e todos por um”, defendeu.

O Pedal Jampa sai da

Praça das Muriçocas, todas as terças e quintas-feiras. Aos domingos, a saída geralmente ocorre na Epitácio Pessoa. Os interessados podem entrar em contato pelo 99982-1028 ou pelo Instagram @pedaljampa.

“O pedal está crescendo muito. A preocupação é incentivar os paraibanos e sensibilizar os órgãos públicos para o uso de bicicletas, construção de ciclovias e ciclofaixas e colocar espaços nas empresas para o ciclista chegar, tomar banho e trabalhar. Tem pessoas com bom poder aquisitivo, que deixaram os carros na garagem e preferiram trabalhar de bicicleta”, finalizou Pirulito.

Para além das ciclovias, educação e respeito podem prevenir acidentes

Conforme a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (Semob), João Pessoa tem hoje 65,3 km de malha cicloviária, além de 11,6 km da ciclofaixa de lazer aos domingos na Epitácio Pessoa. O órgão informou que pretende ampliar esse número neste segundo semestre de 2020 e novos projetos serão aplicados em breve. Atualmente existem 10,7 km em implantação na região do Bessa, Castelo Branco e Mangabeira.

João Pessoa tem hoje 35 unidades – entre ciclofaixas,

ciclovias e faixas preferenciais. Um levantamento junto às Prefeituras de 26 cidades e o Governo do Distrito Federal apontou que a malha cicloviária pessoense aumentou 30,8 quilômetros entre 2017 e 2018.

Apesar dos benefícios para a saúde, o uso das bicicletas pode ampliar o risco de acidentes. “Falta segurança e respeito pelo ciclista. Uma das ciclovias que tem mais segurança é a da Beira Rio. Algumas têm rachaduras como a do Altiplano. A gente

não tem segurança, porque os carros param em cima da ciclovia. A gente tem poucas ciclovias seguras. Precisamos ter em todos os bairros. É preciso investir mais em ciclovia”, argumentou o comerciante de bicicletas.

Ele acrescentou que há uma maior preocupação com atropelamentos de ciclistas. Os grupos estão sempre nas redes sociais, também junto com os órgãos ligados ao trânsito da cidade, fazendo a interligação para educar as pessoas que muitas vezes

não sabem a importância de não andar na contramão, andar com a sinalização, usar a

roupa correta. Pirulito aposta na educação para o bom convívio de todos nas ruas.

Foto: Arquivo Pedal Jampa



Ciclistas se juntam para mais uma noite de pedaladas pelas ruas de João Pessoa

Cruz do Espírito Santo, próxima à capital, tem feições de Brejo

Cidade tranquila e agradável distante meia hora de JP foi batizada em homenagem a um dos seus muitos engenhos

Dina Melo

dinapereirademelo@gmail.com

Distante apenas 37 minutos de carro da capital, Cruz do Espírito Santo não aparenta compor a Região Metropolitana de João Pessoa. Com quase 17 mil moradores e tendo como vizinhas Santa Rita, Conde, Sapé e Sobrado, a cidadezinha é ainda daquelas que se permite a conversa despreocupada entre vizinhos na calçada no final de tarde.

Com 124 anos de fundação, surgiu como povoado, cujo primeiro batismo homenageou um dos seus muitos engenhos, Espírito Santo, de propriedade do português Manoel Pires Correia. Cresceu à margem esquerda do Rio Paraíba, a 19 metros do nível do mar. Conta o professor de História da Paraíba Martinho Guedes dos Santos Neto que os engenhos lá construídos entre os séculos XVI ao XIX – a maioria hoje em ruínas – testemunham o chamado “complexo açucareiro” que o município viveu, ao lado de Santa Rita, Mamanguape, Pilar e a região do Brejo. “A qualidade do solo propiciou este período de prosperidade”, atesta.

As estações ferroviárias chegaram quando a produção já entrava em declínio, e afetaram o Nordeste como um todo, não só a cidade. O entroncamento da malha, inaugurado em 1883, pelo Conde D’Eu, recebia de três a quatro locomotivas em dias alternados. Hoje, infelizmente, a estação não está preservada. Um dos engenhos, que começou fabricando açúcar mascavo, mel e rapadura, transformou-se em decadência em lucro ao apostar na produção de cachaça. O Engenho São Paulo, dono da linhagem de bebidas de mesmo nome, é atualmente o maior fabricante de cana de alambique do país.

Cruz do Espírito Santo era habitada pelos índios Tabajara antes da conquista pelos portugueses, que deram início ao plantio dos grandes canaviais. “Por volta de 1789, o Rio Paraíba sofreu uma grande cheia, que arrastou uma cruz de madeira para o lugar onde hoje é a Praça Lourival Lacerda – daí o motivo para, posteriormente, a Cruz compor-se ao nome do povoado de Espírito Santo”, explica o professor de História e secretário adjunto municipal de Educação Beto Mendonça.

Graças a uma lei estadual de 7 de março de 1896, o município, que pertencia a Pilar, se desmembrou, emancipou-se e passou a abrigar a sede de Pedras de Fogo. Em 1914, outra grande enchente do Rio Paraíba obrigou a sua sede a ser transferida para Sapé, onde ficou até 1935. Os alagamentos são uma constante em sua história: o último de grandes proporções foi registrado em 1985.

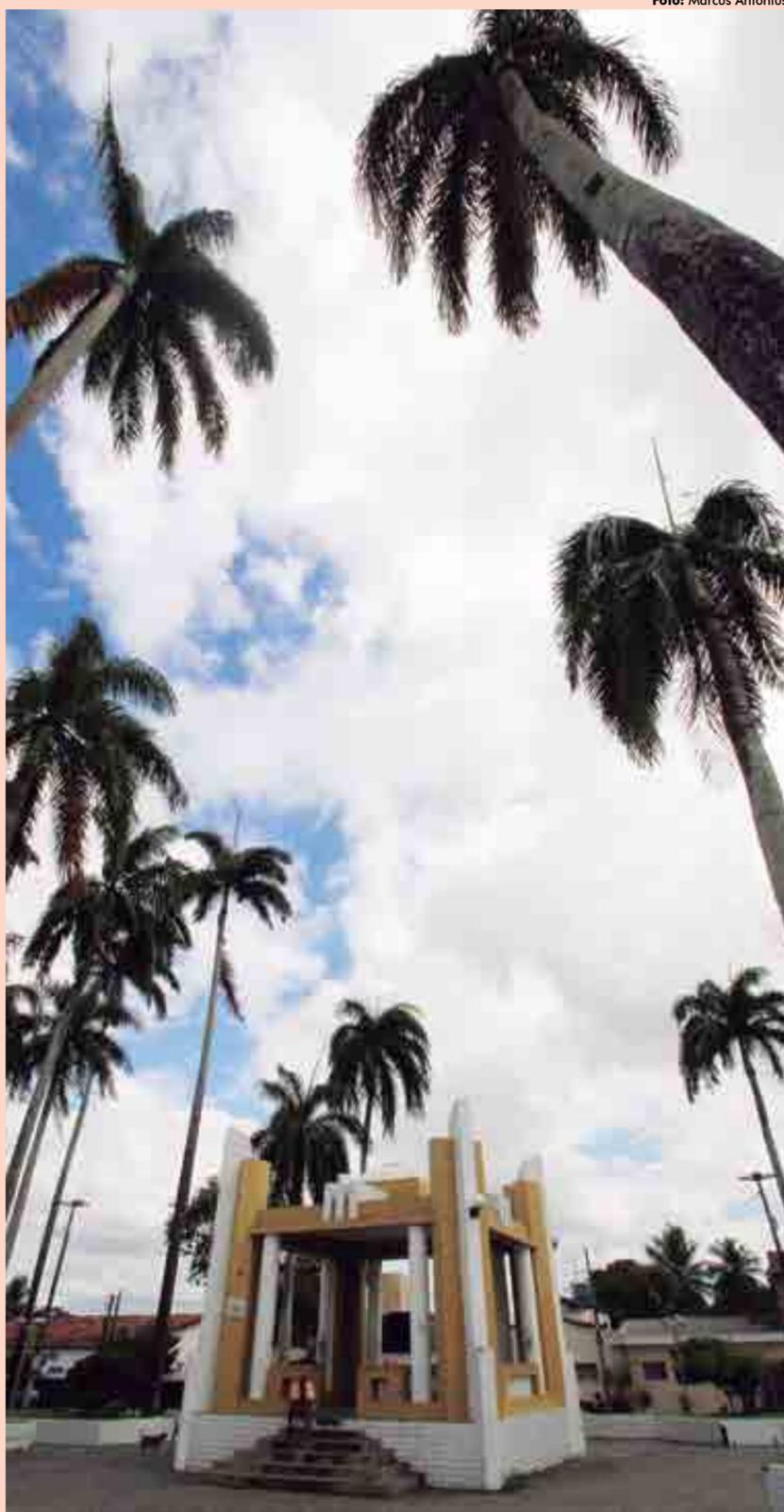


Foto: Marcus Antonius

O território onde hoje está a cidade era habitado pelos índios Tabajara antes da chegada dos portugueses

Berço polêmico

Apesar de Sapé e Cruz do Espírito Santo disputarem ser a terra natal de Augusto dos Anjos (1884-1914), e as biografias divergirem sobre o assunto, Jairo César, escritor, biógrafo e ex-diretor do memorial sobre o poeta, que fica em Sapé, contesta: “Cruz do Espírito Santo foi fundada em 1886 e Sapé, em 1925. Como Augusto dos Anjos nasceu antes de ambas – e o desenho geográfico do Estado, à época Província da Parahyba do Norte, era totalmente distinto –, o certo é dizer que o seu berço foi o Engenho Pau d’Arco, antiga Vila do Espírito Santo, atual município de Sapé”, opina.

Terra de políticos

O jurista Aristides Lobo (1838-1896), considerado um dos “pais” da República, o ex-ministro da Fazenda do governo Sarney Mailson da Nóbrega e o ex-prefeito de João Pessoa Oswaldo Trigueiro do Valle (1935-) nasceram na cidade.

O jegue e o papa

Santo espírito-santense (este sim!), o motorista do Senado Damião Galdino da Silva tinha um jumento chamado Jericar. Louco por aparecer, ele havia paramentado o pobre animal com peças de um Fusca (buzina, faróis, pisca-pisca, velocímetro) para circular pela capital e, assim, virou uma figura folclórica.

Em 1980, quando o Papa João Paulo II visitou Brasília, Damião insistiu para encontrar a Sua Santidade. Mais que isso: presenteá-lo com Jericar. Mas o papa foi embora sem levar o jumento. Galdino começou a fazer protestos: acorrentou-se a uma torre de TV, escalou o mastro da bandeira da Praça dos Três Poderes e até subiu a rampa do Palácio do Planalto com o jegue. Damião chegou a viajar até o Vaticano e fazer greve de fome na Praça São Pedro para chamar a atenção do papa.

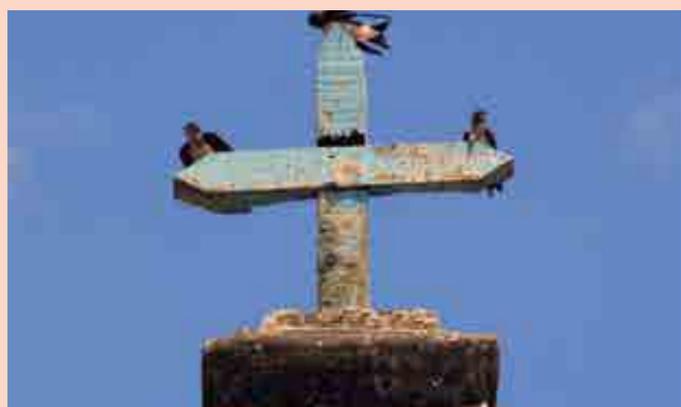
Deu certo. Em 1982, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil embarcou Jericar em um navio até a Itália para encontrar com João Paulo II (!). Só que algo deu errado e o animal morreu no trajeto. Anos depois, Damião se aposentou e voltou para a Paraíba, onde se candidatou a diversos cargos públicos, sem sucesso. Foi assassinado em 2006, aos 67 anos, a mando da ex-amante, como apontaram as investigações. Damião do Jegue inspirou a música “O Papa e o Jegue”, de Luiz Gonzaga. O caso foi publicado no livro “Farol alto sobre as diretas (1969-1984): Brado Retumbante 2” (Benvira), de Paulo Sergio Markun.



Engenho São Paulo é o maior fabricante de cana de alambique do país



Aagamientos são constantes na cidade, tendo o último de grandes proporções ocorrido em 1985



Cheia do Rio Paraíba arrastou cruz de madeira para o lugar onde hoje é a Praça Lourival Lacerda



Com 124 anos, a cidade cresceu à margem esquerda do Rio Paraíba



Foto: Arquivo A União

Ritmo da percussão paraibana

Firmino Alves já tocou ao lado de grandes nomes como Jackson do Pandeiro, Sivuca, Elba e Zé Ramalho

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Ao longo dos seus 44 anos como músico profissional, o percussionista paraibano Firmino já tocou com vários grandes nomes da Música Popular Brasileira (MPB), a exemplo dos seus conterrâneos Sivuca (1930-2006), Zé Ramalho, Elba e Jackson do Pandeiro (1919-1982), além dos pernambucanos Alceu Valença e Geraldo Azevedo, o cearense Fagner, a baiana Gal Costa e o grupo carioca MPB-4, um currículo invejável para outros percussionistas. “Eu me considero um cara privilegiado por ter trabalhado com essas pessoas. Estava no lugar certo e na hora certa”.

No finalzinho dos anos 1970, o paraibano se mudou para o Rio de Janeiro para ampliar seus horizontes na carreira. No mesmo ano em que chegou, em 1979, Firmino participou de Festivais do Circuito Universitário com os compositores paraibanos Ivan Santos e Tadeu Mathias, seus companheiros de viagem pelo Brasil até chegar a capital carioca. No ano seguinte, o percussionista foi chamado para fazer um teste com o MPB-4. Aprovado, ele iniciou turnê em Portugal, na Festa do Avante, onde também tocou com Chico Buarque, Simone e Edu Lobo. Com o mesmo quarteto, percorreu todo o país com o show *Vira Virou*, temporada que considera o início da sua trajetória, dividida entre os palcos e estúdios.

“De todos os artistas que trabalhei, o mais importante foi o MPB-4, porque eles abriram a porta para que eu pudesse trabalhar com os demais”, destacou Firmino. “São os caras mais socialistas, sem política, que dividiam as coisas em partes iguais. Aprendi muito, como ser humano, com o grupo. Eles aconselhavam que não deveríamos nos iludir com a profissão de músico, que era preciso manter o pé no chão e estudar muito. O Ruy Faria, que morreu em 2018, aos 80 anos, e ficou no grupo até 2004, era o meu protetor e tinha muito cuidado comigo. Ainda hoje sou amigo da viúva, Cynara, uma das fundadoras do Quarteto em Cy”.

Se o paraibano é grato ao MPB-4, uma experiência vivenciada com o cantor e compositor pernambucano Alceu Valença é a que mais lhe emociona e o faz ir às lágrimas até hoje. “Foi um show marcado para um domingo à tarde, no estádio de futebol Raulino de Oliveira, na cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro,

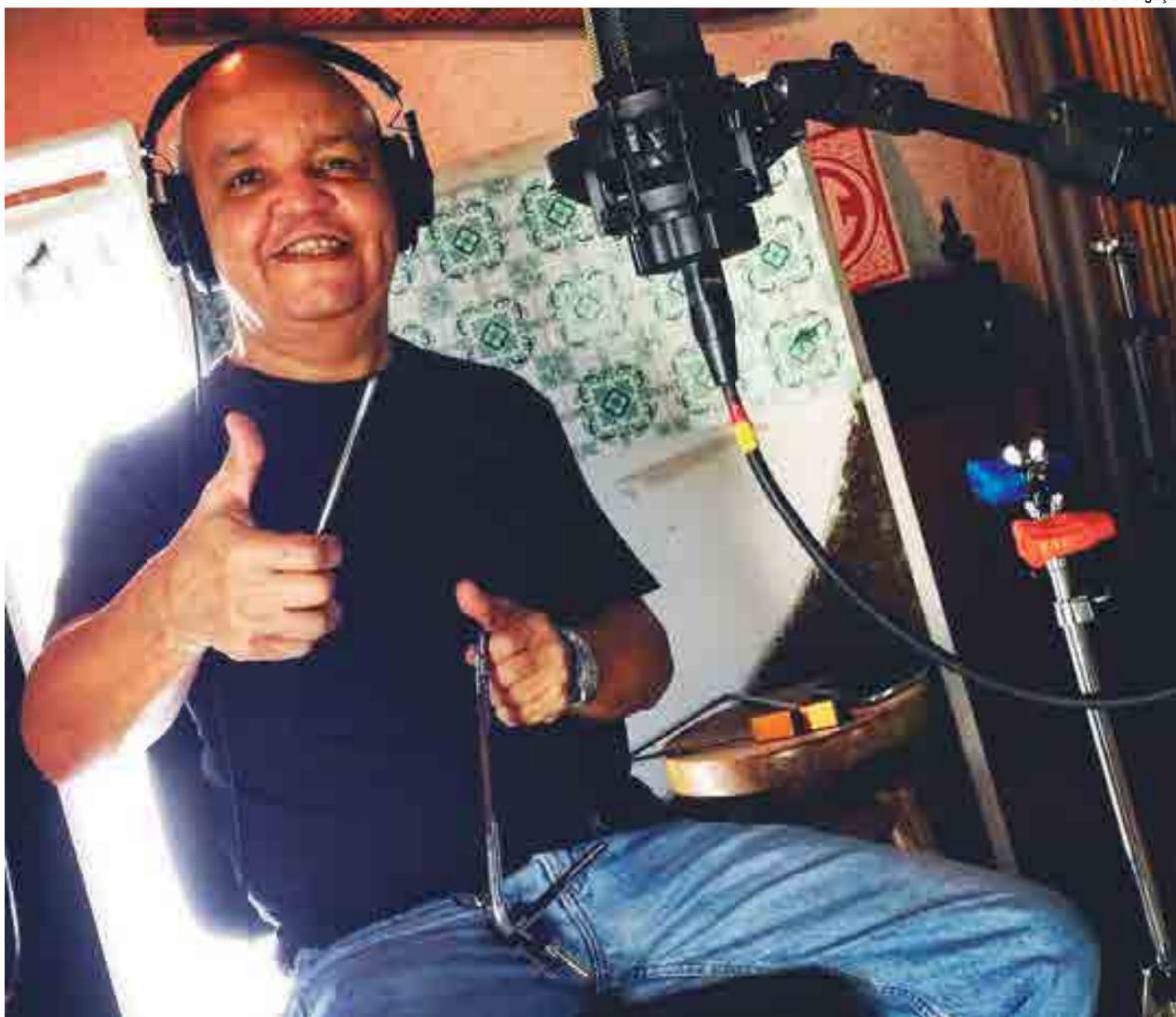


Foto: Divulgação

Com 44 anos de estrada, músico tem um currículo invejável tanto em cima dos palcos, como em estúdios, que vai desde trabalhos com MPB-4 até Alceu Valença

em 1983. Além de Alceu, iam se apresentar a banda a Cor do Som, que não apareceu, não sei se por motivo contratual, e Dodô e Osmar”, recorda. “Quando Dodô e Osmar se apresentavam, caía uma chuva fina e intermitente. Na hora do show de Alceu voltou a chover e os instrumentos, que já estavam no palco, foram cobertos com plástico preto. Alceu disse que iria ao palco dizer ao público que o show seria feito no dia seguinte. O contratante nos aconselhou a irmos para o hotel aguardar e fomos, mas deixei minha percussão toda montada no palco”.

Porém, assim que chegaram ao hotel, veio a notícia de que um pequeno contingente de oito policiais não conseguiram conter o público, que havia invadido o palco e feito um grande estrago. “Parecia que o estádio tinha sido bombardeado. Nos contaram que a burrinha que Alceu usava nos shows foi pega pelo rabo pela primeira pessoa que entrou no local, girou e a atirou na plateia. O teclado de Márcio Lomiranda foi recuperado de um casal que estava no ponto de ônibus. O violão de Alceu foi quebrado, assim como o reco-reco que eu ganhei de Jackson do Pandeiro. O presente

foi destruído e consegui achar cinco apitos, um par de clave e um *cowdell* meus. Só quem não perdeu os instrumentos foram o Zé da Flauta e o contrabaixista Jorge Degas, que estavam no camarim”, lembrou.

Diante do episódio, Firmino conta que Alceu Valença reuniu os músicos e disse a todos para não se desesperar, pois iria dar tudo de volta. Comprou tudo nos EUA. “Um fato engraçado e curioso é que Jorge Degas dizia que seu sonho era ter um contrabaixo de marca norte-americana e Alceu comprou e lhe deu de presente, sem o avisar. É por isso que me emociono. É raro um artista agir assim. O prejuízo foi todo de Alceu, que não foi indenizado e tivemos de tocar com instrumentos alugados pelo contratante, Miguel Poladian, durante um mês, até recebermos os novos”.

Foi em 1981, um ano antes da sua morte, que o Rei do Ritmo tinha presenteado o conterrâneo como o instru-

mento. “Foi quando participei das gravações, no Rio de Janeiro, do álbum de Geraldo Azevedo, *Inclinações Musicais*, no qual gravei quase todas as músicas e ainda outros sucessos, como ‘Dia Branco’ ‘Caravelas’ e ‘Coqueiros’ e ‘Canta Coração’. Jackson do Pandeiro participou tocando reco-reco em ‘Moça Bonita’. Os músicos chegavam muito cedo e ele apareceu com seus irmãos, Tinda e Cícero, pai de Zé Gomes”.

“Só uso a vareta bacalhau para gravação em estúdio. É o melhor presente do mundo que um músico poderia ganhar de um gigante como o Jackson do Pandeiro”

Segundo ele, Jackson falava com todo mundo, desde o porteiro do estúdio até o de mais alta função. “Ele era magrinho, pequeno, bem arrumadinho, elegante e de unhas feitas, pintadas de base. Quando acabou a gravação, ele me deu o reco-reco e um bacalhau, uma vareta fina que produz som agudo e que até hoje uso para tocar zabumba”, contou o percussionista.

Ele confessou que morre de ciúme do objeto. “Só uso a vareta bacalhau para gravação em estúdio. É o melhor presen-

te do mundo que um músico poderia ganhar de um gigante como o Jackson do Pandeiro, que era educado e atencioso. E não sei a razão de ter ganhado o presente dele. Talvez porque o elogiei”, comentou.

Rock in Rio

De paraibano no Rock in Rio, em 1985, não foi só o Herbert Vianna dos Paralamas do Sucesso, Elba e o sanfoneiro Severo, que subiram ao palco. Firmino Alves estava lá ao lado de Alceu. “Fomos os cobaieiros, mas Alceu arrasou. Foi na raça! Corria à boca miúda entre os técnicos, na época, que para os artistas brasileiros eram colocados equipamentos menos potentes e para os gringos eram outros, melhores. Mas pode ser lenda, mito”, contou. “Pude assistir James Taylor, a banda Yes e Al Jarreau (1940-2017), com quem toquei em 1999, no especial *Mama África*, da Rede Globo, em Salvador, com vários outros artistas”.

Ao lado de Elba Ramalho, as apresentações aconteceram entre 1985 a 1990. “Elba era participativa e legal. Na época, ela estava estourando com a música ‘De volta pro aconchego’, da trilha sonora da novela global *Roque Santeiro*. Passamos dois meses realizando

shows de quinta a domingo, em São Paulo”.

Firmino também tocou em estúdio para o primo famoso de Elba, Zé Ramalho. “Comecei com ele por volta de 1995 e toquei na gravação do álbum branco *20 Anos: Antologia Acústica*, e o último foi *Estação Brasil*. Zé era muito exigente e tinha que ser. O estúdio é a prova dos nove. Se alguma coisa sai errada, a gravação fica para sempre”, enfatizou.

Natural da cidade de João Pessoa, João Firmino Alves Filho iniciou as atividades artísticas em 1973, no Grupo Folclórico da Paraíba. Autodidata, ele queria ser baterista. “Mas o máximo que meu pai me deu foi um par de baquetas”, confessou. “Estudei muito para tocar outros instrumentos e na cidade não tinha curso de percussão como hoje”.

Em 1976, iniciou sua participação em grupos musicais da capital paraibana, onde conheceu e começou a tocar com o Jaguaribe Carne e Zé Ramalho. Ingressou na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como aluno da primeira turma do curso de Educação Artística, mas não concluiu, pois viajou para o Sudeste, em busca de trabalho como instrumentista, faltando apenas um semestre para a conclusão dos estudos acadêmicos.

A culpa toda da escolha da sua trajetória foi por causa do disco *Amazônia*, do pernambucano Naná Vasconcelos (1944-2016), emprestado por um amigo. Esse álbum fez Firmino se inclinar para a percussão. “Ouvia sons, como o de pássaros... Opa, é isso que eu quero! Foi amor à primeira vista”.

Ao longo da sua experiência de décadas, chegou a seguinte conclusão: “Nem todo músico que toca bem em show toca bem em estúdio, porque está gravando com uma máquina. O músico tem que se sincronizar com o metrônomo, que emite o som e que não pode sair dele. A primeira vez que toquei com metrônomo foi ‘Roque Santeiro’, de Sá & Guarabira, e foi difícil, pois ficou a sensação de que a máquina estava com defeito, mas era eu o problema. Hoje em dia, já tem o aparelho Pro Tools, que corrige falhas mais simples, sem precisar refazer a gravação”.

Como músico, no meio da pandemia, ele está bastante preocupado. “Nossa categoria será a última a voltar, quando tudo isso passar, embora não sabemos ainda quando isso vai acabar. Tenho 63 anos de idade e estou no lucro. Mas a profissão é ingrata e desgastante”.

Fotos: Acervo Pessoal



Da esquerda para direita: na banda de Alceu Valença durante a primeira edição do Rock in Rio, em 1985; em cima do palco com Elba, nos anos 1980; ao lado de Zé Ramalho, em 1996, no ensaio do ‘Som Brasil’ (Rede Globo)

Superstição

Afirmo por experiência e um pouco de leitura filosófica que existe um verdadeiro abismo entre desejo e a capacidade de realizá-lo.

Desde que Jorge Jesus saiu do Flamengo que o time só venceu uma única partida contra um Coritiba desfalcado. São cinco jogos pelo campeonato brasileiro, três empates, uma vitória e uma derrota. Fiz o possível para que o Flamengo vencesse os jogos. Usei a mesma camisa da sorte, torci, mas por alguma conspiração cósmica, feitiçaria ou incompetência técnica, o resultado foi o contrário. O time está uma droga. Assim o meu entusiasmo e alegria – como escreveu Nelson Rodrigues – transformaram-se na “agonia de um César apunhalado”.

No fundo, não vejo a menor consistência em credências supersticiosas. Sei que, de vez em quando, procuramos explicações mirabolantes para coisas simples; como também segurança para combater o medo que a sensação de incerteza e o acaso costumam provocar. É aí, essencialmente, que a superstição entra: nesse universo nada é por acaso. Tudo tem explicação e pode ser devidamente controlado. O que, para tristeza e testemunho de nossa impotência, a vida demonstra ser humanamente impossível.

Superstição e magia andam juntas. Esta última opera sob dois mecanismos básicos: a imitação e o contato. Kurt Kloetzel, especialista no assunto, cita os rituais vodas em que se espetam agulhas e agridem-se bonecos com características semelhantes a inimigos com a intenção de machucá-los ou destruí-los; e os cultos de

fertilidade em que as pessoas fazem orgias coletivas nos campos de cultivo, esperando influenciar a fecundidade da terra, como exemplos que reforçam a imitação como elemento fundamental do pensamento mágico. Por sua vez, certas tribos canibais podem ilustrar o princípio mágico do contato, quando seus membros acreditam que, ao se alimentar da carne de guerreiros derrotados, absorverão seus poderes.

Para finalizar, é possível encontrar uma proximidade espantosa entre o pensamento mágico e o pensamento infantil. Assim diz Kloetzel com base em Piaget. Segundo ele, as crianças nos primeiro meses viveriam como se fossem o centro do universo. Seriam egocêntricas, narcísicas, dominadas por seus desejos. Quando choram por comida e conseguem saciar a fome, associam o choro ao instrumento capaz de realizar todas as suas vontades. E passam, então, a chorar por tudo que desejam. Além disso, as crianças construiriam um universo simbólico com regras próprias. Algumas acham que podem voar e que são mais fortes do que realmente são; outras criam amigos imaginários e trocam a ficção pela realidade em brincadeiras de faz-de-conta. Esses tipos de brincadeiras possuem muita importância sociológica, sobretudo quando analisados a partir dos processos de socialização, porque funcionam como meio de antecipar papéis sociais.

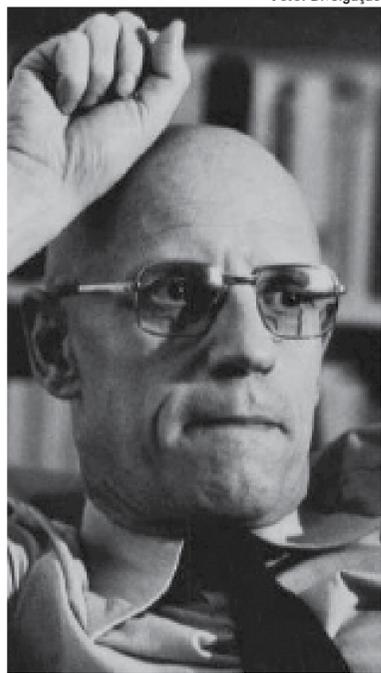
Mas, por enquanto, deixemos essa discussão para um novo texto.

A convivência social da loucura

A maldade humana leva a loucura quando o ódio se torna uma falha existencial. O perverso é desprovido de afeto e se torna sedutor para fazer o mal a fim de aliviar o próprio grito que carrega desde criança. A partir do berço, o indivíduo desprovido de afeto, quando adulto, será capaz de matar em nome de Deus ou do Estado. Nos dias atuais, observa-se a loucura de forma evidente nos ambientes religiosos e políticos. Diante dessas manifestações, a doença mental se tornou uma forma de expressão para se chegar a Deus e praticar a maldade contra o outro é uma forma de vomitar o próprio desafeto ou ódio. Uma característica dessa loucura é expressar o ódio e de imediato o culto a Deus, e a cada dia se descreve – de forma banalizada – o impacto dessa perversidade porque todo lugar se tornou um grande manicômio onde todos são ameaçados por alguma maldade. O medo tem confundido o que se entende de sanidade e loucura, essa desordem tem distanciado o sujeito da própria racionalidade e das perdas da sensibilidade e constitui a loucura social e moral. Nessas perdas o sujeito se exclui de si mesmo de forma a adaptar-se ao mundo exterior e alienar-se para suportar-se e manifestar a maldade para com todos.

A maldade humana expõe a fragilidade de toda convivência social, onde a dificuldade da vida material, a escassez e a ganância individual destroem a dignidade, a honestidade, os princípios da ética e da vida, porque todo mal conduz a loucura. Os causadores do caos social e do adoecimento do sujeito podem iniciar na família e no cruel sistema econômico e de fatores psíquicos. O paradoxo para entender a maldade humana é de que os loucos são aceitos; mas, a loucura não. Um entendimento para esse paradoxo é aceitar que a saúde mental se apresenta de forma diversa e as suas diferenças fazem parte da nossa vida, e o louco deve conviver em liberdade.

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), na sua obra *A História da Loucura* (1972), argumentou que a distinção entre loucura e sanidade mental é uma construção social. Foucault reconstruiu uma “não razão” para os “normais” e estabeleceu de modo repressivo o paradigma do que seria considera-



Filósofo francês Michel Foucault (1926-1984)

do “anormal”. Essas classificações constituem objetos de significados a partir dos quais os indivíduos pensam, compreendem e avaliam. Nessas classificações, os indivíduos passam a ser caracterizados e aparecem as primeiras manifestações no sentido de pertencimento (ou não) a dadas categorias, nas quais, a não adequação a essas, acabam por estimular procedimentos de distinção, separação, exclusão. Foucault apresenta a tese de que a proximidade entre a loucura e a sabedoria simbolizava uma inquietude e uma ambiguidade, que surgiu inserida em manifestações de ameaça e ironia, de forma a reduzir-se ao silêncio para não mais envolver-se as relações entre subjetividade e verdade. Além de expulsa – por uma razão dominadora – a loucura foi considerada como doença e seu controle passou a ser feito em instituições. Alguns desses loucos são motivos de preconceitos por essa lógica de não se encaixarem nos padrões aceitos, apesar do limite onde a loucura é inclusiva desde que os direitos dos loucos devem ser preservados. Dentre estes direitos citamos a liberdade, o convívio social, a cidadania, o direito de ir e vir, de se expressar, de atuar na política e nas igrejas. As características para uma saudável saúde mental na convivência social são: vivenciar atitudes positivas em

relação a si próprio; potencializar o crescimento, desenvolvimento e autorrealização de si e dos outros; estimular a integração e resposta emocional; desenvolver a autonomia e autodeterminação; impulsionar a percepção da realidade; preservar o domínio ambiental e a própria competência social.

A responsabilidade quanto à vida dos indivíduos com transtornos mentais deve ser compartilhada entre todos os envolvidos na sua vida pessoal, social, religiosa e política. E não se responsabilizar por esses indivíduos, não exime da culpa aquele que, e na obrigação de fazer algo em prol de sua melhoria, não o fez. As instituições e a sociedade devem melhorar a saúde e a garantida à dignidade das pessoas sem distinção a elas. Faz-se necessário buscar um entendimento acerca desses indivíduos adoecidos e dos limites dos riscos que causam na política, nas religiões (e igrejas) e na vida social. Nos dias atuais, a convivência social da loucura exige paradigmas para criar novas formas de pensar a maldade humana, a doença mental e os indivíduos que dela sofrem.

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 282 Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar o regente e compositor tcheco Gustav Mahler (1860-1911). As sinfonias de Mahler representam a busca por uma fé e respostas sobre a existência; tratam de temas sobre a morte. Mahler conviveu com a loucura do sofrimento. Ele extraiu da realidade as possibilidades ao recomeço e com vários pontos de vista sobre o real. Isto permite o sujeito elaborar sua interpretação do ‘eu exterior’ – influenciado Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). Mahler apresenta uma crítica de arte para negar a existência de um único discurso e expõe as pulsões do inconsciente – influenciado por Sigmund Freud (1856-1939). Do russo Dostoiévsky (1821-1881), Mahler apresenta a tese de que a criação artística torna o homem livre para salvar a si mesmo. Ele absorve a tese de que as forças instintivas da natureza humana conduzem o sujeito a única força para reconstruir uma nova moral – influenciado por Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O fascínio da nudez

(Para Hildeberto Barbosa)

Estava ouvindo ‘Sinhá’, letra de Chico Buarque e melodia de João Bosco, em que o compositor diz que a dona se banhou e ele não estava lá. “Por Deus Nosso Senhor, eu não olhei Sinhá, estava lá na roça, sou de olhar ninguém”. A primeira mulher que vi se banhar (eu era menino) foi minha mãe, branquinha, numa bacia de zinco. Daí, me apaixonei pelo corpo feminino.

É claro Chico Buarque estava lá e viu a moça se banhar, mas ele pede que não lhe coloquem no tronco, que ele não quer se aleijar. “Eu juro a vosmecê, que nunca vi Sinhá, por que me faz tão mal, com olhos tão azuis, me benzo com o sinal, da santa cruz”.

O mês passado conversei com os artistas Hamilton de Holanda e João Bosco, e comentei com os dois, que Chico diz que não viu a moça se banhar, mas viu sim. João Bosco riu, Hamilton também e não se fala mais nisso.

Em muitas canções de Chico Buarque, enxergamos o fascínio do universo feminino. Com açúcar e com afeto, a dimensão a perder de vista, uma desculpa, de dizer que estava ali no açude atrás da sabiá e olhava o arvoredo, quando a dona se despiu, é mais que uma canção – o prazer de olhar uma mulher nua se banhar. E ele torna a repetir: “Eu não olhei Sinhá”.

A sedução do desconhecido, a vontade de deixar de ser menino e virar homem, para além da libido e da estrada, dos barcos e da distância, independente do ângulo, em que se vê uma mulher tomar banho num rio, num açude ou no mar, reduz os continentes ao tamanho de ilhas. Que maravilha uma canção assim, ver uma mulher nua e jurar que foi ali para ver o sabiá.

O temor da canção Sinhá me inspira e arrepiava, como uma atração fatal que desperta, que nos faz enlouquecer, até quando a mulher é um livro, como canta Caetano Veloso em ‘Elegia’, “como encadernação vistosa, feita para iletrados, a mulher se enfeita, mas ela é um livro místico e somente, a alguns a que tal graça se consente, é dado lê-la”. Nudez total.

No mar, a beleza da nudez feminina vira espuma branca que estende pelo areal e não tem sol causticante que nos arranque de lá. A fúria da beleza do corpo feminino inunda convés, canoas, barcos até que as ondas ficam dóceis, gotas na palma da mão ou lágrimas de uma ternura nos olhos das crianças. A primeira mulher nua que vi foi minha mãe.

A pele macia de uma mulher preta, branca ou a russa, as cores com que elas vestem nossos olhos, azuis ou verdes, castanhos, vermelhos, mas sempre vendo a cena entre cristais de sal. É demais.

A profundidade da canção ‘Sinhá’ que, o compositor talha o desejo e guarda os segredos em muitos açudes, onde há cuidados sobre intimidades, é mais que uma canção. A imponência dessa música, chega a um rugido tropical cujo domínio liberta as marés e sangrias de açudes, em muitos gozos e poucas tristezas.

É lindo um açude sangrando, desvirginando a alegria dos homens e eu vou perguntando, até quando? A mulher não envelhece, seu olhar confirma, quase uma ave marinha, mais que isso, um belo postal.

O espanto de quem se vê ao ser vista, é quando entra a presença de Sinhá. O amor com que se lhe entrega a vida, a saudade com que se lhe morre nos olhos de tantas vezes dizer, “eu não olhei Sinhá, eu não olhei Sinhá”.

Puxa vida! Quero que pinte um amor, Sinhá!

Kapetadas

1 - Por que os homens não conseguem achar as coisas?

2 - Alguém me disse que amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do “pleito”.

3 - Som na caixa: “Esta canção não é mais que mais uma canção, quem dera fosse uma declaração de amor”, Chico Buarque.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Centro Histórico de João Pessoa: um patrimônio arquitetônico e cultural que é cenário de grande parte das produções audiovisuais já realizadas



Iphaep adia a Semana do Patrimônio Cultural

Findo o mês de agosto, foi-se com ele a chance de mais uma Semana do Patrimônio Cultural da Paraíba. Por causa da pandemia, que hoje nos tem transformado a maneira de viver, de ver as coisas, acertada foi a decisão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) em adiar a efeméride festiva para o próximo ano. E por que esse adiamento nos diz respeito, já que nossos domingos em A União sempre são de cinema?

Bem, certamente porque a história da nossa capital tem sido uma das nossas mais entusiasmadas preferências, inclusive cinematográficas. Sempre fomos (e avançamos sendo) parceiros zelosos por uma cultura paraibana de não apenas "ouvir e falar" sobre a história da cidade, ou de deitar um mero olhar sobre a nossa urbe; mas de agenciar um "ver imagético" diferenciado aos fatos históricos paraibanos, não menos, ao seu patrimônio arquitetônico e cultural, sobretudo o mais ancestral.

Em verdade, insistimos em ser daqueles caminhantes, passadiços (não fugazes), por vielas, ruas, avenidas, casarios e parques desta urbe pessoense,

tentando replicar o esquecimento de muitos por suas belas imagens, quer antigas ou modernas, seus mais diferentes tempos históricos, desde que fora ela uma simples Filipeia, Frederica (*Frederikstad*), ou Parahyba.

Figuras amigas como a do historiador José Octávio de Arruda Mello, que terá sido nosso orientador quando realizamos o premiado filme *Parahyba* (1985), com parceria de JM Bitencourt, tem dado o seu melhor, com "lutas e resistências" à não amnésia sobre a saga parahybana. Ele, cuja historiografia sempre foi no reconhecimento dos nossos costumes, feitos e personagens.

Citaria ainda outros fiéis parceiros, de olhares igualmente diferenciados sobre os valores históricos urbanos. Visionários arquitetos que são, como eu, das imagens do nosso consuetudinário, no labor de seus resgates culturais. São cidadãos comprometidos com a cidade de João Pessoa, e que fazem dela o real motivo de suas reflexões positivas. É caso do professor Mirabeau Dias, com quem realizei, a partir dos contos de sua rica lavra, o média-metragem ficção *Antomarchi*, cujas imagens são

fiéis visões urbanas e que rebobinam antigos sobrados, parques e jardins da nossa cidade de anos anteriores. Filme que completa agora uma década da sua feliz realização.

Dois outros feitos audiovisuais, de igual peso urbano, podem ser vistos em *Américo: Falcão Peregrino*, lançado no Fest Aruanda em sessão especial *hors concours*, no ano passado, e o média-metragem *Poltrona Rasgada*, ainda inédito para público e com lançamento previsto para a pós-pandemia. Ambos os vídeos produzidos com enlevo de dois grandes amigos, igualmente sonhadores, o professor Moacir Barbosa de Sousa e o também professor e médico Manoel Jaime Xavier Filho, ambos escritores e "cinemistas" – aquele que ama e faz cinema, neologismo criado pelo meu netinho Arthur Luna.

E, aproveitando esse gancho, quem sabe se tais produções paraibanas e independentes, retratando o rico passado e o presente de nossa capital, não poderiam fazer parte da programação da Semana Cultural do Iphaep, já no próximo ano? – Mais "Coisas de Cinema", em: www.alexasantos.com.br.



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) – Cadeira 41, Patrono: Antonio Serafim Rego (Ocupante: escritor José Bezerra Filho). Serafim era piauiense, mas fixou residência em João Pessoa. Em 1934, inaugurou o Cine Metrópole, localizado na esquina da rua Juarez Távora com a General Bento da Gama. Durante muitos anos foi o único exibidor de filmes que abrangia os bairros da Torre, Mandacarú, Tambiá e Roger. Dedicou toda sua vida ao ofício de fazer as pessoas felizes através da magia do cinema. Foi referência no romance de José Bezerra Filho, *A Paixão*, segundo o *Metrópole*, livro em que o Cine *Metrópole* e Seu Serafim figuram como personagens principais. Serafim morreu em 08 de janeiro de 1976.

Flibo Virtual

Festa literária encerra atividades hoje

Hoje é o último dia da versão on-line da Festa Literária Boqueirão, a Flibo Virtual, cujas atividades acontecem através das redes sociais oficiais do evento no Facebook e Youtube.

A partir das 15h haverá um painel sobre uma das homenageadas da edição: Lourdes Ramalho (1920-2019). Estarão presentes virtualmente o pesquisador e professor Diógenes Maciel (UEPB), e a agente cultural Luana Ramalho, neta da escritora. Sob o tema "A obra de Lourdes Ramalho e o leitor do presente: dramaturgia, autoria e leitura", a mediação será de Renalle Ramos Rodrigues (UFCG).

"Pretendo discutir os modos como Lurdes Ramalho tem estado sob debate, notadamente no que se refere a uma discussão sobre a sua autoria, no limite entre a página e o palco", explica Maciel. "Vou defender



Foto: Arquivo A União

Painel abordará "A obra de Lourdes Ramalho e o leitor do presente"

que, para se conhecer, reconhecer e difundir a obra da dramaturga, é necessário se fixar um corpo tipográfico adequado, ou seja, termos boas edições, bem cuidada no que se refere ao cotejo de seus originais, que possam fazer esta obra circular entre novos leitores. Penso que, assim, se amplia o escopo de recepção de sua obra

para além da situação de apresentação teatral".

Para Luana Ramalho, o evento é importantíssimo para mostrar o quanto a homenagem representa para a Paraíba. "Como todos sabem, Lourdes foi uma mulher além do seu tempo, mas para ela ser além do tempo, sempre foi uma grande pesquisadora. Todas as peças

nas áreas de educação e de teatro, todos os textos, tudo que ela já escreveu sempre foi baseado em cima de muita pesquisa e estudo".

A Flibo Virtual ainda terá, às 17h, o bate-papo "Reinvenção e resistência: o cordel em tempos de pandemia", com a editora Ana Ferraz, junto com os cordelistas Jorge Filó e Susana Moraes, todos pernambucanos. A mediação ficará a cargo do professor Joab Jorge Leite (PB).

Por fim, às 19h, haverá música e sarau com o cantor e cineasta André Moraes.



Através do QR Code acima, acesse o Facebook da Flibo

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Eu, prefeito!

Num de seus textos publicados no *MaisPB*, o jornalista Kubitschek Pinheiro imagina que, em sendo eu um poeta, daria um bom prefeito para a cidade de João Pessoa. Além de mim, cita outras figuras que perambulam pelo precipício da vida cultural como náufragos lutando pela salvação.

Tirante o meu nome, todos os que foram referidos poderiam, em certo sentido, se tornar excelentes prefeitos ou prefeitas excelentes. Quero crer que administrar a coisa pública talvez não seja tão difícil assim. Até porque, em cada um dos que tais que habita a cabeça multifária e engenhosa de meu querido Kubitschek, parece cultivar um elemento pragmático e um raro tirocínio profissional devidamente adequados ao exercício dos bens públicos e às normas transcendentais que conformam a persona estatal.

Eu, não!

Se sou poeta, todos sabemos: Platão me expulsou da República faz tempo. Não tenho, portanto, a cidadania necessária para transitar por dentro da ordem administrativa, a habilidade de despachar e persuadir, a paciência de representar papéis de comando e de poder. Como poeta, estou fora dos decretos, das portarias, das circulares, da lei orgânica e de toda e qualquer medida provisória. Só me dou bem com a essência das coisas permanentes e com os valores que perduram.

Se sou poeta, não sou municipal, nem estadual, nem federal. O ouro, nunca tive no nariz, e, como só penso na melhor palavra colocada no melhor lugar possível, bom prefeito não seria, mesmo amando essa cidade, que nem é a minha cidade de origem, como se fora o meu lugar para sempre.

Como poeta, amo, sim, essa cidade, e como me fiz pelo tecido da linguagem e pela poesia que descubro nas histórias que começam a partir do rio Sanhauá e desaguam nas areias de Tambaú e Cabo Branco, ocuparia meu tempo a polir as palavras para transformá-las em poema, na esteira de sua melhor tradição lírica.

Faria certamente uma gestão irresponsável, alicerçada nos riscos da liberdade e da fantasia. Liberdade e fantasia, coisas que a política desconhece. Pelo menos essa política de cartas marcadas com que se escreve a história do Brasil. Coisas impossíveis para quem vê o mundo atrás de um gabinete vestido de prefeito.

Mas, a bem dizer, não sei como se vê o mundo sob o estatuto de prefeito. Eu, se sou poeta, como Kubitschek imagina, só o vejo poeticamente. Isto é, mensuro tudo, os reinos mineral, vegetal e humano, por uma lógica que foge completamente à lógica milimétrica dos poderes executivo, legislativo e judiciário, sem teleologia e sem abstração.

E que lógica seria essa?

Ora, a lógica sem lógica dos esforços e empreendimentos não empresariais, próxima, sim, da utilidade e da necessidade públicas, contudo, sem os artefatos dos interesses políticos e ideológicos. Uma lógica de temática musical, fluida e encantatória, assentada na eficácia do que reside no sabor de tudo que é gratuito e indomável.

Uma lógica, diria, da intuição, do devaneio, do amor que condensa a fibra dos filamentos cósmicos. Enfim, uma lógica que comporte tudo aquilo que não cabe na gramática corrosiva da gestão pública, no farisaico labor da edilidade ou no grotesco teatro das togas tribunícias.

Colunista colaborador

★ Destaque

Edital nacional de animação infantil prorroga inscrições

As inscrições para projetos de animação do Petrobras Cultural para Crianças foram prorrogadas até o dia 8 de setembro. A seleção, no valor total de R\$ 4 milhões, é destinada a projetos de curta e média-metragens de animação com conteúdo voltado para crianças de até seis anos de idade. As inscrições devem realizadas no site www.petrobras.com.br/cultura. O processo seletivo contará com especialistas do segmento e tem previsão de divulgação de resultado em novembro. Os projetos selecionados deverão ser concluídos em até 18 meses, a contar da assinatura do contrato. As animações deverão ser disponibilizadas em plataformas *streaming*.

Treze busca reabilitação na Série C contra o Ferroviário

Ainda sem vencer e na zona de rebaixamento, o campeão paraibano joga às 20h de hoje no Estádio Amigão

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após duas derrotas seguidas e a lanterna do grupo A do Campeonato Brasileiro da Série C, o Treze quer começar a reagir; a partir de domingo, quando vai enfrentar o Ferroviário, às 20 horas, no Estádio Amigão. Esta será a primeira partida do Galo em Campina Grande e vai enfrentar um adversário que vem muito bem na competição, em terceiro lugar com 6 pontos.

Apesar das duas derrotas e da pressão da torcida, o técnico do Treze, Moacir Júnior, diz que não há motivos para desespero e espera uma reação do time. Ele não acha que o time vem jogando mal e acredita as derrotas a detalhes e um pouco de desatenção.

Durante toda a semana, ele treinou o sistema de defesa que vem levando gols nos minutos finais das partidas. Foi assim contra o Campinense, pelo Paraibano, e mais recentemente contra o Santa Cruz e o Paysandu, pela Série C. Ele também treinou muitas finalizações, porque acha que os atacantes vem desperdiçando as oportunidades durante os jogos e isso vem contribuindo também para as derrotas.

Para o lateral direito Léo Pereira, o fato do Ferroviário vir embalado na competição não preocupa e sim os próprios erros da equipe. "Nós não olhamos muito para os adversários e sim para os nossos erros e o que tem de ser feito para reagir no campeonato. Independentemente do adversário, o Galo tem que ir para cima e conseguir a primeira vitória, para dar uma maior tranquilidade ao grupo durante a próxima semana", disse o atleta.

Para este jogo contra o Ferroviário, Moacir Júnior não poderá escalar o meia Alexandre Santana, que foi expulso contra o Paysandu e vai cumprir suspensão. Bruno Mota será o substituto do jogador. Nas demais posições, o time deverá começar jogando com a mesma escalação do jogo passado: Paulo Wanzeler; Léo Pereira, Breno Calixto, Nilson Júnior e Gilmar; Robson, Tales, Vinícius Barba e Bruno Mota; Douglas Lima e Frontini.

No Ferroviário, o clima é de muito otimismo e a razão para isto está na vitória por goleada de 4 a 0 sobre o Vila Nova-GO, na última rodada. O clube vem embalado na terceira posição do grupo A e é dirigido por um técnico muito conhecido no futebol paraibano, Marcelo Vilar, que já foi inclusive campeão paraibano pelo Galo.

Mesmo com a goleada, o treinador não espera moleza contra o Treze e quer a equipe muito focada, sobretudo na marcação, que segundo ele, foi primordial na vitória sobre o Vila Nova. Os zagueiro Vitão, um dos destaques da equipe no jogo, acha que o adversário virá com tudo para reagir na competição e já espera muita pressão.

"A gente sabe que vai ser um jogo muito difícil, temos que encarar com bastante seriedade para não ser surpreendidos", destacou.



Foto: Ester Vasconcelos/Treze

Ainda sem pontuar no Campeonato Brasileiro da Série C, o Treze tem a chance de alcançar a sua primeira vitória hoje no Amigão

Confira os jogos deste domingo

SÉRIE A	SÉRIE B	SÉRIE C	ESTADUAIS - FINAL
11h	19h	18h	Mineiro
São Paulo x Corinthians	CSA x CRB	Remo x Vila Nova	16h
16h	Operário-PR x Brasil-RS	20h	Tombense x Atlético
Santos x Flamengo		Treze x Ferroviário	Gaúcho
Coritiba x Sport			16h
18h			Grêmio x Caxias
Atlético-GO x Ceará			

Fonte: CBF

Domingo de bola rolando em três séries nacionais e finais estaduais

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

A rodada deste domingo no futebol brasileiro será bastante movimentada nas três divisões nacionais com campeonatos em curso no país. Além da partida do Treze contra o Ferroviário pela Série C, ainda são destaques o clássico alagoano entre CSA e CRB pela segundona e o clássico paulista entre São Paulo e Corinthians valendo pela Série A. Ao todo, só hoje a bola irá rolar pelas competições da CBF em 11 partidas diferentes por todo o Brasil. E tem também decisões pelos estaduais. Em Minas Gerais, o Atlético que venceu o primeiro jogo por 2 a 1 joga contra a Tombense, fora de seus domínios. Vale o título estadual, assim como em Porto Alegre, onde o Grêmio recebe o Caxias, em casa. Na primeira partida, em Caxias do Sul, o time de Renato Gaúcho venceu por 2 a 0.

Na Série A, além do jogo às 11h no Morumbi entre o São Paulo e Corinthians, destaque para a Vila Belmiro, onde às 16h vão jogar Santos e o Flamengo que



Foto: Rubens Chiri / saopaulofc.net

O São Paulo que venceu o Atlético-PR no meio de semana faz o clássico paulista de hoje contra o Corinthians

busca recuperação após o começo ruim da competição. As duas equipes foram, no ano passado, vice e campeão brasileiro, respectivamente. Pela primeira divisão ainda jogam, hoje, no Couto Pereira, às 16h, o lanterna Coritiba contra o décimo oitavo Sport, além de Atlético-GO (17º) e Ceará (19º) às 18h, no Olímpico de Goiânia.

Enquanto isso, na Série B o domingo de futebol contará com apenas dois jogos, ambos ocorrendo às 19h.

Começando pelo jogo de destaque que será a disputa entre os rivais alagoanos CSA e CRB. O lado azul da capital Maceió jogará como mandante no Estádio Rei Pelé, às 18h. No mesmo horário, o Operário de Ponta Grossa, que acaba de assinar com o meia Clayton, ex-Botafogo da Paraíba, receberá o Brasil de Pelotas, no Estádio Germano Krüger.

Já na terceira divisão serão cinco partidas ocorrendo hoje, duas pelo Grupo A

e três pelo B. Além de Treze e Ferroviário que se enfrentam às 20h no Amigão, na primeira chave, jogam, às 18h no Mangueirão, Remo e Vila Nova, dois dos favoritos ao acesso este ano. Já pelo segundo chaveamento da Série C serão três jogos, todos às 16h. O Brusque receberá o Ituano no Augusto Bauer, enquanto o São José pegará o Volta Redonda no estádio Francisco Novelletto. Por fim, Londrina e Boa Esporte jogarão no Estádio do Café.

Clubes terão R\$ 300 mi com apostas esportivas

João Prata

Agência Estado

Os clubes brasileiros de futebol devem ganhar nos próximos meses mais uma fonte de receita com a regulamentação das chamadas loterias de quotas fixas, as apostas esportivas. No último dia 18, um decreto do presidente Jair Bolsonaro (10 467/2020) autorizou empresas privadas a explorar essas loterias. O texto prevê que o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES) crie regras e diretrizes para a existência do negócio.

Ainda não há um prazo para essa regulamentação, mas especialistas nessa área acreditam que esse processo deve levar em torno de dez meses.

De acordo com a Lei nº 13.756, sancionada em 12 de dezembro de 2018, os clubes brasileiros de futebol têm direito a 3% do volume arrecadado nesse tipo de aposta, sendo que 2% vem das apostas feitas em locais físicos e 1% de maneira online. Com as regras, estima-se que esse mercado possa vir a movimentar até R\$ 10 bilhões somente no primeiro ano de atividade. Ou seja, isso renderia aos clubes de futebol cerca de R\$ 300 milhões.

Um estudo feito pela FGV estimou, em 2018, que esse tipo de aposta movimentou R\$ 4 bilhões - quantia que não trouxe nenhum retorno a entidades esportivas. Há cerca de 500 sites de apostas online que oferecem jogos brasileiros. As plataformas são registradas no exterior e operam por aqui sem tributação e regulamentação. Em outros países, esse tipo de jogo segue a legislação e já movimentou bilhões.

"Na Itália a arrecadação com apostas esportivas chega a US\$ 34 bilhões (R\$ 190 bilhões), na França, US\$ 16 bilhões (R\$ 89 bilhões). Nos Estados Unidos, só em Nova York, US\$ 9 bilhões (R\$ 50 bilhões)", afirma o advogado Pedro Trengrouse, professor da FGV.

A falta de regulamentação no Brasil já levou milhares de apostadores a ficarem sem receber prêmios porque bancas não honraram apostas nos resultados da 13ª rodada do Campeonato Brasileiro em 2017. Em 2007, uma investigação da Polícia Federal levou à anulação de 11 partidas do Nacional por manipulação de resultado.



Do ponto de vista ambiental, as flores servem para proteger os óvulos da planta que, após serem fecundados pelo grão de pólen, formam as sementes. Elas vão atuar na propagação de uma nova planta, mantendo o ciclo

Flores ajudam no equilíbrio da natureza e geram renda

Responsáveis pela propagação das espécies, elas também embelezam os ambientes e movimentam a economia

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Coloridas, de formas vistosas e harmônicas, assim são diversas flores. Esses órgãos reprodutivos das plantas angiospermas ainda podem encantar pelo perfume que exalam. São fonte de renda para vários profissionais, dão "vida" ao ambiente e, como tudo na natureza, têm uma função especial: as flores são indispensáveis para o equilíbrio do meio ambiente. Elas servem de abrigo e alimento para pequenos animais, sendo responsáveis pela propagação das espécies.

O biólogo Ramôn da Silva Santos, que atua no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho, mais conhecido como Jardim Botânico Benjamin Maranhão, em João Pessoa, explicou que as flores atraem os animais (borboleta, abelha, morcego, beija-flor, entre outros), que ajudam na troca de material genético, resultando na formação dos frutos e sementes.

As flores ainda servem de abrigo e local de acasalamento

para os insetos que, por sua vez, contribuem no processo de polinização. Assim ocorre a perpetuação de grande parte das espécies. "As flores servem para proteger os óvulos da planta que, após serem fecundados pelo grão de pólen, formam as sementes. Elas servirão para a propagação de uma nova planta, pois carregam toda a informação genética da planta mãe", destacou Ramôn, que é mestre em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Esse ciclo harmônico faz parte do equilíbrio do meio ambiente. Ramôn Santos afirma que, caso as flores, por algum motivo, fossem extintas do planeta, isso significaria o desaparecimento de florestas e, conseqüentemente, de muitos animais que dependem dos recursos florais (néctar) e dos frutos para sobreviver.

A humanidade também seria afetada, uma vez que as plantas ajudam a manter a temperatura do meio ambiente e a preservar fontes hídricas como os rios. Ao fazer a extração ile-



gal de florestas, a comercialização não sustentável das espécies vegetais ou, simplesmente, arrancar uma flor de um jardim somente pelo mero desejo de se apropriar dela, é preciso repensar esta ação e agir em prol da natureza.

"É de extrema importância que o ser humano mude seus hábitos e interesses nas questões ambientais, pois é

uma questão de sobrevivência do planeta. Pequenas ações podem acarretar em prejuízos desastrosos para a humanidade. Mas, simples ações positivas também podem modificar e reverter os impactos e prejuízos que já são vistos e sentidos nos dias de hoje", destacou Ramon.

A professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Jussara Ellen Moraes

Frazão, cientista agrária, paisagista e pós-doutora em Nutrição de Plantas, afirma que a Terra teria fortes prejuízos sem as flores. "Digamos que elas são essenciais à existência e manutenção da vida no planeta. Em torno de 75% da alimentação humana dependem direta ou indiretamente de plantas floríferas, que produzem grãos, frutas e hortaliças". Ela acres-

centou que essas plantas ainda oferecem outros produtos além de alimentos: um exemplo é o algodão.

Extinção

Por causa da postura não ambiental do homem, que provoca desmatamento e queimadas ilegais e outros atos de degradação da natureza, algumas flores estão em extinção. A professora e cientista agrária, Jussara Frazão, cita como exemplos algumas orquídeas e bromélias. Ela explica que a devastação do meio ambiente faz com que muitas flores percam os seus agentes polinizadores específicos para a propagação, tornando-os escassos e fazendo com que as espécies desapareçam do planeta. Outra espécie destacada pela cientista agrária são as árvores do pau-brasil, também ameaçadas. Elas apresentam delicadas e coloridas flores nas cores amarelas e vermelha.

Continua na página 14

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Em torno da nossa compreensão imóvel

O paraense Paulo Leminski (*foto*) - que morreu em 1989 com apenas 45 anos de idade e chegou a ser musicado por Caetano Veloso (no disco "Outras palavras") - é um dos bons representantes dos ventos da contracultura brasileira, com livros de prosa experimental ou com poemas como "Não fosse isso e era menos / Não fosse tanto e era quase".

Um texto leve ou profundo de Leminski ("Diógenes e o Zen") segue a dialética dos conflitos, coincidências, encontros e rupturas entre as maneiras orientais e ocidentais.

A leve profundidade desse texto (ou leve profundidade?) me levou, na tarde da quinta-feira passada, a novas variações mentais sobre o convívio diário (menos às segundas-feiras) entre a coluna "Essas coisas" e seus prováveis e provavelmente habituais leitores, não esquecendo leitores transitórios, provisórios, "en passant", que só se "comovem" ou emitem abundantes elogios por telefonemas e emails quando entro em políticas questões.

Não estranho. Afinal, a comida mais típica da Paraíba não é a carne-de-sol. É o prato político: na Picanha de Bastos, no Cajá, em Cajazeiras, nas mesas de Campina Grande, por aí, com os talheres começando a esquentar em direção às próximas eleições municipais.

As últimas já são águas que passaram da turbulência à tranquilidade.

Um trecho do texto de Leminski com a finalidade de um melhor entendimento nosso: "Os antigos discutiam se o cinismo era doutrina filosófica ou modo de vida. Isto é: palavras ou não-palavras. A filosofia, seja lá o que for, são palavras, enquanto portadoras de conceitos. As imagens, os gestos, as atitudes, as situações materiais, também podem significar, conceptualmente. De todas as convergências e tangências entre o cinismo grego e o zen sino-nipônico, esta a mais visível: é consciência atingida sem palavras".

Lógico que não pretendo atingir a meta de escrever uma coluna diária sem palavras. Quando não forem necessárias as palavras, os jornais também não, nem os livros, nem a Internet. Então, não existiriam "Essas coisas".

Ora, direis, ouvir estrelas? Ouviremos. E não somente no céu ou nos planetários do Espaço de Tambauzinho e da Estação Ciência.

Neste agora, neste domingo, temos palavras, toneladas, mares, imensidões de palavras. Palavras de Leminski, Bertolucci, José Leite Guerra, Fernando Alonso, Sérgio Moro, Lionel Messi, Aldo Lopes, Walter Galvão, Do-

nald Trump, a rainha Elizabeth, Putin, Jorge Mautner, Marina Silva. Por aí vai.

Quem engendra o que com tantas palavras, certas palavras, outras palavras e nossas palavras? O palavreado é tanto que a realidade joga mesmo para um "buraco negro" a possibilidade de uma coluna diária sem palavras.

A perfeição é a meta? Perguntava (ou afirmava?) a voz de Elis Regina cantando o "Meio de campo" de Gil. "Prezado amigo Afonsinho"... Afonsinho, ex-meia-direita no futebol, jogou muitíssimo bem em times como o Santos, Flamengo e Fluminense. Hoje é médico do INSS, no Rio de Janeiro. Vi entrevista dele no YouTube, falando sobre a violência que pinga e respinga no futebol 2020 do Brasil. A perfeição é a meta?

Almocei pensando nisso e terminei por reler um dos mais extraordinários textos zen que o Japão nos legou, a chamada "Carta sobre a compreensão imóvel". Leia este trecho:

"Quando um adversário te desafia para lutar e todo o teu sentido converge sobre a tua espada, deixas de ser senhor dos teus próprios movimentos, ficando escravo dos movimentos dele. Chamo a isso servidão,



Leminski foi musicado em "Outras palavras" por Caetano Veloso

visto que te deténs num único ponto. (...) Dás ao adversário uma vantagem e ele poderá atingir-te. Não deves também te preocupar com a oposição entre ti e o adversário, senão é outra vantagem para ele. Sobretudo, pensar em ti. Em cada um de nós, existe algo que se chama compreensão imóvel. É isso que deves exercitar. Imobilidade não quer dizer ficar parado como uma pedra ou um tronco de árvore sem entendimento. A compreensão imóvel é o que há de mais ágil no mundo; está pronta a assumir todas as possíveis direções e não tem nenhum ponto de paragem".

Mas, não vamos, eu e você, permitir que entre "Essas coisas" e seus leitores criem-se "adversários". É a nossa compreensão imóvel.

Sensações, aromas e sabores: flores doam mais que beleza

Projetos paisagísticos se utilizam da grande variedade de flores para oferecer ambientes agradáveis e estimulantes

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Além da importância para a natureza, as flores são fonte de renda para muitos profissionais, dando leveza e alegria a ambientes internos e externos, arranjos decorativos, buquês, trazendo beleza a muitos momentos da vida. “As plantas floríferas podem e devem ser utilizadas nos projetos paisagísticos, combinado com outros elementos visuais, constituindo, dessa forma, a variedade visual, desde que se harmonizem”, afirmou a professora da UFPB, Jussara Ellen Morais Frazão, paisagista e cientista agrária.

A professora afirma que, quando se fala em sensações no paisagismo, as flores são as grandes estrelas dessa atividade. As cores e formas desses elementos da natureza são exploradas para promover os efeitos desejados. Segundo Jussara, o vermelho e o laranja, por exemplo, promovem efeito estimulante, aproximando o observador. “Já para obter efeitos contrários, que ampliam as distâncias e são calmantes, podemos usar o violeta e o azul”, completou.

Ela explica que ainda se pode tirar outro proveito das flores em um projeto paisagístico: o movimento. Esse é considerado o quinto elemento de comunicação, incluindo espécies floríferas que sejam atrativas para a

fauna. O conjunto de flores, associada aos animais que atraem, irá oferecer vida e movimento aos jardins e, conseqüentemente, resultar em sons como o canto dos pássaros. “As bromélias e ixórias são exemplos de plantas mais atrativas para a fauna”, citou.

Além das sensações e efeitos estéticos visuais, a professora destaca que ainda é possível desfrutar de aromas e sabores das flores. “Muitas pessoas não têm ideia de que algumas flores do seu jardim são comestíveis, como as cravinas, calêndulas, amor-perfeito e capuchinha”, declarou. As espécies comestíveis podem ser consumidas in natura, cristalizadas ou de forma processadas.

Ter um ambiente verde e florido na área urbana também significa ter um local menos quente, com menor poluição sonora e do ar.

Mais saúde

As flores ainda fazem muito bem à saúde. A arquiteta paisagista Beatriz Campelo Pereira (Bia Campelo), ressaltou que um artigo do Journal of Environmental Psychology comprovou que ter plantas com flores diminui os níveis de estresse e de depressão. Acompanhadas de folhagens de variados tamanhos e texturas, as flores evocam ainda memórias afetivas. “Pelo cheiro, pela beleza e pela delicadeza”, afirmou Bia.



Fotos: Divulgação

Na cidade de Pilões, cooperativa cultiva e comercializa flores, garantindo o sustento das famílias de 28 trabalhadores, entre eles, 22 mulheres

Cultivo empodera mulheres no Cariri paraibano

A 87,13 km de João Pessoa, no Brejo paraibano, fica o município de Pilões, com cerca de sete mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A única fonte de renda para 28 trabalhadores da zona rural desta pequena cidade vem das flores. Eles atuam na Cooperativa de Floricultores do Estado da Paraíba (Cofep), existente há 20 anos. Mas com a pandemia e o isolamento social, os cooperados perderam toda a produção deste ano porque não tiveram demanda para atender.

De acordo com a presidente da Cofep, Maria Helena Lourenço dos Santos, os prejuízos chegaram a R\$ 200 mil reais. “Vendemos muito para as igrejas, para festas de casamentos, aniversários, decoradores; no mês de maio, tem o novenário, o Dia das Mães, depois vem o Dia

dos Namorados, em junho. Mas este ano, não teve comemoração de nada, e até as igrejas fecharam”, lamentou Maria Helena.

Retomada

Com o retorno gradativo das atividades econômicas, os cooperados estão começando a reavivar o negócio. Maria Helena conta que recebeu de um dos fornecedores que a cooperativa costumava comprar a doação de sete mil mudas, o que vai impulsionar o retorno dos trabalhadores. A expectativa é que as vendas retornem no Dia de Finados, em novembro. Mas, até agora, tudo é feito na “base da fé”. “Somente Deus para nos ajudar, porque os cooperados moram no campo e estão sobrevivendo nesta pandemia com cesta básicas doadas”, confessou.

As flores do campo, monse-

nhores, margaridas e outros tipos cultivados e vendidos na região, também dão empoderamento às mulheres da Cofep, uma vez que dos 28 cooperados, 22 são do sexo feminino. Além de uma fonte de emprego e renda, elas encontraram na atividade uma forma de aumentar a autoestima, de se sentirem produtivas e mais felizes. Agora, com a falta de clientes, a presidente da cooperativa afirma que a situação de todas é “sufocante”. “Não podem comprar nada para os filhos, uma roupa, um calçado, fazer uma feira. Isso dói no coração”.

Em meio à crise, Maria Helena faz uma avaliação sobre o cenário de pandemia e a degradação do meio ambiente. “Plantamos aqui com respeito ao meio ambiente, tudo é natural, porque quando fazemos mal à Mãe Terra, ela se revolta”.

SAIBA MAIS

■ O biólogo do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho (Jardim Botânico Benjamim Maranhão), Ramôn da Silva Santos, afirma que o local resguarda plantas florais que estão se tornando escassas no planeta como a *Swartzia pickelii* KillipexDucke, conhecido com Jacarandá Branco; e a *Bowdichia virgilioides* Kunth, conhecida como supupira. Ambas exibem flores graúdas, de beleza única.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Cinquenta anos de jornalismo matuto

Mês que vem comemoro cinquenta anos da primeira edição do Jornal Alvorada, em Itabaiana. Foi em setembro de 1970 que circulou o primeiro número deste “órgão literário e noticioso”, a concretização do meu sonho de infância. Meu irmão mais velho, Sóstenes Costa, trabalhou como recenseador no censo rural e urbano realizado naquele ano. Na qualidade de ajudante, recebi ao final dos trabalhos, a título de gratificação, a importância de cem cruzeiros, dinheiro que investi totalmente na impressão dos quinhentos exemplares do jornal, cuja edição enalhou quase que totalmente. O jornaleco foi impresso na gráfica d'A FOLHA, do mestre tipógrafo Nabor Nunes de Oliveira.

Reproduzo abaixo matéria do meu compadre Sanderli Silva, um dos elementos responsáveis pelo jornal Alvorada, publicada na edição de dezembro de 1995:

“Fui um dos colaboradores do jornal, que nasceu junto com a Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, no ano de 1970. Lem-

bro que, na época, só Fábio Mozart tinha alguma noção de jornalismo, já que filho de tipógrafo. Como em todas as coisas idealizadas na mocidade, havia aquele toque de fantasia. No decorrer de 25 anos e em edições esporádicas, o Jornal Alvorada incomodou os “donos do poder” em plena ditadura, o que nos valeu prisões e outras retaliações. Quando pensavam que o jornal estava morto, lá vinha ele mimeografado, baixando a lenha nos salarários de toda ordem.

Fazíamos um jornalismo crítico, um teatro conscientizador e uma poesia antiditatorial. E isso tinha consequência. Em 1978, todo mundo foi em cana por causa de um artigo considerado difamatório à ‘pátria’. Naquele tempo de autoritarismo, quem fizesse oposição ao governo era considerado comunista. O delegado de Itabaiana era protestante, o Major Sá, que mandou a gente ler a Bíblia ‘pra aprender a respeitar as autoridades’. Fábio Mozart, ateu convicto, foi obrigado a ler todo o livro do Apocalipse.

O chefe político da cidade, Dr. Antonio Santiago, comprou toda a edição do Alvorada em abril de 1977, por causa de um artigo ofensivo ao ‘coronel’. O garoto que vendia o jornal, inocentemente vendeu todos os exemplares e a edição desapareceu no silêncio misterioso da mediocridade provinciana, reaparecendo nas mãos de um capitão do Exército que nos chamou no 15º Regimento de Infantaria, em João Pessoa, para explicar ‘aquele boletim comunista feito por pobres diabos guiados por Moscou’. Apontado como o líder, Fábio Mozart na realidade era diretor, redator, gerente, gazeteiro e tipógrafo ocasional do jornaleco.

Em 1984, a Prefeitura de Itabaiana emprestou à Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz uma máquina impressora manual super antiga. A gente costumava dizer que a notícia do descobrimento do Brasil foi impressa naquela máquina. Instalamos a “tipografia supapo” numa casa coberta de palhas caindo aos pedaços, no bairro proletário do Açude das Pedras.

Com peças improvisadas, refizemos a velha impressora e assim saiu a primeira e única edição em ‘oficinas próprias’, como orgulhosamente anunciava o cabeçalho. Guardei o exemplar mal feito porque tinha consciência do seu valor histórico. Acho que fomos os únicos jornalistas do mundo a redigir diretamente no computador, por não dispor de tipos suficientes nas caixetas das fontes. A matéria dependia da disponibilidade dos tipos móveis.

Em setembro de 1979, o Alvorada publicou a foto das paredes da redação pichadas com frases ofensivas. O editorial dizia: ‘a extrema direita resolve pichar um jornal liberal como o Alvorada, e escala para esse trabalho sujo seus elementos mais analfabetos. Escreveram cafajeste com G. Só que, para tristeza dos nossos inimigos, somos como o riacho descendo a serra: apesar das quedas, não abandonamos o caminho’. Assim esse jornaleco matuto sempre foi fiel ao seu lema: ‘É necessário uma posição de coragem, e não de dependência, aos poderosos do dia’.



Afinal, por que negamos o que a ciência já comprovou?

Onda negacionista tem conquistado milhões de adeptos pelo mundo. História mostra que fenômeno é cíclico

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

No decorrer dos anos, as descobertas científicas se tornaram parte do conhecimento de todos. São verdades como: “a Terra é redonda”, “as vacinas evitam doenças”, ou até algumas mais atuais, como “o uso de máscara e isolamento social ajudam a combater o coronavírus”. Apesar dessas informações parecerem senso comum, nem todos acreditam nelas. As famosas teorias da conspiração, ou o negacionismo, desacreditam a ciência e propagam informações sem comprovação nem base científica.

O que dizer, por exemplo, de informações que circulam como verdadeiras e ganham adeptos e defensores fer-

nhos, como “a Terra é plana” ou “a hidroxicloroquina pode matar o coronavírus”? Não há comprovações científicas para nenhuma dessas afirmações, ou mesmo algum argumento racional, no entanto, por que razão há quem acredite nelas?

O professor de Sociologia e Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Luciano Albino, explicou que os mitos ou discursos fantasiosos estão além de qualquer argumentação. “A Terra plana, por exemplo, é um movimento que começou nos Estados Unidos e lá, que é um país extremamente avançado do ponto de vista tecnológico, há milhões de pessoas que acreditam. Você fica se

perguntando, por quê? Não é uma resposta fácil, porque não há um princípio de racionalidade nisso. É um desdobraimento que a gente chama de efeitos do mito. Existem mitos e discursos fantasiosos que assumem determinados momentos com mais força que qualquer outra argumentação”, disse.

De acordo com o sociólogo, essas crenças são sinônimo de irracionalidade e já estiveram presentes em diversos momentos da história. “Na Alemanha nazista, a ideia do judeu como ser inferior e do alemão branco como superior, aquilo aparece como um grande discurso, como uma grande verdade, mas sem nenhuma base científica. Os alemães na época eram ignorantes? Não.

Havia muitos professores universitários, gente de alta formação intelectual, padres, pastores, artistas, políticos, que entraram nessa onda de uma forma cega”.

O professor ressaltou que os mitos estão inteiramente relacionados às crenças pessoais de cada um, o que, na maioria das vezes, vem atrelado a diversas formas de preconceito. “Tem a ver muito com essa capacidade própria dos mitos da irracionalidade, da paixão, de se contentar com certas respostas porque tendem aos preconceitos que estão lá guardados e que as pessoas sentem necessidade de externar em determinados momentos. É como se abrisse o armário e colocasse para fora o que de fato você é. Isso

ocorre muito por conta dos tempos sombrios, a história de vez em quando tem esses períodos, a inquisição e o nazismo são exemplos disso”.

Os momentos de crise dão “poder” à figura do mito. O pesquisador afirma que, atualmente, a personalização dessas falsas crenças no Brasil tem sido o presidente da República, Jair Bolsonaro. “O senso comum e os mitos não aparecem do nada, eles são personalizados. Hitler personalizou o mito da raça ariana superior; no momento, a pessoa que personaliza esses mitos é o próprio presidente do país. Para mim, ele é a personalização desse passado. Parece que a sociedade, às vezes, toma um calmante para controlar essas fantasias, mas

tem hora que elas explodem. Em que momento? Em momentos de crise”.

O professor comentou que na personificação dos mitos, eles chegam armados como salvadores, com respostas fáceis para temas difíceis. “Em momentos de crise, aparecem esses salvadores da pátria. Geralmente eles vêm armados desses mitos da honestidade, do ataque à corrupção, do ataque a um determinado grupo que, no Brasil, é o comunista ou o pobre, negro e favelado, que é dito como o bandido. A nossa história é cheia desses salvadores que causam muitos retrocessos. ‘A Terra é plana, cura-se a covid com cloroquina, tomar remédio de verme trata o coronavírus’. Você sempre encontra respostas fáceis”.

Democracia é atingida pelos “discursos unificados”

A diversidade de opiniões e diferenças fazem parte da democracia. Luciano Albino explicou que a democracia é o espaço da tolerância e também do conflito, o oposto daqueles que têm comportamentos negacionistas. “A

democracia não é o lugar em que as coisas têm uma pacificação de ideias. Não existe nada mais avesso à democracia que o consenso. Só há democracia quando há espaço para os diferentes expressarem suas ideias. Essas

pessoas detestam a diversidade e a possibilidade de conviver com a diferença. Elas defendem um discurso unificado”.

O professor completou enfatizando que a democracia no Brasil vive um momento de cri-

se. “Todo discurso negacionista que a gente observa é, antes de qualquer coisa, um discurso autoritário, por isso que muitos consideram discursos fascistas ou neofascistas; eles não admitem a diferença. Quem é autoritário

não vive no espaço democrático, ele adora viver num contexto ditatorial, é como se ele tivesse garantindo a oportunidade de expressar os seus preconceitos. Nesse sentido, a democracia vive uma crise”.

“Uma hora, a realidade se impõe à mentira”

As consequências de acreditar naquilo que não se pode comprovar são ainda mais graves que a ameaça à democracia, mas também é um perigo de saúde. Atualmente, no período de crise sanitária em que todo o mundo vive, desacreditar a ciência pode ser mais do que apenas uma opinião, podendo colocar vidas em risco. “A gente está vivendo uma realidade em que as pessoas deixam de acreditar em um infectologista, por exemplo, para acreditar em um político que não tem formação

nenhuma em saúde e receita remédio que não tem nenhuma comprovação para o tratamento dessa pandemia”, comentou o pesquisador.

Mas como convencer as pessoas do oposto ou mesmo desmistificar seus ídolos? De acordo com o professor, só se acaba um ídolo com outro. “A única forma de colocar essas frustrações no armário é desmistificando aqueles que personificam esse tipo de comportamento. É mostrar por A mais B que essas figuras são falsas. Esse é o grande trabalho

das ciências sociais, é por isso, que essas pessoas não gostam da sociologia. Nós criticamos o senso comum e toda forma mágica, mística, de tentar explicar a realidade”.

Ele diz que as mentiras contadas por essas figuras falaciosas podem ser desmentidas à medida em que as pessoas não se limitam em acreditar em tudo o que escutam e começam a procurar diferentes fontes para seus argumentos. “Não é uma crítica no sentido de menosprezar, apesar de que, às vezes, dá vontade,

mas de mostrar que aquilo não passa de uma narrativa falaciosa. A história sobre a corrupção, por exemplo, não é um privilégio de um partido ou de outro, a corrupção é um problema estrutural, está em todo canto. Precisamos ter cuidado com a figura do salvador da pátria”.

Quando o diálogo ou a crítica não resolvem o problema, a própria realidade se encarrega disso. À medida em que os negacionistas não querem realizar tarefas simples como se proteger de uma doença, as consequên-

cias desses atos se encarregam de mostrar a verdade. “Quem vive no mundo da lua, quem vive ilusões, acaba se deparando com um muro pra quebrar a cara. É tanto que quem não usa máscara, não toma vacina, vai chegar um momento em que a realidade vai se impor. Não tem como fugir da realidade, você pode até se esconder, mas chega uma hora que não dá. O vírus não tem bandeira ideológica ou sentimentos, ele segue critérios naturais. Essa realidade é que ensina e ensinar da melhor forma”.

Museus Interativos de Ciências: renovação industrial e tecnológica

Equipamentos têm o papel de estimular o professor disposto a construir com o estudante o conhecimento

Márcia Dementshuk
Especial para A União

O efeito dos museus interativos de ciências é marcante na vida das pessoas e dos educadores. Tem o papel de estimular o professor disposto a construir com o estudante o conhecimento, não apenas de ciências, mas outras matérias também. Físico e pioneiro na implantação de museus de ciências, o professor Evandro Ferreira Passos, da Universidade Federal de Minas Gerais, afirma que são ambientes que alavancam e promovem renovação nos processos industriais e tecnológicos.

Evandro Passos esteve recentemente, de forma virtual, em uma conferência na Secretaria Executiva Estadual de Ciência e Tecnologia da Paraíba quando falou sobre a popularização da ciência por meio dos museus interativos de ciências. “O potencial dos museus interativos de ciências para a formação científica e tecnológica, e acima de tudo, da cidadania é inques-

tionável”, afirmou.

O museu de ciências é desafiador e estimula a atitude de interagir e querer compreender as causas e efeitos dos fenômenos. “Essa é uma atitude muito útil ao cidadão porque empodera o indivíduo que reconhece ser capaz de compreender melhor os mistérios do mundo interagindo e estudando. Não há estímulo para essa conduta na sociedade. Esse tipo de popularização da ciência que visa criar no cidadão comum não só o gosto pela ciência, mas, sobretudo, a atitude científica perante o mundo e as coisas é extremamente interessante do ponto de vista da formação do cidadão, porque ele passa a acreditar que com seu esforço individual, com suas faculdades mentais ele é capaz, sim, de compreender o mundo”, falou Evandro Passos.



O Museu Vivo de Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti foi construído em Campina Grande

Esta é uma postura crucial diante da enxurrada de informações às quais as pessoas estão expostas. “A interação desperta a curiosidade, a participação e a atenção. A Ciência, mesmo dentro da escola, no Ensino Fundamental e Médio, é colocada como algo meio difícil, complicado, que só os grandes cientistas dominam. Nesse esforço de popularização da ciência, o objetivo nem tanto é transmitir conhecimento científico, mas é despertar nas pessoas aquela coisa que a criança tem, que é a curiosidade nata de querer tudo conhecer, tudo descobrir, ao mesmo tempo oferecendo montagens que permitam a ele um certo entendimento que lhe satisfaça sua inteligência”, explicou Passos.

Pela definição da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC),

estão incluídos nesse conceito não só os espaços com equipamentos experimentais de Física ou Química, mas também os aquários, jardins botânicos, zoológicos, podem se enquadrar em uma concepção ampla como museus de ciências.

Os paraibanos têm museus interessantes e inéditos para inserir na agenda quando as visitas voltarem a ser feitas de forma segura por causa da epidemia pela covid-19, como o Monumento Natural Vale dos Dinosaurios, em Sousa; o Museu Vivo de Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti, em Campina Grande; o Espaço Energisa, em João Pessoa; além da atração marinha, o Aquário Paraíba ou o Jardim Botânico Benjamin Maranhão. O diferencial, de acordo com a ABCMC, está na disponibilidade de monitores que conduzam os visitantes nas “viagens experimentais”. Porque a sensação, depois de um passeio em museu desse tipo é justamente a de ter feito uma viagem para um local antes desconhecido.

Cientista mineiro implanta museus

Evandro Passos é natural de Minas Gerais; graduou-se em Física e depois se tornou professor na Universidade Federal de Minas Gerais em Viçosa. Despertou para a aplicação de experimentos no ensino quando começou a lecionar História da Física - viu-se compelido a fazer reflexões sobre o que é ciência. Nesse período, teve contato com o Estação Ciência da Universidade de São Paulo, em São Paulo, museu interativo que exerceu o papel de precursor no Brasil e foi modelo desse tipo de instalação.

Evandro Passos salienta a atuação do professor Ernest Hamburger, falecido em 2018, como um dos mais importantes incentivadores da popularização da ciência no Brasil, especialmente com a implantação do Estação Ciência da USP.

No final da década de 1990, Evandro Passos visitou o museu em São Paulo e Ernest Hamburger deu-lhe uma injeção de encorajamento para aplicar esse conceito em Minas Gerais. A dose foi cavalari. Em 1997, estava aberta uma sala, em Viçosa, com experimentos interativos. “Qual

não foi a minha emoção e surpresa ao ver nos olhos das crianças que frequentavam a sala, um brilho especial. Eu decidi: é isso que eu quero; é isso que eu gosto. Desde então, tenho me dedicado a projetos dessa natureza”, conta Passos.

No mesmo ano de 1997, Evandro Passos abriu em Viçosa o Parque da Ciência; o projeto inspirou professores da Universidade Federal de Juiz de Fora que visitaram o museu construído por Passos em Viçosa e aportaram com a ideia em Juiz de Fora con-

tando com o apoio da universidade. Hoje, o Centro de Ciências da UFJF é destaque nacional.

Outros espaços desse tipo, em Minas Gerais foram abertos por influência da experiência em Viçosa. Passos implementou um museu municipal em Ipatinga, executou um projeto em Teófilo Otoni que está aberto; uma sala de “brinquedos” interativos no Museu de Ciência e Técnica em Ouro Preto - sala que atrai mais os visitantes do que a exuberante exposição de pedras e gemas e minérios na sala de mine-

ralogia, projetada por um francês. E ainda, no município de Matozinhos o museu teve uma vida muito curta; foi descontinuado em função de interesses políticos. E ainda, há um projeto em andamento, em Belo Horizonte.

Em Viçosa, quando o professor Evandro se aposentou em 2011 o museu que deu origem a essa mobilização recebeu em torno de 10 mil visitas por ano e, mas fechou as portas. O Estação Ciência da USP recebia mais de 200 mil visitantes por ano em 2013 quando fechou.

Projeto de capacitação de professores

A motivação injetada em Evandro Passos pelo professor Ernst Hamburger na década de 1990 surtiu um efeito de longo prazo. Além de implementar museus, Passos iniciou um projeto de capacitação de professores para o ensino da Ciência. O “ABC na Educação Científica: Mão na Massa”.

É um projeto de capacitação de professores com uma metodologia de ensino investigativa que nasceu nos Estados Unidos, migrou para a França e foi adotado pelo sistema público de educação daquele país e chegou ao Brasil por intermédio do professor Hamburger. Passos frequentou

as oficinas na USP São Carlos e iniciou oficinas nos municípios de Minas Gerais. Mais de 4.500 professores em 1.800 escolas de 520 municípios passaram pela capacitação. E ainda, professores de outros estados participaram dos seminários promovidos pelo professor Evandro Passos.

A “Mão na Massa” chegou, inclusive, na Paraíba. Não por intermédio do professor Evandro, mas pelos professores da USP São Carlos, que estiveram em Campina Grande, em 1992, um ano depois da fundação do Museu Vivo de Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti.



“Mão na Massa” chegou à Paraíba por Campina

Foi no Museu Vivo onde o professor Paulo Carneiro conheceu a metodologia. A equipe da USP São Carlos trouxe uma “experi-

mentoteca”, com equipamentos interativos nos quais o professor era treinado e podia levar os kits para a escola e aplicar com os alunos. Os kits, como fabricação de papel reciclado, destino do lixo orgânico, e outros, aplicam conceitos de sustentabilidade e meio ambiente, direcionados para estudantes do Ensino Fundamental, até o 5º ano.

“A formação de professores foi um impulso para que as escolas tivessem condições a abrir laboratórios dentro da escola”, revela o professor Paulo Carneiro, que atualmente é gerente de Inclusão Digital na Secretaria Municipal da

Ciência, Tecnologia e Inovação de Campina Grande e gerencia o Museu Vivo.

“Houve a necessidade de criarmos um centro que pudesse receber o aluno no museu. Havia a experimentoteca e uma sala de treinamento de professores. Com o tempo, esses espaços cresceram. Em 2011, depois de uma reforma, foi concebido um espaço como sonhávamos para criar exposições para que fosse possível a ciência se expandir na cidade. Hoje temos mais de 50 equipamentos de física, além dos de química, matemática e ciências naturais”, revela Paulo Carneiro.

UFPB prepara espaço para conhecimento da formação do ser humano

“Os museus de arte são mais voltados para valorizar o artista, a obra de arte. No museu científico o objetivo é que o visitante adquira um conhecimento ao estar ali”, argumenta a professora Monique Danyelle Emiliano Batista Paiva, presidente da comissão de criação do Museu de Ciências Morfológicas da Universidade Federal da Paraíba.

Essa é a proposta do novo museu planejado pelos pesquisadores do Centro de Ciências da

Saúde: que o visitante tenha uma visão completa da anatomia, da citologia - uma visão microscópica -, e a embriologia, que é a formação do ser humano. Um ambiente onde os sistemas do corpo humano estarão integrados e será possível entender o corpo humano como um todo, sem divisão entre as áreas de conhecimento.

Os sistemas poderão ser visualizados em peças sintéticas e naturais. “Teremos um espaço onde as formas humanas poderão



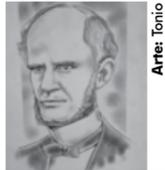
Museu de Ciências Morfológicas, na UFPB

ser comparadas às de animais; em um espaço sensorial, os aromas, música, ilustrações com cores vibrantes, irão estimular os sentidos visão, audição, tato, fala, olfato, focando os sentidos”, esclarece a professora Monique.

A área da Embriologia terá peças sintéticas feitas de resina e peças reais, representando embriões e fetos; painéis ilustrativos representando a fecundação. O museu disponibilizará acesso gratuito à Internet especialmente para

interação por meio de QR Code fixado em determinadas peças.

Uma equipe de 42 pessoas estará envolvida no desenvolvimento do Museu de Ciências Morfológicas que deverá ser inaugurado ainda neste ano. Os estudantes estão trabalhando à distância, fazendo pesquisas desses materiais. Enquanto não é possível estar presencialmente no museu, está em planejamento a produção de vídeos para a Internet. Assim, será possível matar a curiosidade!



Adélia de França: uma mestre negra de métodos inovadores

Professora lecionou na capital paraibana no início do século 20 e figurou como uma das mais respeitadas de sua época

Arte: Tonic

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“Eu lembro que lá em casa faltava manteiga, mas tinha livros”. Essa é uma lembrança forte que a cantora, compositora e multi-instrumentista paraibana Cátia de França tem da dedicação de sua mãe, Adélia de França, a mulher que fez história como a primeira professora negra da Paraíba no início do século 20. Sem nunca ter ido à universidade – cursou apenas a Escola Normal – se destacou na carreira que escolheu. Com métodos inovadores, investiu o que tinha na construção de uma escola, na criação de uma biblioteca e na formação da única filha. Lecionou de forma ininterrupta durante meio século, transformando vidas, deixando um legado de lutas e vitórias na educação e contra a discriminação racial.

“Adélia de França foi uma professora comprometida com a educação do seu tempo, buscando acompanhar e implementar, em certa medida, as mudanças nas políticas educacionais que atravessaram toda sua prática docente, tanto quando atuava na educação pública, como quando professora autônoma, à frente da Escola Moura e Silva”, relatou a pesquisadora Simone Joaquim Cavalcante, autora da dissertação ‘Entre a história e a memória: Adélia de França – uma professora negra na Paraíba do século XX – 1926-1976’, defendida em 2012.

A escola foi fundada após a sua aposentadoria na educação pública e, logo depois, veio um pensionato. “Era professora e gestora. Portanto, já demarcava um lugar social, como mulher negra, no contexto da educação paraibana”, disse Simone Cavalcante. Para ela, a trajetória profissional docente de Adélia de França, como professora negra na Paraíba do início do século 20, são memórias de resistência. “Isto é o que marca e é a lição em si mesma”, enfatizou.

Pequena no tamanho – 1,47 metros de altura – mas grande intelectualmente, Adélia de França cumpriu um papel valioso em termos sociais e das relações étnico-raciais, conforme analisou Simone Cavalcante. “Além de ser oriunda de uma condição social desfavorável, tinha a questão de ser negra como um demarcador a mais dessas relações que implicam também em relações de poder. E ao conquistar uma vaga no setor público, mostrou que lugar de mulher negra é onde ela quiser”, frisou.

Em João Pessoa, era muito conhecida e reconhecida pela sua competência profissional, prática

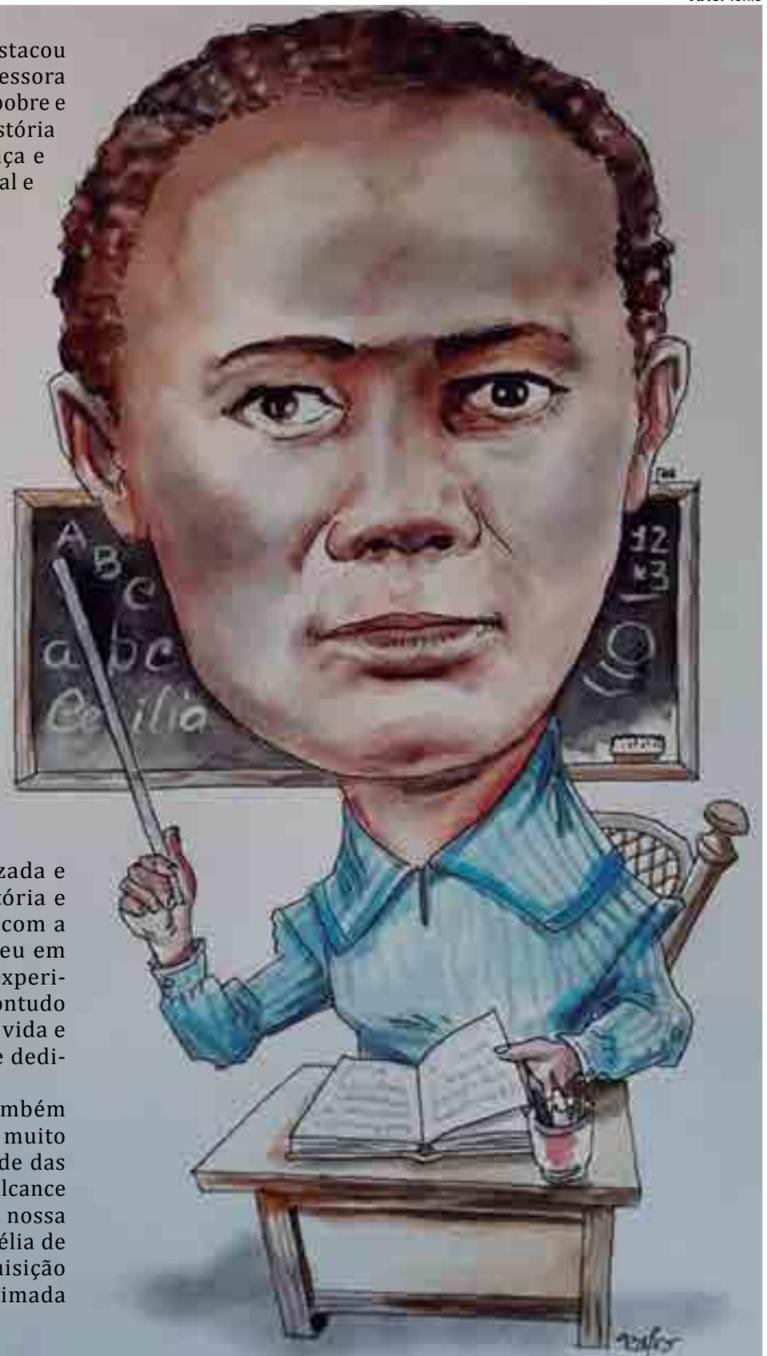
docente e zelo no ato de educar. “Como destacou em versos sua filha Cátia de França, a professora Adélia ‘logo ficou conhecida. Educando rico, pobre e barão’. Sinto-me honrada em ter escrito a história e a memória da professora Adélia de França e tê-la apresentado à historiografia oficial local e nacional”, acrescentou a pesquisadora.

Intelectual

“O seu legado foi sua própria existência. O fato dela existir como mulher negra, estudar, se formar, prestar exame de admissão para o setor público e conquistar uma vaga na educação pública como professora, representa um legado imensurável. O seu corpo negro, de mulher negra, ocupando esses espaços, é um marco histórico. Como exposto na dissertação, estudar na Escola Normal, naquela época, embora fosse uma instituição pública, não era plenamente aberta a todos os indivíduos que almejavam uma vaga, dentre os quais, negras e negros, brancos e pobres (recaindo, provavelmente, maior desvantagem sob as pessoas negras por toda sua ‘carga’ histórica de interdição no processo de escolarização)”, descreveu Simone Cavalcante.

Envolvida no “restrito mundo das letras”, como enfatizou a pesquisadora, Adélia era culta, modesta, decente, competente, honesta, rigorosa, politizada e aguerrida, protagonista de sua vida, história e memória. “Sua dedicação e contribuição com a docência em seus 77 anos de vida (morreu em 1981), assemelha-se e soma-se a outras experiências no campo da educação na Paraíba, contudo podemos pensar que a sala de aula foi sua vida e seu leito, comprometida com a educação e dedicada ao trabalho intelectual”, enfatizou.

A pesquisadora Simone Cavalcante também destacou que a professora Adélia investia muito dinheiro na aquisição de livros. “A variedade das obras em seu acervo nos dá indícios do seu alcance intelectual. Nos documentos analisados na nossa pesquisa, constatamos que a professora Adélia de França empreendia vultosos gastos na aquisição de obras para compor o acervo da sua estimada Biblioteca Coelho Lisboa”, acrescentou.



+ Docente cantava para alfabetizar Cátia de França

FOTO: Divulgação/Thercles Silva

“Mamãe me alfabetizou cantando e a música entrou na minha vida junto com a alfabetização. Fui alfabetizada com quatro anos e ganhei meu primeiro piano de brinquedo para começar a me familiarizar. Agora, só fui ganhar o que eu tenho até hoje, o alemão, que eu não sei como ela conseguiu pagar com o salário de professora, quando fiz doze anos e fiz a primeira comunhão”, contou Cátia de França. O violão entrou na sua vida em 1962. Diferente das meninas de sua época, a cantora não foi preparada para casar, não estudou corte e costura, nem fez curso para aprender a cozinhar. “Porém, no lugar de fogão, minha mãe me deu uma máquina de escrever Remington. Ela já estava me preparando e eu batia muito rápido”, relembra Cátia. Em 1972, foi com uma carta de apresentação de um político de Campina Grande para trabalhar na Globo. “Não deu certo porque eu era muito verde. Mas, a máquina de escrever me fez ser aproveitada numa firma americana. Fui bater pedido de emprego, de 8h da manhã às 5h da tarde. Não sabia eu que nos pedidos de emprego tinha ‘no black’ [não preto]”, contou.

Cátia de França comentou que, quando nasceu, sua mãe tinha idade avançada. “Fui tirada num parto fórceps, aquela tesoura que puxa a criança e deixou uma marca na minha testa. Não sei se isso afetou meu juízo porque até hoje sou meio alvoroçada”, completou, bem humorada.



Cátia de França é filha única da professora Adélia e aprendeu a ler aos 4 anos de idade

Muita música e vários livros

Com pouco tempo livre, Adélia deixava a filha sob os cuidados de três amigas, todas negras. “Eu vivia o mundo delas. Mamãe dizia que eu era seu cristalzinho, mas estava trabalhando para ganhar dinheiro”, descreveu a cantora e paraibana Cátia de França. O pai, Sebastião Higino Carneiro, sabia ler, era guarda de trânsito e policial na Rua Duque de Caxias, onde ficava a delegacia, mas o que ganhava não era suficiente.

O esforço valeu a pena. “Convivi desde cedo com música e livro. Eu me lembro que faltava manteiga, mas tinha livros. E não eram só livros didáticos. Tinha uma coleção Prêmio Nobel, uns livros brancos, suntuosos. E para pagar aquilo com salário de professora? Ela conseguia. Delta Larousse, livros sobre pintura, os museus da Europa e

também os infantis Mundo da Criança, Monteiro Lobato”, recordou Cátia.

E ela se destacava ao ensinar. Na Escola Moura e Silva, provocava um verdadeiro rebuliço. “As pessoas disputavam mamãe como mentora dos cursos para servidor público. Ela tinha métodos inovadores que faziam os alunos gostarem e entenderem Matemática, Química, Física que são matérias que as pessoas implicam. Com o método dela, todo mundo adorava”, lembrou a filha.

Sobre os livros que ganhava, destacou um episódio. “O povo vivia me dando ‘Pequeno Príncipe’ e mamãe dizia: ‘Não diga que já ganhou. Faça cara de surpresa’. Chegavam as amigas dela e eu tinha que dizer: ‘Oh, que maravilha!’. E eu já tinha não sei quantos, oito a dez, mas era para não constrear as pessoas”, contou.

PROJETO DE BIBLIOTECA

■ Apesar da inquestionável importância de Adélia de França na história da educação e na luta da mulher negra pelo seu lugar na sociedade, falta reconhecimento ao que ela representa. No centenário de seu nascimento, em 2004, não houve nenhuma comemoração, segundo Cátia de França. Uma das formas de reverenciar a memória de Adélia será a instalação de uma placa na Academia Paraibana de Letras (APL), onde hoje está o acervo da Biblioteca Coelho Lisboa, com mais de mil livros. Esse é um desejo da artista, assim como a afixação de outra placa na escola que leva o nome de sua mãe. “É para as crianças saberem quem foi ela. E, quando passar essa quarentena, pretendo até fazer uma apresentação de graça, com meus músicos, tocar lá, falar sobre ela, fazer um grande momento na Escola Adélia de França”, afirmou.

FOTO: Divulgação/ José de Holanda

“Mamãe teve papel fundamental na vida de muita gente. E como eu me sinto orgulhosa por ser filha dessa mulher que tanto lutou. Eu sou o que sou hoje por causa disso”, afirma Cátia de França



Borges da Fonseca

Fundador de 25 jornais nos estados da PB, PE e RJ

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Nascido na cidade de Parahyba do Norte (atual João Pessoa), em 7 de abril de 1808, Antônio Borges da Fonseca era filho do tenente-coronel José Vitoriano Borges da Fonseca com uma índia. Talvez por essa tradição de seus ancestrais tenha herdado a bravura, coragem e solidariedade com o povo. Possuía, no espírito, o arrojo inconfundível dos líderes revolucionários - como o patriotismo do pai, que lutou nos levantes de 1817 e também de 1821. A essa qualidade intrépida, uniu sua aptidão com relação à oratória. Seu primeiro jornal, A Gazeta Paraibana, foi lançado quando tinha apenas 20 anos de idade, em 1828. Quando faleceu, em Nazaré da Mata (PE), em 9 de abril de 1872, já havia fundado ao todo 25 jornais na Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro. Viveu uma vida atribulada e de perseguições, por se opor às classes dominantes.

Parte da trajetória de Borges da Fonseca é retratada no 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século 19', organizado pela doutora em Literatura e professora da UFPB Socorro de Fátima Pacifico Barbosa. De acordo com a pesquisa acadêmica, Borges foi o jornalista mais conhecido de sua época.

Quando tinha apenas 18 anos de idade, durante a Confederação do Equador, Borges foi morar no Recife (PE), estudando no Liceu Pernambucano. Foi aí que ele começou a ter contato com vários jornalistas e também com intelectuais da primeira metade do século 19, fato que marcaria seu posicionamento político e profissional para o resto da vida.

Ainda de acordo com o 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas', a formação intelectual de Borges da Fonseca o levou a ter apreço pela língua francesa e pela obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau. O jornalista, inclusive, extraiu um trecho do ensaio 'O contrato social' (1762) do pensador francês e colocou como epígrafe de 'O Repúdio', um de seus mais famosos jornais, fundado no Rio de Janeiro. O texto dizia: "Povos livres, lembrai-vos dessa máxima. A liberdade pode-se adquirir, mas, depois de perdida não se pode recobrar".

Sua carreira no jornalismo começa aos 20 anos de idade, em 1828, à frente do segundo periódico paraibano chamado 'Gazeta da Paraíba'. A publicação não circulava com periodicidade diária, mas sim duas vezes por semana. As páginas defendiam os ideais republicanos e seus artigos não poupavam palavras contra a corrupção, chegando a denunciar até os crimes e negócios irregulares da época do Império. Essa ousadia rendeu a Borges da Fonseca tanto a popularidade como detenção e processo. Chegou a ser preso e encaminhado para a Fortaleza de Cinco Pontas, na capital pernambucana.

Depois de 'Gazeta da Paraíba', ao longo de um período de pouco mais de quatro décadas, o incansável Borges da Fonseca fundaria 25 jornais, sendo o último em 1869. Quando saiu da detenção da Fortaleza de Cinco Pontas, por exemplo, em 1829, fundou no Recife outro periódico, ao qual daria o nome de 'Abelha Pernambucana', que circulou por apenas um ano. Também com ideias republicanas, o 'Abelha Pernambucana' participou de vários embates

com outras publicações que defendiam ideias monarquistas, a exemplo de 'O Cruzeiro' e 'O Amigo do Povo'.

Fama nacional

Segundo o 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século 19', é no Rio de Janeiro, a partir de 1830, que Borges da Fonseca ganha fama em todo o país, por meio do periódico 'O Repúdio'. Nessa nova publicação, o jornalista encampa duelos ferrenhos com o imperador. O primeiro número foi lançado em 22 de outubro daquele ano.

Acusado de traidor

Para espanto de todos, essa "quebra de braço" com os absolutistas, representados na figura maior de Dom Pedro I, não iria tão longe. Depois de ser agraciado com grandes recursos devido à circulação do 'O Repúdio', Borges da Fonseca se aproxima das ideias absolutistas portuguesas e é acusado de traidor pelos republicanos.

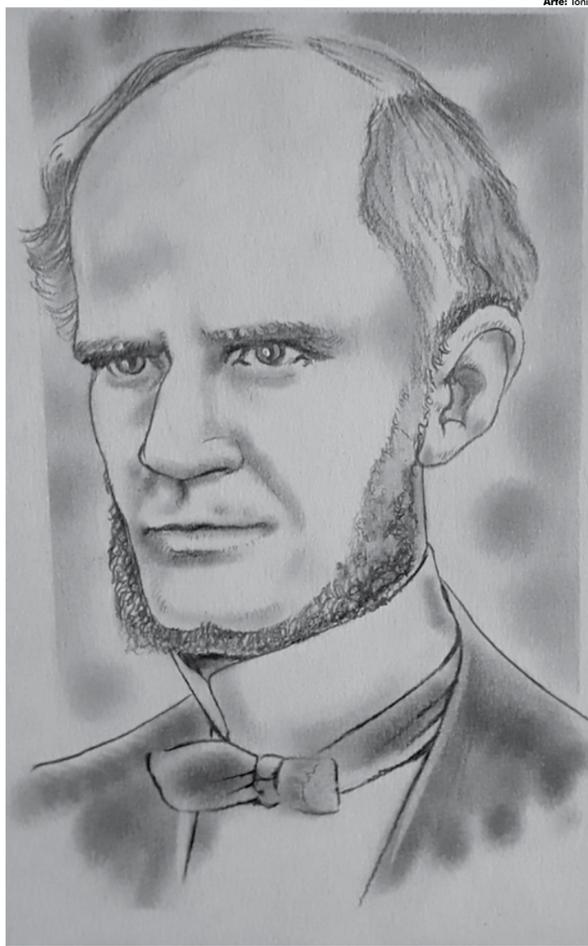
Ao se aproximar dos membros da Regência, que governaram o país até que o herdeiro Pedro II pudesse atingir a maioridade, Borges recebe um convite para assumir a função de secretário do Governo na Paraíba. Por isso ele retorna da capital do Brasil para a sua terra natal em 1832. Aqui, ele se envolve em desavenças políticas tanto com a situação como com a oposição, sendo alvo de várias acusações. Diante desses dilemas, Borges retorna ao Rio de Janeiro. Mas, após 1841, fixa residência de vez no Recife e lá passa a publicar o jornal 'Correio do Norte' até 1842. Nessa época, passa a defender ideias republicanas e federalistas novamente, com olhar separatista. Por isso ele também chega a ser criticado pelos praieiros.

Idas e vindas

O 'Pequeno Dicionário de Escritores/Jornalistas da Paraíba do Século 19' aponta ainda que Borges da Fonseca passou depois a residir em Nazaré da Mata (PE), onde funda o jornal 'Nazareno', junto com um padre da cidade. O periódico circula até 1848, quando já havia voltado a morar na cidade do Recife. Na capital pernambucana, funda o 'Verdadeiro Regenerador', em 1844, com duros ataques àqueles praieiros que eram monarquistas.

A trajetória de Borges da Fonseca daí para frente é constituída de mais embates e prisões. Ele chegaria a dirigir no Recife o jornal 'Revolução de Novembro', de agosto de 1852 a março de 1853. Depois desse período, refunda 'O Repúdio', no Rio de Janeiro, que oscila entre defender e criticar o imperador, mas sem sucesso.

Após passar um tempo na Europa, retorna ao país. Seus últimos dias de vida até sua morte em 1872 foram entre a Paraíba e Pernambuco. Nesse período, escreveu manifestos para alguns periódicos. Era um personagem odiado e amado ao mesmo tempo.



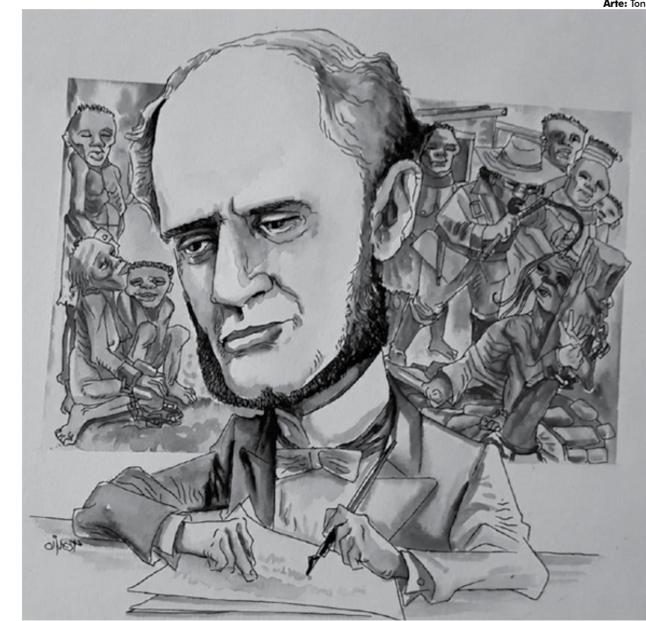
Arte: Tonio

Um militante político republicano

Além de jornalista, Borges da Fonseca começou a se revelar um verdadeiro militante político em 1824, como está registrado no dicionário organizado pela professora Socorro de Fátima Pacifico Barbosa. Esse enlaçamento aconteceu quando Dom Pedro I resolveu reprimir os revoltosos que se insurgiram contra o Império durante a Confederação do Equador. A partir daí, na visão de Borges, o governo central de sangue português passaria a ser sempre inimigo do povo brasileiro. Mas esse ideal sofreu algumas oscilações.

Aos 40 anos de idade, acendeu o primeiro estopim da Revolução Praieira, em Recife, no dia 7 de novembro de 1848, que foi um levante de caráter liberal e republicano. Uma tropa sob seu comando entrou na cidade pelo sul, cruzou a Ponte da Boa Vista e avançou pela Rua Nova, rompendo o tiroteio da tropa imperial; outro exército rebelde veio pelo norte e os dois foram em direção ao Palácio do Governo. Caso se juntassem, o governador Manoel Vieira Tosta seria derrubado e a revolução triunfaria em Pernambuco. Alerta e destemido, Borges aproveitou a estratégica oportunidade: se a fome e miséria do povo eram a pólvora, ele seria o fogo, a explosão. Para os inimigos, ele era, apenas, um agitador radical, que pregava inutilmente no deserto.

Os liberais chefiados por Borges ainda não abordavam temas polêmicos - o fim da escravidão e



Arte: Tonio

da monarquia - mas faziam exigências que os conservadores sequer discutiriam. No fim, certamente, surgiria uma declaração de guerra: A "Bandeira do Partido Liberal" foi lançada em 31 de dezembro de 1848. E o Manifesto, em primeiro de janeiro de 1849.

Entre as várias reivindicações dos praieiros existentes nesse documen-

to estão os seguintes: o voto livre e universal; liberdade de imprensa; o trabalho como garantia de vida para todos os cidadãos; o comércio a retalho só para os brasileiros; independência dos poderes constituídos; extinção do Poder Moderador; reforma do Poder Judiciário; e a mudança no sistema de recrutamento militar.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Setembro Amarelo precisa ser todo dia

Há alguns anos, diversas entidades da área de saúde promovem campanhas educativas, relacionando meses a cores, como forma de prevenção de alguma doença. A mais conhecida talvez seja o Outubro Rosa, cujo objetivo é alertar as mulheres e a sociedade sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama. O calendário é extenso e vai do Janeiro Branco, que debate saúde mental e os cuidados necessários para atingirmos o equilíbrio e o bem-estar, ao Dezembro Vermelho, cujo foco é a aids.

Estamos prestes a entrar no Setembro Amarelo, que coloca em cena a importância de se falar sobre suicídio. A campanha foi criada no Brasil em 2015 numa iniciativa conjunta de três entidades: o Centro de Valorização da Vida (CVV), o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Nesses 15 anos de campanha, tornou-se comum, durante todo o mês de setembro, vermos prédios iluminados na cor amarela, campanha massiva nas redes sociais e ações em empresas e órgãos públi-

cos. Além disso, as discussões sobre o tema também ganham uma maior presença na mídia durante esse mês. A pauta é necessária e cada vez mais urgente, visto que suicídio é considerado um grave problema de saúde pública e sua prevenção precisa ser prioridade. Em todo o mundo, ocorrem 800 mil suicídios a cada ano, dos quais 65 mil acontecem na região das Américas, conforme informações da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS).

Órgãos de saúde propõem que o tema seja discutido sem alarmismo e enfrentando os estigmas (que ainda são muitos), visto que conscientizar e estimular a prevenção do suicídio pode contribuir para o enfrentamento do problema. É um desafio que cabe a toda a sociedade, e a imprensa, em especial, precisa aprender a como tratar a questão da morte voluntária, abordando sobre a prevenção do fenômeno ao longo de todo o ano, e não exclusivamente no chamado Setembro Amarelo.

Já perdi um primo para o sui-



cídio há alguns anos - em outubro. Há uma semana, uma amiga querida se despediu da vida - em pleno agosto. Sim, "Setembro Amarelo" precisa ser todo dia. A dor das pessoas não escolhe uma única época do ano para latejar. Na verdade, está ali de janeiro a janeiro, tirando a paz e o equilíbrio de milhares de pessoas. Todos os dias. Todos os meses. Debater a importância da conscientização sobre o fenômeno apenas em setembro é suficiente? Não. Então, como a questão da morte autoinfligida deve ser abordada pela mí-

dia? A jornalista e pesquisadora Cláudia Carvalho (autora da dissertação de mestrado O delicado lugar do suicídio no noticiário impresso paraibano) aponta um caminho. "(...) o noticiário referente aos casos de morte voluntária não deve ser uma constante nos espaços jornalísticos. A defesa de que o tema deve ser abordado não passa pela intenção de reverberar massivamente este tipo de morte, mas sim de incluí-la na pauta, aliando os dados factuais com as recomendações necessárias para se evitar o possível mimetismo e aproveitando o espaço para difundir informações úteis sobre como procurar ajuda para prevenir ou combater os pensamentos suicidas".

Também a OMS tem identificado a atuação da mídia em relação aos suicídios como uma área estratégica para ajudar a prevenir tais atos. E tal cobertura precisa se dar de forma responsável, ou seja, não se deve "glamourizar" a morte voluntária, tampouco revelar os pormenores de como o fato ocorreu.

Sim, suicídios são evitáveis. E há uma série de medidas que podem ser tomadas junto à população, ou em nível individual, para prevenir a morte autoinfligida e suas tentativas. Nesse contexto, a abordagem do tema pela mídia é necessária e cada vez mais urgente. Se nós, jornalistas, atuarmos de forma responsável, talvez menos famílias chorem por suas Anas e Ricardos.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Dalva de Oliveira, a rainha da voz

Dalva nasceu Vicentina de Paula Oliveira, popularmente conhecida como Dalva de Oliveira. Nasceu no dia 5 de maio de 1917, na cidade de Rio Claro, no Estado de São Paulo. Faleceu no dia 5 de agosto de 1972, vítima de uma hemorragia interna causada por um câncer no esôfago. Seu corpo está enterrado no Cemitério Jardim da Saudade, na Cidade do Rio de Janeiro.

Dalva de Oliveira foi a mais completa cantora brasileira de todos os tempos. Consagrada cantora brasileira, de ascendência portuguesa, sendo considerada uma das mais importantes cantoras do Brasil, e dona de uma voz poderosa, marcando época como intérprete. Nenhuma outra cantora brasileira antes ou depois dela atingiu o ápice do canto popular, tornando-se o rouxinol do Brasil. Impossível falar de Dalva de Oliveira e não mencionar o nome Herivelto Martins. E não apenas porque os dois protagonizaram um inesquecível barraco, mas porque, tirando a voz e o canto, tudo o mais foi ele quem ensinou a ela.

Herivelto ensinou-a a se vestir, mostrou-lhe como devia postar-se no palco, como olhar e dirigir-se à plateia - e, sobretudo, deu-lhe um repertório tão vasto como fabuloso, que incluía pérolas como "Ave-Maria no morro" e "Segredo". Sim, Herivelto Martins, mais que um marido, modelou Dalva de Oliveira, dando-lhe um figurino que a levou à condição de grande diva da música brasileira - a Estrela Dalva do Brasil. Não ensinou a cantar, nem precisava, porque Dalva de Oliveira já nasceu uma cantora de invejável talento.

Dalva de Oliveira veio de uma família humilde da cidade de Rio Claro, interior de São Pau-

lo, era filha de um carpinteiro mulato chamado Mário de Paula Oliveira, conhecido como Mário Carioca, e sua mãe uma portuguesa, chamava-se Alice do Espírito Santo Oliveira e fazia salgadinhos e doces para vender e assim ajudar no orçamento familiar. Seu pai, um mulato festeiro, era marceneiro da Companhia Paulista de Trens e tocador de clarinete. Ele costumava realizar serenatas com amigos músicos, tendo inclusive organizado um conjunto para se apresentar em festas. Além de Vicentina (Dalva) o casal tiveram outros três filhos: Nair, Margarida e Lila. O único filho homem do casal nasceu com problemas de saúde e morreu ainda criança.

Desde cedo Dalva amargou uma infância de poucos brinquedos, embora com muita música. Ela acompanhava o pai nas serenatas, que ficava orgulhoso de ver e ouvir a menina, no alto de um banquinho, cantar como a mãe não possuía uma boa conduta moral para criar os filhos, o que a fez entrar em desespero e depressão, aumentando as brigas entre o ex-casal. Os meninos só podiam visitar os pais em datas festivas e fins de semana, e só poderiam sair de lá definitivamente com dezoito anos. Dalva lutou muito pela guarda dos filhos e sofreu bastante por isso. Em 1949, Dalva e Herivelto oficializaram a separação, se desquitando, já que a lei do

Dalva se mudou com a família para o Rio de Janeiro, em busca de uma vida melhor. Dalva frequentava o Cine Pátria, onde conheceu seu primeiro namorado, Herivelto Martins, que formava ao lado de Francisco Sena o dueto "Preto e Branco"; foi terminado o dueto e nasceu o Trio de Ouro. Iniciaram um namoro e, em 1936, com um ano de namoro, Dalva protagonizou um escândalo familiar, pois saiu de casa solteira para viver com o namorado, ainda oficialmente casado: os dois alugaram uma casa e iniciaram uma convivência conjugal.

Herivelto Martins ainda era casado no civil com sua ex-esposa, e a união deles só pôde ser regularizada em 1937, quando saiu o desquite dele. O matrimônio foi realizado somente no cartório, e comemorado em um ritual de umbanda, na praia, já que esta era a religião de Herivelto, embora Dalva fosse católica. A união gerou dois filhos: o cantor Peri de Oliveira Martins, o Pery Ribeiro, e Ubiratan Oliveira Martins.

A união durou até 1947, quando as constantes brigas, trações, crises violentas de ciúmes e humilhações por parte de Herivelto deram fim ao casamento. Matérias mentirosas que difamavam a moral de Dalva, alegando que ela traía o marido e participava de festas imorais, foram publicadas por Herivelto, com a ajuda do jornalista David Nasser no Diário da Noite e na Revista o Cruzeiro. Por ser cantora, sempre era apontada como detentora de moral duvidosa, e sua imprensa pesou nas acusações mentirosas.

Estes escândalos forjados fizeram com que o conselho tutelar mandasse Peri e Ubiratan para um internato, alegando que a mãe não possuía uma boa conduta moral para criar os filhos, o que a fez entrar em desespero e depressão, aumentando as brigas entre o ex-casal. Os meninos só podiam visitar os pais em datas festivas e fins de semana, e só poderiam sair de lá definitivamente com dezoito anos. Dalva lutou muito pela guarda dos filhos e sofreu bastante por isso. Em 1949, Dalva e Herivelto oficializaram a separação, se desquitando, já que a lei do

divórcio ainda não existia no Brasil.

Em 1952, depois de se consagrar mais uma vez na música mundial e eleita "Rainha do Rádio" de 1951, Dalva de Oliveira resolve excursionar pela Argentina, para conhecer o país e cantar em Buenos Aires. Nessa ocasião, conhece Tito Clemente, que se torna primeiro seu amigo, depois seu empresário e, mais tarde, seu segundo marido, quando Dalva se mudou para Buenos Aires, indo morar na casa de Tito, antes da união oficial.

Dalva não queria mais ter filhos por conta de sua carreira, que tomava muito seu tempo, mas sempre quis ter uma menina. Por isto, adotou uma criança em um orfanato de Buenos Aires e a batizou de Dalva Lúcia Oliveira Clemente. Dalva e Tito, após dois anos morando juntos, casaram-se oficialmente em cartório na Argentina e viveram juntos por alguns anos.

No começo, a união era feliz e estável, e criavam a filha com muito amor e dedicação. Após alguns anos de casamento, o casal passou a viver brigando, também por conta da carreira de Dalva, que vivia viajando, e de seus filhos, a quem constantemente visitava no Brasil. Isso desagradava o marido, que queria que ela deixasse para trás sua carreira e seu passado no Brasil para viver, exclusivamente, aqui dele e para a criação da filha, mas Dalva jamais aceitou esta imposição.

Dalva também era uma mulher simples e querida por todos, fazendo amizade com facilidade, mas Tito queria uma mulher fina e cheia de requintes, sempre pronta para atender a todos em cima do salto. Essa grande diferença de temperamentos, que culminou em muitas brigas e humilhações, pôs fim à união do casal no início dos anos 60.

Dalva de Oliveira era uma das grandes estrelas da música brasileira. O Rouxinol do Brasil, como era conhecida, cantou o amor e a dor da solidão. Interpretou canções que, em cada verso, refletiam a intensidade de seus sentimentos. Em cada melodia, as coisas simples da vida ganhavam uma dimensão maior na interpretação de Dalva, a "Estrela do Brasil".

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses

chefwalterulysses@hotmail.es



Foto: Freepik

Entre mortos e feridos

Tenho visto neste cenário, que a pandemia devastou, as empresas que chegaram a fechar as portas; as que estão tentando reabrir; as que se mantiveram com as entregas e os pequenos negociantes, que mesmo sem empresas abertas tiveram que reinventar para ter uma linha de faturamento para se sustentar. E essas últimas foram muitas e tiveram um bom resultado.

Os pequenos negociantes do ramo de alimentos – que no foco maior da pandemia tiveram que se virar nos trinta para sobreviverem – agora estão buscando se regularizar ao abrir suas empresas para virarem formais e poderem buscar plataformas maiores de venda de comida por seus aplicativos.

E essas pessoas têm buscado ajuda de profissionais na área de consultoria em gastronomia para poder ver acertos, erros e meios que possam abranger e melhorar na qualidade e vendas de seus negócios.

Como chef consultor, sei que realmente esse é o caminho a ser percorrido, pois não que houve uma demanda maior temos que ver e pesar o que foi de faturamento e prejuízos para chegar a um denominador comum. Trabalhar na irregularidade jamais, e sem documentação você não terá acesso a fornecedores e grandes empresas com as quais você poderá comprar com uma margem de lucro muito maior, além de poder trabalhar com as plataformas que falei acima, dos APPs existentes que hoje não são poucos.

Então, para isso você terá que criar um carro-chefe, ou um prato-chefe. Esse prato ou lanche... ele será o chama para sua venda dos outros produtos existentes na sua plataforma virtual do Instagram, Facebook e muitas outras para garimpar seus clientes que estão em busca de um preço chamativo e de qualidade.

Para os que já estavam em funcionamento e tiveram que voltar ao mercado e não venderam em sua forma de entrega, é uma etapa árdua e difícil de recomençar; pois é tudo quase como uma nova abertura, só que de maneira mais difícil, pois teve muitas contas a pagar, perca de mate-

rial e fornecedores querendo receber também.

Então, essa é a hora de fazer a mudança, tentar um empréstimo com o gerente do seu banco, desfazer de um veículo e investir no seu negócio e comprar um financiado, tentar renegociar os débitos com fornecedores e voltar a comprá-los novamente. Além de todos esses fatores, existe o processo de redução de clientes no estabelecimento. Portanto, seu quadro de funcionários terá que diminuir, provisoriamente, e muitas outras maneiras de se levantar novamente.

Mas para isso é necessário o profissional adequado para te ajudar e que você possa voltar a respirar novamente, uma pessoa que tenha um bom diálogo, comprometimento com a empresa, liberdade e que possa ter entendimento em toda a área do seu negócio. Mas para isso é fundamental um investimento para o seu sucesso e seu retorno.

Mesmo antes da pandemia a coisa não vinha sendo fácil para muitas empresas, pois tínhamos saído há pouco de uma grande crise e muitas empresas afogaram porque já existia o problema, então não desista, lute e corra atrás que seu sucesso será garantido.

PRATO DO DIA

Carne de hambúrguer oxente

Ingredientes

- 500g de carne de sol limpa e des-salgada
- 6 fatias de bacon, bem picadas
- ½ pão amanhecido picado
- 100g queijo coalho ralado
- 3 dentes de alho picados
- 1 cebola pequena bem picadinha
- ½ ramo de coentro picado
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Margarina ou manteiga

Modo de preparo

No processador, leve a carne e o bacon para triturar, sem deixá-las muito moídas.

Coloque a carne em uma vasilha, junte o pão, os demais ingredientes e amasse até formar uma massa bem homogênea.

Divida em 6 porções, modele no formato de hambúrgueres. Leve uma frigideira para aquecer em fogo médio.

Adicione um pouco de margarina ou manteiga, coloque dois hambúrgueres para fritar, primeiro de um lado e depois do outro, cuidando para que o centro cozinhe. Sirva como um sanduíche igual a fotografia ou coberto com molho de tomate e queijo levado ao forno para gratinar acompanhado de uma salada.



Foto: Arquivo pessoal



PITADAS A GOSTO



A ideia de colocar carne moída cozida ou frita entre dois pedaços de pães não é assim uma coisa do outro mundo.

Mas é bem antiga!

Inventado o pão (há mais ou menos 13 mil anos), inventado estava o hambúrguer. A origem da versão atual, de qualquer forma, está ligada ao Império Mongol, fundado por Genghis Khan no século 12. final do século 13, os domínios dos herdeiros de Genghis se estendiam da Península Coreana até o Leste Europeu. Eles tinham a tradição de moer carnes dura de roer (de cavalo e de camelo, por exemplo) para tornar a coisa mastigável, e a de adicionar leite ou ovo para dar liga.

“Grandes” são os mais beneficiados num mundo “pequeno” com a quebra das distâncias



Será a chamada aldeia global?

mo concorrencial, a fase do imperialismo, da atuação estatal na promoção dos grandes monopólios.

Na fase do imperialismo, ele explica que havia uma atuação ostensiva, inclusive de militares, em defesa dos capitais nacionais, porque as grandes empresas tinham seus interesses em escala internacional. “Não é à toa que a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais são chamadas de guerras imperialistas. Os estados, com a reorganização do poder econômico, foram também buscar uma reorganização do poder político, geográfico e territorial”, frisou Lucas.

Na década de 1970, houve uma leve mudança na maneira de como essas economias vão se relacionar, porque as empresas atingiram um patamar econômico tão elevado que, até certo ponto, prescindiam dos estados. “Ou seja, elas não precisavam exclusivamente dos estados nacionais para funcionar e poder se expandir”, afirmou o professor.

E com a evolução das tecnologias da informação e dos transportes, essas empresas passaram a atuar em vários estados simultaneamente, passando a se chamar de transnacionais. Lucas Almeida explica que a quebra de barreiras nas relações econômicas internacionais foram se firmando, e as multinacionais, garantindo a atuação do capital em escala internacional. Para que isso ocorresse, houve mais facilitação comercial, financeira e de investimentos. Tudo isso tendo como contribuição o processo de globalização.

Os pequenos fatos acabam tendo uma conotação global, pelo grau de integração das pessoas, da economia, das comunicações

Geraldo Medeiros

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

O processo de globalização, ainda em curso, vem colocando os moradores de todos os continentes do planeta dentro de uma mesma aldeia, gerando uma integração nas relações econômicas, políticas, sociais, comunicacionais e culturais entre as nações. Dependendo da ótica em que é observado, esse complexo fenômeno pode apresentar peculiaridades diferentes na sua definição.

“Globalização é o mundo se tornando muito pequeno, pela quebra de distâncias, pela aproximação das pessoas. É o mundo se tornando uma aldeia, a chamada aldeia global”, afirmou o economista Geraldo Medeiros. Segundo ele, esse é um processo histórico e contínuo, que a cada dia evolui. Significa dizer que “os pequenos fatos acabam tendo uma conotação global, pelo grau de integração das pessoas, da economia, das comunicações”.

O professor de Economia Lucas Milanez de Lima Almeida, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com doutorado em Economia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), declarou que esse é um termo muito amplo que, do ponto de vista histórico, remete ao início do capitalismo. Esse processo teria começado na fase das grandes navegações, no século XVI, e a partir daí foi se aprofundando.

Com a própria evolução do processo, o termo tomou dimensões gigantescas. De acordo com Lucas Almeida, a globalização atualmente abrange as transformações que o capitalismo sofreu na década de 1970 até os dias atuais, passando, por exemplo, pelo capitalis-

Um fenômeno secular ou recente?

O termo globalização é complexo e, dependendo do autor, pode ter pontos distintos quanto a sua origem. Segundo o economista e doutor em Ciência Política Filipe Reis Melo, que é professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na literatura há dois grupos de autores: um grupo que considera a globalização um fenômeno secular que está ligado às grandes navegações, e outro que entende a globalização como um fenômeno recente, que teve início na última década do século XX, com o advento da internet, que possibilitou a redução vertiginosa do preço da comunicação mundial.

“A economia mundial experimentou mudanças profundas desde então”, frisou. Filipe Melo afirma que, além da internet, houve o fim

da Guerra Fria, que possibilitou a adoção da doutrina neoliberal por grande parte dos países do mundo, a redução das barreiras comerciais e a emergência do setor financeiro como principal motor do capitalismo mundial.

Tudo isso promoveu uma interconexão dos mercados nacionais e das diferentes culturas nunca antes vista na história. Segundo o professor, a globalização que conhecemos hoje não foi um movimento natural, mas, pelo contrário, foi um movimento liderado pelas grandes corporações internacionais que são as que mais tiram proveito da globalização, especulando nos

A globalização veio, antes de tudo, atender aos interesses das grandes empresas

Filipe Melo

mercados financeiros, produzindo nos países onde o custo de produção é mais barato e vendendo seus serviços e produtos a qualquer comprador de qualquer lugar. “Portanto, a globalização veio, antes de tudo, atender aos interesses dessas grandes empresas”.

Abertura das fronteiras e acesso a produtos

Impulsionada pelo avanço dos sistemas de comunicação, tecnologia e meios de transporte, a globalização gera aspectos antagônicos na área econômica. Se por um lado empresas de grande porte puderam ampliar sua atuação no mercado internacional, gerando para diferentes povos acesso a uma vasta variedade de produtos, principalmente tecnológicos, por outro, ela gera uma pesada concorrência para os pequenos negócios, que chegam a não suportar tal pressão do mercado.

O economista Geraldo Medeiros destaca que, neste sistema global, uma empresa compete em nível mundial e não mais no seu local de atuação e, se não conseguir se firmar, perde espaço para outro empreendimento mais forte. “Ela pode perder espaço para uma empresa coreana, por exemplo, caso não consiga ser eficiente. Os produtos que consumimos vêm de

diversas partes do mundo, com peças que são também produzidas nos mais diversos lugares”.

O professor Lucas Almeida ressalta que, quando um país se integra, também abre suas fronteiras para esse tipo de concorrência estrangeira. É o outro lado da moeda. Ele conta, por exemplo, que, quando o Brasil passou por um processo de reestruturação e trouxe a globalização na década de 1990, permitiu que empresas de todo o mundo pudessem atuar no mercado nacional.

Com isso, os brasileiros tiveram a possibilidade de contar com produtos que antes não estavam nas prateleiras das lojas. Contudo, Lucas Almeida ressalta que, se essa integração não for feita de forma gradual, pode resultar na concorrência desleal para as empresas nacionais menores, resultando em fechamento de estabelecimentos e dos postos de trabalho.

A atuação das transnacionais em uma economia mais modesta pode resultar ainda numa maior dependência financeira desse mercado mais frágil, fazendo com que o “pequeno” economicamente falando passe a importar mais produtos. Isso acontece pela incapacidade de uma economia nacional concorrer com essa integração do mercado mundial.

Porém, esse processo global também obriga os empresários a evoluírem, investirem em tecnologia, se aperfeiçoarem, para conseguirem se manter ativos. Alguns conseguem se recuperar do impacto inicial e sobrevivem, mas, segundo o professor, isso não é regra. “Então, a globalização não é um elemento de absoluto positivo nem de absoluto negativo. Ela precisa ser analisada caso a caso, mas em geral, as economias mais atrasadas saem mais prejudicadas”.

Integração é viabilizada pelas relações políticas

Globalização quebra, de certa forma, a rivalidade entre países pouco amistosos

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Se na economia a globalização permitiu uma maior abertura e integração entre os mercados, o que possibilitou essa proximidade foram as iniciativas políticas dos líderes de várias nações, dentro de um processo democrático. “As formulações político-econômicas elaboradas pelos estados nacionais, os modelos de importação e exportação formulados. A política conduziu tudo isso e, portanto, foram momentos importantes dos processos de transições”, afirmou Luciano Nascimento, observador político, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Centro de Ciências

Jurídicas (CCJ) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

De acordo com ele, esse fenômeno global permitiu a livre circulação de pessoas e, do ponto de vista de uma plataforma política, a livre circulação de mercadorias com a criação de blocos econômicos ou organizações intergovernamentais como o da União Europeia, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) e o Mercado Comum do Sul (Mercosul). Esses interesses fomentados pela globalização quebraram, de certa forma, a rivalidade entre países pouco amistosos.

“Um exemplo são países como a Alemanha, a Inglaterra e a França. Grandes potências que sempre construíram relações com o olhar de desconfiança. E o processo de

globalização, com a ideia do processo comunitário europeu, aproximou esses países para um projeto único”, declarou Nascimento.

Mas um dos pontos negativos dessa relação político-econômica foi de que o fenômeno da globalização não tirou os países mais fracos financeiramente das suas posições no campo internacional, não promoveu desenvolvimento justo, equidade entre as nações, não melhorou a vida de todos os povos que integravam esse sistema, nem fez com que muitos governantes repensassem suas políticas públicas voltadas para os mais vulneráveis. “A globalização não contribuiu, em absolutamente nada, para se tirar os países mais vulneráveis, do ponto de vista econômico, das suas condições históricas”, frisou Luciano.

Foto: Arquivo pessoal



“A globalização não contribuiu em absolutamente nada para se tirar os países mais vulneráveis, do ponto de vista econômico, das suas condições históricas”

Luciano Nascimento

Efeitos do universo globalizante na política mundial

Quais seriam os efeitos do complexo universo da globalização na política mundial? “São vários”, declara o economista e doutor em Ciência Política, Filipe Reis Melo, professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E um dos principais seria o poder de influência que a cultura hegemônica, representada pelo modo de vida norte-americano (american way of life), passou a exercer no mundo.

Esse modelo tem implicações nas políticas nacionais pela imposição do pensamento único. “Ou seja, esse modelo de globalização passou a ser imposto na cultura política dos diferentes países, dando a impressão de que o único caminho na busca do desenvolvimento, seria o neoliberalismo, defendido pelas corporações mundiais”, enfocou Reis.

Outro efeito na política mundial, citada por ele, são os movimentos de reação à própria



Foto: Pixabay

globalização. Esses movimentos propõem outro tipo de globalização, isto é, uma globalização que fortaleça os laços de movimentos sociais globais, a articulação de sindicatos ao redor do mundo e de partidos políticos. Enfim, são movimentos que buscam o fortalecimento da democracia em

contraposição à globalização hegemônica, que retira o poder do povo e transfere-o às corporações.

O cientista político ressalta que, ao passar o poder estatal às empresas privadas, o modelo de globalização neoliberal enfraquece

os estados. Com isso, em vez de o Estado ser o canalizador da vontade popular, ele passa a atender aos interesses das corporações.

“Isso é muito claro no Brasil. Em vez de o Estado prover educação pública de qualidade, ele promove a educação privada; em

vez de o Estado fortalecer o nosso sistema único de saúde (SUS), ele deixa a população nas mãos de hospitais e de clínicas privadas; em vez de o Estado garantir a sua soberania sobre os seus recursos naturais, ele entrega esses recursos às empresas particulares; em vez de o Estado construir uma legislação trabalhista que proteja o trabalhador, ele permite que as condições e trabalho sejam cada vez piores e mais precárias, atendendo assim aos interesses dos empresários”, desabafou.

O professor e observador político Luciano Nascimento acrescenta que, do ponto de vista econômico e social, a globalização se concretizou nos países centrais. Mas, assim como o professor Filipe Reis, concorda que o processo global não minimizou as desigualdades nas nações mais pobres. “Não tivemos uma globalização dos direitos sociais, dos direitos trabalhistas, dos direitos da seguridade social, da previdência social”.

“Virada” no mundo ocidental e no leste europeu

“Nós estamos assistindo a um enfraquecimento da globalização”, afirmou o observador político e professor Luciano Nascimento. Segundo ele, o mundo vive uma virada política no mundo ocidental e no leste europeu. “Nos últimos cinco anos, presenciamos um processo da retomada do processo autoritário, do pensamento de extrema direita. Eu me refiro ao próprio Estados Unidos da América do Norte, com a eleição de Donald Trump, e ao Brasil, com

a eleição de Jair Bolsonaro (sem partido). Vimos isso também na Polônia e na Hungria”.

Luciano Nascimento ressalta que essa perda de poder se reflete na força da própria democracia. Um exemplo disso é a saída da Grã-Bretanha do processo comunitário europeu – com o Brexit. A saída do grupo mostra também que as relações políticas não dependem da globalização para se efetuem, mas sim das conexões entre os países.

Para o professor, o fortalecimento do pensamento social de extrema direita é motivo de preocupação, uma vez que o abismo social será ampliado e as condições financeiras dos países vulneráveis serão perpetuadas. “As grandes nações, do ponto de vista tecnológico e econômico, deverão comandar o processo político internacional com as suas economias e seus produtos industrializados e suas tecnologias. E, portanto, determinarão o futuro”.



Foto: Pixabay

Mundo hegemonico

Uma expansão que pode ser desigual e excludente

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Presente nas pautas econômicas e com foco voltado para o comércio multilateral entre as nações, a globalização representa uma nova etapa de revolução industrial com novas tecnologias que permitem a transformação nas relações comerciais. Mas não se restringe a isso. Academicamente, a globalização sofre com divergências para ser conceituada. Isso porque o fenômeno está muito além da cooperação entre países e também da “queda” de muros e fronteiras que separavam os territórios antes do avanço da internet em larga escala.

Para o sociólogo Noaldo de Sousa Ribeiro, “a globalização é um processo que rompe as fronteiras entre países, torna-os interligados,

nos níveis: econômico, social, político, jurídico e cultural. Notadamente na contemporaneidade, ganha maior fôlego com as formulações da Escola de Chicago e com a eclosão da revolução tecnológica que popularizou a internet e suas poderosas plataformas que permitem, em tempo real, a circulação de informações e conteúdos de toda ordem”.

O nome Escola de Chicago é dado a um grupo de professores e pesquisadores da Universidade de Chicago, que surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1920 e durante algumas décadas do início de século XX, trazendo uma série de contribuições à Sociologia, Psicologia Social e Ciências da Comunicação.

A Universidade de Chicago foi inaugurada em 1892, criada na cidade de maior índice de crescimento da época, a partir de doações de

batistas, liderados por John Rockefeller. Ela possuía faculdades separadas para humanidades, literatura e ciências além de uma escola de teologia e escola de pós-graduação.

Destaca-se nessa escola o funcionalismo em Psicologia, a Sociologia Urbana; Ecologia Humana, as formas sociológicas da Psicologia Social que receberam o nome de behaviorismo social e interacionismo simbólico, produzindo contribuições relevantes até os dias atuais, analisando a relação indivíduo – comunidade e a interpretação explicação como método e o estudo da linguagem fatores que intervêm na comunicação. Na Sociologia, a Escola de Chicago refere-se à primeira importante tentativa de estudo dos centros urbanos, combinando conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico.

Foto: Arquivo pessoal



“A globalização é um processo que rompe as fronteiras entre países, torna-os interligados”

Noaldo Ribeiro



Diálogo múltiplo, integração, fragmentação e desigualdade

A globalização está presente, de acordo com o pesquisador Octávio Ianni em seu livro ‘Teorias da Globalização’ (2001), na realidade e no pensamento de pessoas em todo o

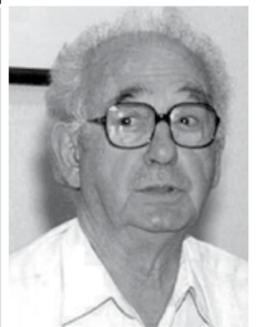
mundo para pensar as configurações e movimentos da sociedade global. Ainda segundo o sociólogo, o fenômeno, além de representar a ideia de diálogo múltiplo e

integração, também pode representar fragmentação e desigualdade.

“Parece-me que a conectividade proporcionada pela globalização produz aspectos promissores e, pela sua natureza ambígua, outros nem tão promissores assim. Neste particular, há um rosário de opiniões entre os especialistas, porém tudo deságua no embate ideológico.

Se por um lado, os partidários da economia de mercado comemoram o encurtamento virtual das distâncias, configurando o que se convencionou chamar de ‘Aldeia Global’, o que vem agilizar, mais facilmente, a realização de negócios, os defensores do socialismo reclamam da alta competitividade na busca por emprego e, ainda, pelo aumento das desigualdades, inclusive de informações”, destaca o pesquisador.

Foto: Arquivo pessoal



“Parece-me que a conectividade proporcionada pela globalização produz aspectos promissores e, pela sua natureza ambígua, outros nem tão promissores assim”

Octávio Ianni





Culturas divergentes & distintas

Resistência à perda das identidades e à anulação cultural

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobrega@gmail.com

No âmbito cultural não seria diferente no que diz respeito à globalização. O mundo é composto de sociedades caracterizadas por culturas divergentes e distintas. As raízes dessas culturas, geralmente com fundamento

religioso, são extremamente antigas e consolidadas através de critérios de convivência, de ritualização, de significação que buscam na preservação e transmissão dessa tradição como um processo vital para manutenção de sua existência na mente das gerações.

Com a globalização, porém, uma onda de expansão ocidental com suas tradições e valores se alastrou pelo mundo. Esse cenário de globalização não é, portanto, igualitário a partir do momento em que é evidente a existência de todo um cenário ideológico massificado com relações de hegemonia, poder, economia e cultura, contribuindo, inclusive, no processo de apagamento ou desvalorização de outras tradições. Mesmo que a possibilidade de compartilhamento global de diversas culturas e tradições seja possibilitada através da sociedade em rede. Pesquisadores da área observam que a globalização encontra a necessária resistência à perda das identidades e à anulação de culturas.

“É um processo que não foi automático, mas sim é contínuo da transformação da geopolítica mundial. Embora tenhamos que pensar criticamente porque a

gente vai ver uma dinâmica de concentração em determinada nação e em polos de produção cultural que são hegemônicos, mesmo que a gente tenha uma integração a partir da construção do ciberespaço, cibercultura e tecnologias da informação que põem em contato contextos que são absolutamente diferentes, diversos sócio, histórico, economicamente e culturalmente. Esses são aspectos da globalização que têm muita fragilidade e, na verdade, deixa exposto o processo de desigualdade nessa dinâmica”, avaliou Sandra Raquew dos Santos Azevedo, pesquisadora e professora na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Mesmo com essa desigualdade, o mundo conectado e acessível na palma da mão através de aparelhos tecnológicos, como o smartphone, possibilita a ideia de compartilhamento em larga escala e sem distinção territorial. É comum ouvir que,

quando se publica algo nas redes sociais, publica-se para o mundo. Desse modo, um músico paraibano pode publicar seu vídeo ou sua música em um aplicativo e vê-lo sendo acessado de várias partes do globo. Essa face da conexão e globalização é extremamente positiva, no entanto, deve ser pensada criticamente, como pontua Sandra Raquew.

“Existe um público consumidor muito amplo, mas um circuito produtor muito concentrado. Você tem uma simetria muito grande do ponto de vista dos bens culturais e também de quem produz esses bens. Não só bens no sentido da arte como experiência de consumo, a arte como uma indústria globalizada. Mas estamos falando da perspectiva de cultura a partir de sujeitos, identidades, culturas como um modo de resistência e de ser”, afirmou a pesquisadora.

Foto: Arquivo Pessoal



“Existe um público consumidor muito amplo, mas um circuito produtor muito concentrado”

Sandra Raquew

Processo de radicalização da digitalização

O antropólogo Carlos Alberto Azevedo lembra que, nesse sentido, é preciso pensar as relações entre cultura e sociedade pelo viés do poder e também pelo conceito de classe social ainda. “O que a gente vê é um processo de radicalização da digitalização da cultura, desmaterializando os produtos e fazendo-os circular de forma desigual e combinada. Ao mesmo tempo, ainda temos a cultura como valor local, como identidade, como interação e forma de vida. Pernambuco soube fazer de sua cultura local um produto internacional e até midiático. A Paraíba tem grupos que têm expressão internacional como o Quinteto da Paraíba, vinculado ao mundo universitário, ao mundo erudito que também trabalha no viés dessa grande síntese híbrida”, avalia Azevedo.

O Antropólogo complementa: “No entanto, é preciso deixar de tratar o pequeno artista como pedinte. É preciso ter políticas culturais que atendam ao setor e também se ter no empresariado a certeza que cultura também é um produto que dá lucro e que faz crescer a economia. É preciso se pensar a cultura sob esses pontos de vista para evitar esse massacre que está ocorrendo em nível nacional com essa distopia que desgoverna o estado brasileiro”, expõe.

Pensando no lugar da cultura no meio local, alguns pesquisadores pensam a globalização como uma face de dois gumes. Círcia Peruzzo, em seus estudos sobre mídia regional, avalia que ao mesmo passo que a globalização destrói fronteiras físicas, ela possibilita o apego às raízes. Para Giseli Sampaio, jornalista, professora de Comunicação e pesquisadora na área de estudos culturais, com ênfase em cultura popular e erudita, mídia e cultura, a Paraíba consegue, mesmo no meio da evolução gradual da globalização, manter a tradição de cultura popular.

“O que a gente vê é um processo de radicalização da digitalização da cultura, desmaterializando os produtos e fazendo-os circular de forma desigual e combinada”

Carlos Azevedo

Foto: Arquivo Pessoal



“Em se tratando em suas origens, a globalização se divide em uma tríade econômica, cultural e da informação. Ela tem e provoca um impacto muito grande em todos os segmentos dessa tríade e impacta diretamente impactos na vida social. Os aspectos positivo disso é a integração de saberes, culturas. Observa-se, principalmente aqui na Paraíba, que no segmento da cultura, o nosso estado ainda se tem um apego muito grande ao que chamamos de culturas das raízes, culturas nativas. E isso é perceptível porque há uma apropriação de todos os folgedos e aspectos da cultura popular que emergem e

preservados no nosso Estado. Digo que somos privilegiados por conseguir manter essas tradições”, lembrou Giseli Sampaio.

Ao mesmo tempo, interpenetração e interconexão entre nações em vários aspectos que, mesmo com esse caráter, são marcadas pela supremacia do capi-

tal e do mercado, entre regiões, estados nacionais e comunidades. A globalização representa, então, na instância cultural o encontro com a necessária resistência à perda das identidades e à anulação de culturas. A potencialização da demanda por singularidade e valorização do local e espaço da diferença é mantido e mantém vivas culturas não massivas, marginalizadas e excluídas da indústria cultural.

Vale lembrar ainda que a cultura, enquanto instituição do ser, é o que vai tornar os seres iguais e diferentes. Mesmo com a luta pelo mundo sem fronteiras, deve-se pensar o elo de identificação social do compartilhamento de crenças e tradições no território. Tornando o pensamento crítico sobre a globalização existente e diário.

“A globalização se divide em uma tríade econômica, cultural e da informação. (...) Os aspectos positivo disso é a integração de saberes, culturas”

Giseli Sampaio

Foto: Arquivo Pessoal



Professora Clemilde Torres Pereira, o legado de uma arquivista

Integrante da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba deixou rica herança intelectual através da publicação de livro e das artes

Messina Palmeira
messinapalmeira@yahoo.com.br

A Paraíba, que sempre foi berço de grandes nomes de mulheres inteligentes e intelectuais, teve, na figura da educadora e arquivista Clemilde Torres Pereira, uma importante representante educacional. Ela, que nasceu na cidade de Araruna, logo após a conclusão do curso no colégio Sagrado Coração de Jesus, em Bananeiras, Brejo paraibano, tornou-se professora no Ensino Normal.

Depois de concluir alguns cursos, e ainda muito nova, Clemilde foi nomeada chefe de pessoal do Protocolo, Fichário e Arquivo do Gabinete do então governador da Paraíba, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque. A partir daquela nomeação, o destino da arquivista estava traçado: documentar, educar, arquivar e organizar seriam as diretrizes de sua vida.

Já casada com o professor Afonso Pereira da Silva, um dos ícones da educação brasileira, Clemilde intensificou a sua missão de elevar a qualidade de ensino da Paraíba e como mãe dedicada, educou as filhas do casal, Maria das Graças e Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca. Clemilde, que deu valiosa contribuição voluntária à Academia Paraibana de Letras, à Santa Casa de Misericórdia, e à Fundação Padre Ibiapina, preparou, ainda, todo o processo de autorização para o funcionamento do Institutos Paraibanos de Educação (Ipê), unidade de ensino superior que deu origem ao fabuloso Unipê, fundada no ano de 1971 pelos professores Afonso Pereira da Silva (seu esposo), Marcos Augusto Trindade, José Trigueiro do Vale, Flávio Colaço Chaves, José Loureiro Lopes e Manuel Batista de Medeiros.



Arte: Tonio

Fotos: Acervo família Torres/Pereira



Os netos, Arnoldo Medeiros da Fonseca e Bárbara Pereira Medeiros da Fonseca



Bernardina Freire, Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca e Clemilde Pereira



Clemilde Pereira com a filha Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca



Homenagem do Unipê a Clemilde Pereira



A satisfação de apresentar o Arquivo Afonso Pereira

■ Durante os anos que tive a honra de conviver com meus avós, Afonso Pereira e Clemilde Pereira, testemunhei a relação de amor e de cumplicidade, de amizade e de fé, e da persistência em realizar juntos o sonho de construir uma comunidade culturalmente sólida, acessível a todos, em especial aos mais humildes. Ambos deixam um legado de obras, lembranças e amizades. Amando-os agora mais do que nunca, apesar da saudade, nós devemos nos inspirar neles e consolidar nossos sonhos sempre com vista à formação de uma sociedade mais justa a todos. Minha família alegre-se em ter testemunhado esse caminho trilhado no amor. A vida que meus avós compartilharam cumpriu-se o que é dito em 2 Timoteo 4:7-8: Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.
Texto de Daniella Pereira Barbosa



Clemilde Pereira entre filhas, netas e bisneta



Socorro Ramalho e Clemilde Pereira



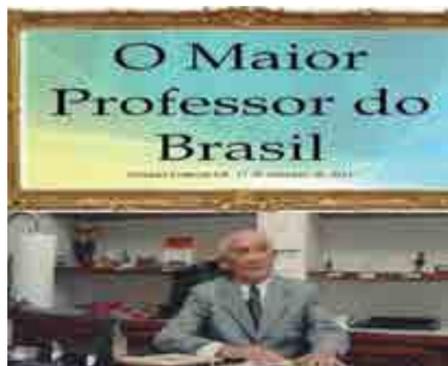
Clemilde Pereira Torres entre familiares e amigos



O casamento de Afonso Pereira da Silva e Clemilde Torres Pereira



Recebendo homenagem do jornalista Abelardo Jurema



Homenagem ao maior professor do Brasil



Margareth Diniz, Messina Palmeira e Clemilde Pereira durante homenagem na UFPB

Alienação parental afeta a família, além de ser crime

Entenda as causas e as implicações do comportamento, que pode gerar graves consequências emocionais aos filhos

Camila Tuchlinski
Agência Estado

Fotos: Pixabay



A alienação parental é mais comum em casos de divórcios não consensuais, onde os filhos são usados como armas por um ou por ambos os pais na intenção de atingir e ferir o outro

■ O QUE É

O advogado Flávio Goldberg, mestre em Direito, explica que alienação parental é o processo psicológico e social através do qual uma pessoa manipula o filho para afastá-lo do outro genitor. “Trata-se de um exercício de poder alicerçado em ciúme ou sentimento de posse e muitas vezes com o objetivo de agredir o ex-cônjuge naquilo que lhe é mais precioso, ou seja, o resultado amoroso de uma relação afetiva que terminou”, esclarece.

O especialista acrescenta que é muito frequente que a alienação parental seja produzida inclusive pelo medo da perda do afeto do filho, que ocorre com a cumplicidade eventual de familiares. “Nesta hipótese, acaba se travando uma disputa ambígua e confusa na qual os sentimentos indefinidos lesam a formação emocional da criança e estressando os laços obrigatórios do convívio imposto pelas circunstâncias”, afirma Flávio Goldberg.

A psiquiatra Aline Machado Oliveira vai além e dá exemplos de casos em que outras pessoas da família, além do pai e da mãe, praticam a alienação parental, como os avós. “Um pai, por exemplo, poderá tomar as dores da filha que foi traída e abandonada pelo marido. Ele poderá sentir-se traído igualmente e ficar frustrado, com raiva pelas atitudes do seu então genro. Mesmo sem perceber, poderá passar a falar mal do genro para os netos e isto constitui a alienação parental. Uma mãe, por exemplo, poderá sentir-se muito magoada e entristecida ao saber que a nora separou-se do seu filho e foi morar com outro homem. Isto poderá levá-la a difamar esta nora para os seus netos, o que também constitui alienação parental. Se a mãe ou o pai da criança passar a difamar seus avós, tios ou primos durante o processo de separação, isto também constitui alienação parental, pois esta é uma tentativa de afastar a criança dos seus familiares paternos ou maternos”, ressalta.

■ QUAIS SÃO OS PERIGOS

Os adultos que praticam a alienação parental estão tão envolvidos com seus próprios sen-

timentos que são incapazes de promover o respeito com os filhos. É dever dos pais não misturar os assuntos, pois as crianças naturalmente se sentem responsáveis pelas brigas e separações dos pais.

“Então, em situações em que as crianças são usadas por um membro do casal para prejudicar o outro, a situação, que já era ruim, torna-se ainda pior. Este sentimento de culpa aumentará ainda mais na criança ao ver seus pais brigando e se difamando. E este sentimento de culpa poderá levar ao desenvolvimento de transtornos psiquiátricos”, ressalta Aline Machado Oliveira.

O filho que sofre com a alienação parental pode apresentar sintomas de depressão, ansiedade, enurese noturna, terror noturno, insônia, ansiedade de separação e mutismo seletivo. A situação estressante também poderá prejudicar o sistema imunológico da criança e levar ao desenvolvimento de outras doenças, como as infecções. “Portanto, tanto o emocional quanto o organismo da criança ficarão prejudicados, o que certamente afetará seu desenvolvimento biopsicossocial”, alerta a psiquiatra.

■ CRIME PREVISTO EM LEI; SAIBA QUAIS SÃO AS PENAS

A alienação parental é um crime previsto na Lei número 13.431. “Quem comete alienação parental pode receber como punição a prisão preventiva ou incorrer em crime quando da desobediência de medidas protetivas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente e pela Lei Maria da Penha. Hoje cientificamente está comprovado que alienação parental na infância e na adolescência pode deformar a personalidade do indivíduo até a demência ou comportamentos patológicos. Nesta hipótese, é um crime que deve ser punido severamente”, avalia o mestre em Direito Flávio Goldberg.

A prisão preventiva é uma prisão cautelar que tem o objetivo de evitar que o acusado cometa novos crimes. Ela não poderá ultrapassar o prazo de 180 dias e, caso seja prorrogada por senten-

ça, deve respeitar o prazo máximo de 360 dias. A punição vai depender de cada caso, de acordo com o advogado: “O juiz irá analisar o caso concreto, podendo decidir por penas mais brandas até mais severas, desde uma advertência para que cesse a atitude do alienador até a retirada de sua guarda, suspendendo o pátrio poder em casos extremos”.

■ COMO PROVAR

Existem algumas maneiras de provar que a criança está sendo vítima de alienação parental, inclusive com conteúdos enviados por WhatsApp ou e-mail, segundo o advogado Flávio Goldberg. “Além disso, por relatório de psicólogo que evidencie a prática de alienação parental. O serviço de assistência social também pode servir para saber se está ocorrendo tal prática abusiva. São profissionais especializados com recursos para auxiliar em situações de ocorrência da alienação parental”, explica.

■ O QUE FAZER

Se você está passando por um processo de separação ou alguém muito próximo a você está passando por isto, lembre-se de não praticar a alienação parental. Não é sobre você e por você, é pelo bem-estar físico e mental dos filhos do casal. “Os filhos não precisam saber dos detalhes do término, como se houve ou não traição, abandono ou questões financeiras envolvidas. As crianças não saberão lidar com estas informações e isto somente fará com que se sintam ainda mais culpadas, angustiadas e deprimidas. Respeite seu filho (a), sobrinho (a), neto (a), afilhado (a). Proteja-o neste momento de dor e não torne a vida da criança ainda mais angustiante e infeliz”, aconselha a psiquiatra Aline Machado Oliveira.

Para as crianças que se encontram em intenso sofrimento devido a separação dos pais, a psicoterapia infantil é o recomendada. Assim, a criança se sente mais à vontade para expressar seus sentimentos. O mesmo espaço de escuta psicológica é essencial para que esses pais que estão em sofrimento emocional também se cuidem.

Para desvalorizar o(a) parceiro(a), um dos cônjuges começa a falar mal, a criticar e a julgar o outro na frente da criança





Defensoria Pública: um braço da Justiça apoiando a população

Na Paraíba, DPE presta atendimento de forma integral e gratuita para pessoas que possuam renda mensal inferior a R\$ 5 mil

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Serviços jurídicos nem sempre são acessíveis financeiramente para a população em geral, mas a Defensoria Pública do Estado presta atendimento de forma integral e gratuita para pessoas que possuam renda mensal inferior a cinco mil reais. As funções da DPE vão desde orientação jurídica e a promoção dos direitos humanos à defesa judicial e extrajudicial dos direitos individuais e coletivos.

Sendo uma instituição independente e autônoma, a Defensoria Pública é considerada um braço da Justiça, bem como a Advocacia e o Ministério Público, por exemplo. Com isso, o órgão se constitui como importante e essencial dentro do Estado Democrático de Direito, sobretudo para a construção de um modelo de sociedade mais igualitário, plural e com pessoas livres e com dignidade.

Patrícia Ferreira, diretora do Centro de Línguas da Paraíba, utilizou os serviços da Defensoria para auxiliar uma tia em tratamento contra o câncer. “Foi algo espetacular para a minha vida e a vida da minha família. Minha tia atualmente está passando por um processo de um câncer de mama que retornou, um câncer chamado de câncer metastático, e nesse retorno, ela já tomava remédios, mas era um remédio um pouco mais barato – digamos assim – com relação a esse que ela precisou tomar”, explicou ela.

Depois de descobrir a gravidade da doença, a tia de Patrícia foi receitada com um remédio que custa 25 mil reais. “A princípio, com a família, foi um desespero muito grande, porque a gente não tinha como ficar bancando cada caixa de 25 mil reais. Inicialmente, pensamos em fazer uma vaquinha e contratar um advogado, só que por coincidência, eu tinha recentemente conhecido Céu, que trabalha na Defensoria e comentei com ela”, disse Patrícia.

Apesar do receio e dos preconceitos que permeiam os atendimentos públicos, Patrícia destacou a surpresa positiva que teve com o serviço prestado pela DPE. “Nós entramos em contato com Dr. Manfredo, que foi assim uma pessoa que a gente não tem como pagar – só em orações mesmo pela saúde dele – esse serviço que ele fez foi uma defesa incrível para o caso da minha tia e assim, em menos de uma semana a gente já tava com o resultado positivo e minha tia já tava tomando e recebendo o remédio, começando o tratamento”, afirmou.

“Nesse momento, para a minha família, nos salvou. Nossa família estava muito angustiada, minha avó com quase 90 anos... Estávamos no início da pandemia, cheios de incertezas, então foi um grande alívio o

trabalho da Defensoria com todo o acompanhamento e o que Dr. Manfredo fez com a gente foi maravilhoso. E se Deus quiser a gente vai vencer essa guerra, mas a primeira batalha a gente venceu e foi a Defensoria Pública que nos ajudou como um exército, foi a chave de tudo”, enfatizou Patrícia, emocionada.

Segundo a Defensoria Pública do Estado da Paraíba, no órgão a população pode buscar atendimento para “orientações jurídicas em geral, não só para ajuizamento de ações”. “A Defensoria Pública também atua de maneira extrajudicial, através de mediações e conciliações”, destacou a assessoria do órgão. Diversos tipos de causas são atendidas na DPE, seja família, consumidor, cível, fazenda pública, saúde – como no caso da família da Patrícia – ou outras.

“A Defensoria Pública recebe praticamente todos os tipos de problemas que podem ser levados à Justiça, tais como criança e adolescente, idoso, mulher e portadores de necessidades especiais, defesa do consumidor e curadoria, Direitos Humanos, execuções penais e sistema prisional, família, cível e comercial, fazenda pública, juizados especiais criminais, registros públicos e acidentes do trabalho, Tribunal de Justiça e Tribunal do Júri”, conforme informações da DPE-PB.

Junto à DPE, o cidadão assistido pelo órgão terá os serviços prestados por um defensor público que lhe representará perante a Justiça de maneira a propor ações, acionar acusados, fazer defesa, orientar, fazer acordos e conciliações, atuar com as unidades prisionais e junto ao consumidor, fazer termos de conduta, dentre outras coisas. Além disso, a Defensoria Pública ainda pode disponibilizar os serviços de assistência jurídica para associações de bairro e outras organizações – mas é preciso que a entidade comprove que não tem condições de pagar as despesas do processo.

Contudo, a Defensoria Pública do Estado não atende questões trabalhistas ou aquelas relacionadas a órgãos federais, como, por exemplo, causas ligadas à Caixa Econômica Federal, de benefícios previdenciários do INSS ou de auxílio emergencial – nesse período de pandemia –, pois estas são causas atendidas pela Defensoria Pública da União.

O atendimento, geralmente, acontece de forma presencial. Entretanto, durante o período de pandemia do novo coronavírus, a Defensoria Pública Estadual está atendendo através do chat online disponível no site www.defensoria.pb.def.br e também pelos números institucionais e aplicativos de mensagem.

SERVIÇO

- Núcleo de Atendimento de João Pessoa
- Telefones: (83) 99945-3436 e 98654-8258
- Email: dpe1nucleo@gmail.com
- Núcleo de Atendimento de Campina Grande
- Telefone: (83) 98654-2744
- Email: defensoriap.nucleocg@outlook.com
- Núcleo de Atendimento de Guarabira
- Av. Dom Pedro II, 197 - Centro
- Das 9h às 14h, de segunda a quinta-feira
- Núcleo de Atendimento de Patos
- Telefone: (83) 98640-8427
- Emails: patos@defensoria.pb.def.br, nucleodepatos@gmail.com
- Criminal: (83) 9912-4272 - exclusivo WhatsApp
- Cível: (83) 98440-8427 - exclusivo WhatsApp
- Núcleo de Atendimento de Sousa
- Telefone: (83) 98654-2742
- Email: nucleosousa@defensoria.pb.def.br
- Núcleo de Atendimento de Cajazeiras
- Telefone: (83) 99332-2573
- Email: nucleocajazeiras@defensoria.pb.def.br



Durante a pandemia do novo coronavírus, a DPE está atendendo através do chat online no site e também pelos números institucionais e aplicativos de mensagem

COMO PUBLICAR NO DIÁRIO OFICIAL?

SisPublicações é o principal canal de acesso para publicações no Diário Oficial!
Publique decretos, leis, licenças, portarias, atos governamentais, licitações, atas, editais e outros.

GOVERNO ESTADUAL DA PARAÍBA E PREFEITURAS

- 1º Acesse o SisPublicações (doepb.com.br)
- 2º Acesse seu cadastro
 - Usuários já cadastrados: digite usuário e senha
 - Novo usuário: clique no local indicado, digitar CNPJ da repartição, preencher formulário da pessoa física responsável e solicitar código de acesso ligando para (83) 3218.6533 / (83) 993117684
- 3º Envie sua publicação

PARTICULARES (EMPRESAS, BANCOS, PESSOAS FÍSICAS) E CÂMARAS MUNICIPAIS

- 1º Acesse o SisPublicações (doepb.com.br)
- 2º Clique no local indicado para **Particulares**
- 3º Clique em Nova Publicação
- 4º Preencha o cadastro com os dados do solicitante e do documento para publicação
- 5º Envie sua publicação no Word ou pdf (desde que o layout já esteja dentro das formatações exigidas)
 - Formatação do DOE (Altura 28,5cm / Largura 24,9cm / fonte Times Roman 8/9)
 - Formatação do Jornal (Altura 52cm / Largura 29,5cm / fonte até 6)
- 6º Será gerado o orçamento e código de acompanhamento
- 7º Clique no código de acompanhamento
- 8º Emita o DAR e gere boleto para pagamento
- 9º Efetue o pagamento no BB através do código de barras
- 10º Transforme o comprovante de pagamento em pdf, salve e nomeie o arquivo na pasta com o comprovante.
- 11º Envie seu comprovante até as 15h30 para a publicação sair no dia posterior

! Não esqueça seu código de acompanhamento!
É essencial tê-lo para acompanhar sua publicação.

 **DIÁRIO OFICIAL**

 EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

 *Somos todos*
PARAÍBA
Governo de Estado